

Filozofická fakulta Univerzity Palackého v Olomouci
Katedra romanistiky

**Análise literária do romance do João Ubaldo
Ribeiro *Miséria e Grandeza do Amor de
Benedita* e tradução dos capítulos escolhidos**

Literary analysis of a novel by João Ubaldo
Ribeiro *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*
and translation of various chapters

magisterská práce

Bc. Barbora Lebánková
Studentka druhého ročníku magisterského studia
portugalské filologie
Akademický rok 2021/2022

Vedoucí práce: Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.

Olomouc 2022

Prohlašuji, že jsem tuto magisterskou diplomovou práci vypracovala samostatně pod vedením Mgr. Kateřiny Ritterové, Ph.D. a všechny použité zdroje a literaturu jsem v ní uvedla.

V Olomouci dne _____

Ráda bych poděkovala Mgr. Kateřině Ritterové, Ph.D., která mě během studia na Katedře romanistiky dokázala přivést k zájmu o překlad a vždy kladla připomínky, které mě vedly k přísnému udržování originálu a tím i zachování umělecké hodnoty původního díla. Velké díky patří i ostatním vyučujícím na Katedře romanistiky, kteří ve mě i spoustě dalších studentů dokázali za roky studia probudit skutečnou lásku ke všemu portugalskému a nikdy neváhali pomoci, když to bylo potřeba. V neposlední řadě bych ráda poděkovala lidem v mém okolí, kteří mě nikdy nepřestali podporovat.

ÍNDICE

1. Introdução	- 5 -
2. Parte teórica: <i>Miséria e Grandeza do Amor de Benedita</i>	- 7 -
2.1. Objeto da análise literária.....	- 7 -
2.2. Localização no espaço.....	- 8 -
2.3. Localização no tempo.....	- 13 -
2.4. Foco narrativo.....	- 14 -
2.5. Análise das personagens principais.....	- 19 -
2.6. Enredo.....	- 25 -
3. Parte prática: tradução dos capítulos escolhidos	- 28 -
3.1. Capítulo I.....	- 28 -
3.2. Capítulo II.....	- 29 -
3.3. Capítulo III.....	- 32 -
3.4. Capítulo IX.....	- 35 -
3.5. Capítulo XIV.....	- 38 -
3.6. Capítulo XV.....	- 42 -
3.7. Capítulo XVI.....	- 45 -
3.8. Capítulo XVII.....	- 48 -
3.9. Capítulo XVIII.....	- 50 -
4. Conclusão	- 52 -
Resumo em checo	- 53 -
Resumo em inglês	- 54 -
Bibliografia	- 55 -
Anexo	- 59 -
Anotação em português	- 108 -
Anotação em inglês	- 109 -

1. Introdução

Nesta dissertação de mestrado em filologia portuguesa será examinado o romance do autor brasileiro João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (1941-2014) *Miséria e Grandeza do Amor da Benedita* (2000) que consta de dezoito capítulos escritos em cento quarenta e seis páginas. O trabalho é dividido em duas partes - a parte teórica, ou seja, a análise literária e, a parte prática, isto é a tradução de nove capítulos escolhidos do livro de português brasileiro para o checo.

O João Ubaldo Ribeiro nasceu na Ilha de Itaparica no estado da Bahia e foi jornalista, professor, tradutor e escritor baiano e pertence entre um dos autores brasileiros mais conhecidos do século XX, entre os romances mais renomados sendo *O Sargento Getúlio* (1971), o único traduzido à língua checa, e *Viva o Povo Brasileiro* (1984). Durante a sua vida, o autor produz o total de 10 romances, mas também uma variedade de contos e crônicas. Como exemplo podemos mencionar as coletâneas *O Vencecavalo e o Outro Povo* (1974), *Um Brasileiro em Berlim* (1995), *Você Me Mata, Mãe Gentil* (2004). Adicionalmente, ocupou-se da literatura infanto-juvenil, tal como *Vida e Paixão de Pandonar; o Cruel* (1983) e escreveu também um ensaio político - *Política: quem manda, por que manda, como manda* (1981). Algumas das suas obras foram adaptadas para o cinema e o Ribeiro participou no processo da filmagem como guionista. A vasta maioria dos romances dele focaliza na região do Nordeste brasileiro e por conseguinte, podemos considerá-lo um autor regionalista. O escritor ganhou o prêmio Golfinho de Ouro (1971), o Prêmio Jabuti (1972, 1984) e o Prêmio Camões (2008).

Em adição à importância indiscutível do autor no contexto lusófono, escolhemos o romance também por motivo da complexidade da composição literária do romance que abrange questões do narrador, elaboração do enredo e a análise das personagens, quais pretendemos analisar na parte teórica. Primeiramente, pretendemos definir a localização no espaço e no tempo do romance. Seguidamente, procuraremos determinar o tipo do narrador, estabelecer as técnicas usadas para caracterizar as personagens principais e, analisar a estrutura do enredo juntamente com os termos estreitamente ligados ao enredo, tal como o prenúncio, clímax e o desfecho, todo em relação às características destes termos elaboradas por vários autores da teoria literária.

Por último, focalizaremos na parte prática, quer dizer, a tradução. Seleccionamos nove capítulos que considerámos adequados para exemplificar o estilo literário do autor para o leitor checo. Traduzimos os primeiros três capítulos que demonstram o contraste entre duas linhas narrativas temporais, assim como a maestria do autor em capítulos

descritivos. A seguir, escolhemos o nono capítulo onde podemos observar o modo de característica direta e indireta que o autor utiliza e, no final, os últimos cinco capítulos onde observamos o clímax do romance. Na parte de tradução buscaremos também preservar a ironia e humorismo, traços tão típicos para a escrita do autor.

2. Parte teórica: *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*

2.1. Objeto da análise literária

Antes de prosseguirmos à própria análise, vamos referir às informações sobre o objeto da análise literária - *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* de João Ubaldo Ribeiro (1941-2014) escritor, jornalista e guionista baiano que, entre outras coisas, foi famoso por escrever sobre a sua região natal - o Nordeste, tal como explica o Bosi: *Lembro João Ubaldo Ribeiro contando, em parte na esteira de Guimarães Rosa, os casos tragicômicos do seu Nordeste violentíssimo, minguado de recursos materiais, mas rico de memória e linguagem.*¹ (Bosi, p. 486). A obra publicada do autor abrange dez romances, entre os mais significativos *Sargento Getúlio* (1971) e *Viva o Povo Brasileiro* (1984), os dois sendo romances do regionalismo nordestino, nove coletâneas de contos e crônicas, um ensaio e três livros de literatura infanto-juvenil.²

Lançado via internet em 2000, o romance abrange 18 capítulos em 146 páginas e não pertence aos romances mais conhecidos de Ribeiro, posto que nunca foi traduzido de português (por outro lado, o *Sargento Getúlio* foi traduzido para, por exemplo, francês, inglês, espanhol, italiano e checo). Podemos observar a popularidade menor comparando também as vendas de *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* e o seu outro romance *A Casa dos Budas Ditosos* (1999):

E João Ubaldo Ribeiro viu fracassar o lançamento de seu romance via internet, *Miséria e grandeza do amor de Benedita* (www.submarino.com.br). Apesar do preço reduzido – apenas R\$ 3,80 –, menos de 7 mil cópias virtuais foram vendidas. Um número de fazer babar qualquer autor iniciante, mas decepcionante para Ribeiro, cujo título anterior em papel, *A casa dos budas ditosos*, chegou aos 100 mil exemplares. Meses depois, *Miséria e grandeza do amor de Benedita* chegou às livrarias, no formato tradicional, por R\$ 18,00.³

Como o livro segue uma história que ocorre exclusivamente na Ilha de Itaparica (veja o capítulo 2.2. Localização no espaço) e, posto isto, pode ser definido como um romance pertencente ao regionalismo. Seguindo a definição da Chiappini, o regionalismo pode ser catarerizado como "*qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades*

¹ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 50ª edição. 2015.

² RIBEIRO, João Ubaldo. *Setembro não tem sentido* (1968), *Sargento Getúlio* (1971), *Vencecavalo e o outro povo* (1974), *Vila Real* (1979), *Livro de histórias* (1981), *Política: quem manda, por que manda, como manda* (1981), *Já podeis da pátria filhos* (1981), *Vida e paixão de Pandonar; o cruel* (1983), *Viva o povo brasileiro* (1984), *Sempre aos domingos* (1988), *O Sorriso do Lagarto* (1989), *A vingança de Charles Tiburone* (1990), *Um brasileiro em Berlim* (1995), *O feitiço da Ilha do Pavão* (1997), *A Casa dos Budas Ditosos* (1999), *Arte e ciência de roubar galinha* (1999), *O Conselheiro Come* (2000), *Miséria e grandeza do amor de Benedita* (2000), *Diário do Farol* (2002), *A gente se acostuma a tudo* (2006), *O rei da noite* (2008), *O Albatroz Azul* (2009), *Dez bons conselhos de meu pai* (2011).

³ DALCASTAGNE, Regina. *Quatro notas sobre a literatura na internet*, disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9179/1/ARTIGO_QuatroNotasLiteratura.PDF (acesso em 25 de maio 2022).

*locais" definição que alguns tentam explicitar enumerando tais peculiaridades ("costumes, crendices, superstições, modismo") e vinculando-as a uma área do país: "regionalismo gaúcho", "regionalismo nordestino", "regionalismo paulista" [...].*⁴ O romance também inclui inúmeras expressões lexicais regionalistas puramente nordestinas às quais vamos dedicar-nos no capítulo seguinte.

2.2. Localização no espaço

No capítulo adjacente procuramos caracterizar o espaço onde o romance ocorre e, seguidamente procurar traços típicos desse espaço nos exemplos específicos do livro. O enredo de todo o romance ocorre na Ilha de Itaparica, que está localizada na Baía de Todos os Santos, perto de Salvador, a capital do estado da Bahia, situado no Nordeste brasileiro. Podemos ver de inúmeras menções da ilha já desde o segundo capítulo, onde podemos observar a primeira:

Há os letrados que só se expressam em polissílabos e não podem ver uma proparoxítona que não queiram logo desfrutar, os quais preferem explicações mais rebuscadas, pois a simplicidade lhes traz grande desventura, de maneira que escrevem livros e artigos de jornais para mostrar como tudo se deve à formação histórica do itaparicano.⁵

Além disso, podemos considerar referências às vilas e lugares que se encontram na ilha ou nas proximidades dela, tendo como exemplo Gameleira no primeiro capítulo, São Lourenço e Fonte de Bica no segundo capítulo, Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Nazaré das Farinhas no quinto capítulo, Jequié, Irmão Florindo e Ponta do Trilho no nono capítulo ou, o Campo Formoso no décimo sexto capítulo. Para demonstrar efetivamente ao leitor, incluímos um mapa da ilha, juntamente com a localização da Ilha de Itaparica no contexto da Bahia (veja a página seguinte).

⁴ CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *DO BECO AO BELO: dez teses sobre o regionalismo na literatura*, disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1989/1128/0> (acesso em 30 de maio de 2022).

⁵ UBALDO RIBEIRO, João. *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 19.



Figura 1: Mapa da Ilha de Itaparica⁶



Figura 2: Mapa do estado da Bahia⁷

⁶ <http://albumdefotosdefabiomotta.blogspot.com/2009/11/mapa-da-ilha-itaparica-na-baia-de-todos.html> (acesso em 29 de maio de 2022).

⁷ <https://i.pinimg.com/474x/3a/63/8c/3a638c604dbe410b765f8744e7798d31.jpg> (acesso em 29 de maio de 2022).

Relativamente às informações básicas da ilha, Costa Souza indica o seguinte:

A Ilha de Itaparica apresenta uma área de 246 km², sua maior parte (211 km²) pertence ao município de Vera Cruz (cerca de 87%), enquanto que o município de Itaparica ocupa 13% restante, dividindo suas riquezas e tradições. Segundo o IBGE (2013), na Ilha de Itaparica vivem cerca de 22.329 pessoas (município de Itaparica), enquanto que no município de Vera Cruz sua população está estimada em 41.524 pessoas. [...] A Ilha de Itaparica apresenta inúmeros recursos naturais, tais como: manguezais pouco explorados, localizados em sua contracosta. Na maior parte do seu território predomina a vegetação tropical como os coqueirais. A temperatura média anual fica em torno de 24°C, com máxima de 31°C e o período chuvoso acontece nos meses de julho e agosto.⁸

Em relação à *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*, podemos observar várias alusões à riqueza da flora e fauna da ilha, especialmente no segundo capítulo, completamente dedicado tanto à descrição do aspeto visual da natureza: *Para ficar apenas num exemplo, quem compreende os mangues, todas as suas plantas, todos os seus mosquitos, todas as suas mutucas, todas as suas locas, todos os seus siris, sururus, caranguejos e aratus?*⁹, como o comportamento das pessoas e animais: [...] *justificada fama da ilha de altamente favorecer a propensão para a libidinagem, já de fábrica embutida na maioria das pessoas que não as doentes e incitada logo na primeira respirada que ele ou ela dá na ilha.*¹⁰

No que se diz respeito à povoação, Moreira declara:

A comunidade que ali se instalou é predominantemente negra, composta por marisqueiras e pescadores artesanais, [...] A predominância do sexo feminino é maior na comunidade. A família é constituída aproximadamente de oito ou mais membros. [...] Independente da fé religiosa de origem católica e das crenças, os moradores do Baiacu aderiram à prática do sincretismo religioso. O candomblé e a umbanda persistem junto aos moradores.¹¹

Alguns destes traços podemos notar também no romance. Quanto ao tamanho da família, no sétimo capítulo podemos observar que a família das personagens principais (a Benedita e O Deoquinha) têm 7 filhos e ao longo do enredo adotam adicionalmente um filho ilegítimo do Deoquinha. Em relação à religião dos habitantes, segundo Barbará cerca de 65% da população da Bahia era católica em 2010.¹² A temática do catolicismo é evidente na menção de sexta-feira santa no décimo terço capítulo: *Que novidade era aquela, visita de Cadinha, que nunca saía de casa à noite e só visitava a irmã em dias próprios para ir*

⁸ COSTA SOUZA, Chelly. *Turismo de Sol e Praia e Segunda Residência: transformações territoriais na Ilha de Itaparica (BA)* disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/112.pdf> (acesso em 29 de maio de 2022).

⁹ UBALDO RIBEIRO, João. *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 15.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 16-17.

¹¹ MOREIRA, Cristina F. *A Ilha de Itaparica* disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8784/5/Cristiane%20F.%20Moreira%20-%203%20-%20A%20ILHA%20DE%20ITAPARICA.pdf> (acesso em 29 de maio de 2022).

¹² BARBARÁ, Luiz. *Bahia é a porta de entrada das principais religiões do Brasil* disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/bahia-e-a-porta-de-entrada-das-principais-religioes-do-brasil/> (acesso em 29 de maio de 2022).

ter com a família, como a sexta-feira santa? (Ubaldo Ribeiro, p. 100)¹³, mas também no décimo quarto capítulo, quando se relata às características do René - um suíço protestante que mora em Salvador: *Em terceiro lugar e, sob certos aspectos, não menos importantemente, vinha René a ser protestante. Ninguém na ilha nunca teve nada contra os protestantes, que são hereges, mas também são filhos de Deus, nada desse negócio de dar pedrada em igreja de protestante, como antigamente.* (Ubaldo Ribeiro, p. 121).¹⁴ Relativamente à declaração de Moreira mencionada previamente sobre candomblé e umbanda, é possível reparar em algumas alusões na *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*, mas anteriormente vamos mencionar as características relevantes definidas por Bezerra: *Candomblé - Ser pai e/ou mãe de santo é equivalente ao sacerdócio católico. Por isso, é difícil para eles terem uma vida comum, pois há uma série de restrições alimentares, de vestimentas e de atitudes.*¹⁵ Este aspeto da vida é um dos mais perceptíveis da vida do Deoquinha que, a parte da sua família nuclear, tem inúmeros filhos ilegítimos e é capaz de fazer todo o possível por eles:

A vida podia ter seus momentos de provação, mas ele era pai, acima de tudo pai, crescido e multiplicado e agora contemplando, de coração enternecido, sua filhinha caminhar tão faceirinha, na direção do largo da Glória. Pai, pai, como é bom ser pai, que bênção de Deus ser pai, nada neste mundo contém valor igual.¹⁶

Segundo aspeto relevante para o romance que Bezerra menciona relativamente umbanda é que esta religião *tem incorporação de entidades encarnadas, ou seja: de espíritos que já viveram na terra.*¹⁷ Esta característica podemos observar em vários trechos do livro. A mais evidente vemos no nono capítulo, onde uma das personagens está a pensar sobre conversas com um homem morto que conhecia e que, agora manifesta-se a ela:

E Gumercindo, cujo espírito também se manifestava e, ao contrário do que se propala sobre as almas dos suicidas, se apresentava sempre calmo e equilibrado, com um sorriso que não podia ser descrito como alegre, mas estava longe de ser triste? [...] Pobre Gumercindo, que agora, nas sessões em que baixava, falava com ela com uma atenção quase formal, as boas maneiras com que sempre tratara todos. Pobre Gumercindo, não, pobre ela, pobre ela, que nem ao enterro dele foi.¹⁸

O segundo trecho vem do segundo capítulo onde o autor menciona várias vezes o aspeto de encarnação juntamente com Deus e por conseguinte podemos deduzir que estes fés na ilha de fato coexistem pacificamente:

¹³ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 100.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 121.

¹⁵ BEZERRA, Juliana. *Candomblé* disponível em: <https://www.todamateria.com.br/candomble/> (acesso em 29 de maio de 2022).

¹⁶ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 52.

¹⁷ Ob. cit.

¹⁸ Ob. cit. p. 71, 72.

Nem uma vida, nem duas vidas, nem quatro vidas, nem dezoito vidas bastariam para se aprender tudo o que há na ilha. Sabe-se de gente que está nela faz mais de quarenta ou cinquenta encarnações e, a cada reencarnação, por mais bem vividas que tenham sido as anteriores, o encarnado pode até pensar que já compreende muita coisa, mas, quando fica velho, vê que não compreende quase nada, precisa voltar sabe-se lá quantas vezes — Deus não tem pressa nenhuma, para Ele tudo é ontem, hoje e amanhã, só quem vive dentro do tempo somos nós.¹⁹

Em consequência do lugar específico, temos que mencionar também a língua correspondente usada no romance. Segundo a Cardoso, podemos observar três diferenças maiores segundo a região:

(i) o aspecto fônico, a maneira como se realizam os fonemas, atinge o ouvido do falante e o faz perceber o que distingue as elocuições em um grupo de pessoas [...]; (ii) o léxico mostra de forma mais concreta as diferenças de uso que, muitas vezes, interferem na comunicação [...]; (iii) a sintaxe, ao mostrar as diferenças, em certos casos, estratifica, qualificando os falantes em mais próximos ou mais afastados da norma linguística [...]²⁰

Com respeito a estes traços, neste parágrafo vamos indicar exclusivamente o léxico dando vários exemplos específicos do romance, que usa o próprio autor como narrador, mas também que é usado por outros narradores. Já no primeiro capítulo podemos observar a seguinte frase: *Era por causa disso que Tinoca irrompera pálida e descabelada da dita casinha, na busca escarreirada de seu irmão Lourival Divino Beiço* (Ubaldo Ribeiro, p.11). A palavra “escarreirada” é uma expressão tipicamente baiana que significa “apressado”.²¹ Outra amostra podemos ver no capítulo seguinte: *E, dando uma trava derradeira nesses homens da cultura, indaga-se a eles se a planta tem coisas culturais.* (Ubaldo Ribeiro, p. 20). Outro exemplo de uma expressão regionalista vemos no décimo quarto capítulo: *Parecendo um busca-pé azuretado, sai de lá da quitanda de Juvenal,* (Ubaldo Ribeiro, p. 116) - a expressão “azuretado” significando “confuso” ou “desnorteado”.²² Estas são somente alguns exemplos de uso do léxico nordestino para evocar o vocabulário que o autor utiliza para criar um espaço autêntico da região.

2.3. Localização no tempo

Neste capítulo, vamos continuar por um comentário da localização temporal da história. Como já mencionamos previamente, em *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*

¹⁹ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 15.

²⁰ CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Que traçados faz o léxico do Nordeste? (Considerações a partir do Atlas linguístico do Brasil)*. in CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS DO NORDESTE: língua, lugar e sociedade*. São Paulo. Editora Edgard Blücher. 2017, p. 13.

²¹ *Dicionário baianês*, disponível em: <https://acarajeedeliciasdabahia.com.br/dicionario-baianes/> (acesso em 31 de maio de 2022).

²² *Dicionário Informal*, disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/azuretado/> (acesso em 31 de maio de 2022).

há duas linhas temporais. A primeira delas (narrada pelo narrador onisciente) inicia-se logo no primeiro capítulo do livro com a morte do Deoquinha, uma das personagens principais do romance e, continua só no penúltimo capítulo do romance, seguindo os acontecimentos estreitamente relacionados à morte dele, por exemplo o enterro, podemos deduzir que não decorre mais do que um ou dois dias. Neste caso não há nenhuma especificação temporal e posto isto, o leitor pode imaginar o romance ocorrer em uma época qualquer.

Por outro lado, a segunda linha narrativa (narrada através dos pensamentos do Lourival) retoma continuamente e lentamente usando narração descritiva desde o segundo capítulo e continua cronologicamente até ao décimo sexto capítulo. À vista disto, podemos caracterizar o estilo narrativo como retrospectivo - o autor revela o fim do livro, ou seja a morte do Deoquinha, mesmo no primeiro capítulo e os leitores procuram encontrar a razão ou explicação. Todorov caracteriza a retrospectiva da maneira seguinte:

Não há história a adivinhar; não há mistério, no sentido em que ele estava presente no romance de enigma. Mas o interesse do leitor não diminui por isso: nota-se aqui que existem duas formas de interesse completamente diferentes. A primeira pode ser chamada de curiosidade; sua caminhada vai do efeito à causa; a partir de certo efeito (um cadáver e certos indícios) é preciso encontrar a causa (o culpado e o que o levou ao crime). A segunda forma é o suspense [...].²³

Apesar disso, sob o outro ponto de vista, podemos questionar que o fim verdadeiramente importante do enredo não é a morte do Deoquinha, é o último capítulo quando seguimos os pensamentos da Leocádia que tem dúvidas sobre a verdadeira vida da Benedita e ela confirma indiretamente. Ainda assim, tecnicamente é a estrutura retrospectiva dado que no primeiro capítulo vemos uma parte do fim do livro.

A segunda linha ocorre antes da primeira linha retrospectivamente, nada obstante, não sabemos quanto tempo antes. De modo contrário à primeira linha, esta desenvolve-se por um tempo de, pelo menos, quase um ano que podemos deduzir da continuação temporal do décimo segundo capítulo falando sobre a sexta-feira santa, quer dizer, dia 15 de abril: *Que novidade era aquela, visita de Cadinha, que nunca saía de casa à noite e só visitava a irmã em dias próprios para ir ter com a família, como a sexta-feira santa?*²⁴ para o décimo terceiro capítulo: *Só quem viu, só quem viveu aqueles dias é quem pode saber. Garrida manhãzinha de março, das que florem somente aqui na ilha, um nordeste*

²³ TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2006, p. 98.

²⁴ UBALDO RIBEIRO, João. *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 100.

amável anunciando amores, tarde de brisa, paz na vida, reconciliações e confiança no futuro, solos e improvisos de bem-te-vis, [...] ²⁵ já mencionando o mês de março.

De fato, a história quase não atinge nenhuma alusão ao tempo da história. O único indício encontramos no capítulo nove: *Não está mal, a verdade é que nunca está mal, com toda a isenção, ainda mais para quem nunca esfrega Antisardina ou qualquer outra dessas porcarias na cara, a cara dela era aquela mesma e não estava mal.* (Ubaldo Ribeiro, p. 68)²⁶ Nesta citação vemos um nome do produto brasileiro *Antisardina* que era produzido em anos cinquenta e, visto isto, podemos deduzir que o enredo desenvolve-se aproximadamente nessa altura.

2.4. Foco narrativo

Neste capítulo procuramos caracterizar o foco narrativo definido por Chiappini como: *Problema técnico da ficção que supõe questionar "quem narra?", "como?", "de que ângulo?". Para muitos é sinônimo de ponto de vista, perspectiva, situação narrativa ou mesmo narrador.*²⁷ primeiramente dando caracterização teórica do narrador e depois aplicando-a ao caso da *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*.

Em conformidade com a tipologia de Friedman²⁸, a Chiappini define seis tipos de narrador. Os tipos mais relevantes para a finalidade de determinar o narrador no romance são o narrador onisciente intruso que

[...] tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou [...] por trás, adotando um ponto de vista divino, [...] para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse de fora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. [...] predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada.²⁹

e, o narrador onisciente neutro que

fala em 3.ª pessoa. [...] bastante frequente o uso da cena para os momentos de diálogo e ação, enquanto, frequentemente, a caracterização das personagens é feita pelo narrador que as descreve e explica para o leitor. [...] ausência de instruções e comentários gerais ou

²⁵ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 105.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 68.

²⁷ CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *O Foco Narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Editora ática. 1985, p. 90.

²⁸ FRIEDMAN, Norman. *Point of View in Fiction, the development of a critical concept*. In: STEVICK, Philip, ed. *The Theory of the Novel*. New York, The Free Press, 1967.

²⁹ Ob. cit. p. 27, 28.

mesmo sobre o comportamento das personagens, embora a sua presença, interpondo-se entre o leitor e a história, seja sempre muito clara.³⁰

Tendo caracterizado os tipos relevantes dos narradores em geral, podemos a partir deste momento focalizar-nos na *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Podemos identificar um narrador onisciente relatando a história em terceira pessoa, observando o que está a acontecer e descrevendo a cena sem intervir no enredo ou fazer parte nele. Este traço podemos observar no primeiro capítulo: *Nunca mais — duras e dolorosas palavras. Lourival sentou-se na beira da cama e dirigiu os olhos para a janela. Não pensou em abri-la porque sabia que lá fora estava gente querendo espiar e ele precisava pensar no que fazer.* (Ubaldo Ribeiro, p. 13)³¹ É onisciente visto que é capaz de contar os pensamentos das personagens e mudar a localização do tempo no romance como já definimos no capítulo 2.3. *Localização no tempo*. Podemos excluir a opção do narrador onisciente neutro dado que notamos uma vasta quantidade de comentários e avaliações das personagens e dos costumes na ilha. Como um exemplo podemos observar todo o segundo capítulo que abrange uma avaliação do comportamento da fauna e da gente na ilha e quanto à avaliação das personagens, serve-nos bem como um exemplo a introdução do nono capítulo, onde o narrador caracteriza a vida duma mulher celibatária e avalia o comportamento dela:

E quase nenhuma delas faz coisa alguma que não se espere dela e não se aprove, sendo somente por isso cada uma merecedora, sem maiores restrições, de um lugar no Céu, dispensada a estada no Purgatório. Se faz algo fora das normas, faz por onde ninguém descubra, nisto tendo mais arte que um tecelão levantino. E, praticamente sem exceção, o que fazem é inteiramente compreensível, justificável e humano — nada do que outros e outras por aí, em situação muito menos aflitiva, não façam, e bastante pior.³²

Do ponto de vista dos pensamentos das personagens, ou seja, o monólogos interiores e fluxo de consciência, podemos discutir se se trata do narrador intruso ou o narrador de onisciência seletiva. Aqui devemos voltar ao traço divino do autor onisciente intruso que é definido pela Chiappini. No romance frequentemente observamos narração dos acontecimentos do ponto de vista duma personagem, podemos discutir que se trata do fluxo de consciência do Lourival Divino Beijo (para as características dele veja o capítulo seguinte - 2.5. *Análise das personagens principais*), há perguntas retóricas e uma avaliação “do dentro”, quer dizer, pela pessoa que reside na ilha e conhece-a perfeitamente usando as expressões como “aqui” ou “por aqui perto” e os nomes próprios das pessoas que moram

³⁰ CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *O Foco Narrativo (ou A polémica em torno da ilusão)*. São Paulo: Editora ática. 1985, p. 33.

³¹ UBALDO RIBEIRO, João. *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 13.

³² Idem, ibidem, p.66, 67.

na ilha, frequentemente mencionando também alguns detalhes da vida deles - padre Amadeu, Vitório Honório, Iaiá Naninha et cetera, apesar de serem sem importância no contexto do enredo. Observamos o discurso direto e indireto (o segundo continua ser inusitado), descrição dos acontecimentos no passado e uma falta de divisão em frases individuais por pontos, em substituição deles há vírgulas adicionando mais e mais informações numa só frase que, amiudadamente forma um único parágrafo. Este traço é característico tanto nos capítulos descritivos como nos narrativos:

E medida justa da fúria da turba que apenas dois outros oradores ainda se tenham feito ouvir, o primeiro dos quais com respeitosa relutância, dado tratar-se do idoso coronel Vicente Mendes Patracanho, da Guarda Nacional e homem cujos muitos haveres lhe conferiam natural dignidade, mas cuja mente, sob o perverso assédio de seus bem mais de noventa verões, já às vezes lhe faltava ao corpo, de maneira que, desempenado e rijo como um dendezeiro novo, a voz ainda capaz de comandar batalhões, costumava narrar histórias sem começo, meio ou fim, embora, para contentamento de todos, nunca objetasse a ser sustado, quando então batia palmas para si mesmo e abraçava os circunstantes com efusão, agradecendo a elogios que ninguém lhe tinha feito.³³

Para endossar a hipótese do narrador ser uma personagem do romance e observar o sentimento da opinião geral, vamos indicar os trechos seguintes:

E que é que se vê nesta ilha, que no mundo não tem comparação? Nem uma vida, nem duas vidas, nem quatro vidas, nem dezoito vidas bastariam para se aprender tudo o que há na ilha. Sabe-se de gente que está nela faz mais de quarenta ou cinquenta encarnações e, a cada reencarnação, por mais bem vividas que tenham sido as anteriores, o encarnado pode até pensar que já compreende muita coisa, mas, quando fica velho, vê que não compreende quase nada, precisa voltar sabe-se lá quantas vezes [...].³⁴

Se está escondida, presa, amarrada ou amordaçada, pula da toca e escolhe a liberdade, disso não escapando nem mesmo padres e freiras dos mais aferrolhados, como todos aqui lembram, desde padre Amadeu das quatro raparigas à irmã Cecília do juvenil de futebol do São Lourenço, que Deus os tenha em Sua santa paz — gente elevadíssima, padre Amadeu chefe de famílias exemplar e amantíssimo, irmã Cecília responsável pela boa educação de rapazes hoje até altos funcionários da Prefeitura.³⁵

Um outro argumento para implicar que o narrador faz a narração pelo ponto de vista do Lourival Divino Beijo encontra-se no décimo sétimo capítulo, quando a história é quase terminada, com a frase inicial:

Em tudo isso acabava de pensar agora Lourival Divino Beijo, que fizera parte da multidão naquele dia inolvidável, até carregando umas pedras nas mãos para jogar no alemão, pedras estas que deixara escorregar para o chão sem sentir, após ouvir Benedita. De repente saiu da memória e retornou ao quarto em que estava diante do cadáver de Deoquinha.³⁶

Neste ponto podemos considerar que o narrador usa o Lourival como o mediador de narração já no final do primeiro capítulo, onde vemos um fenómeno irreal e por

³³ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 133, 134.

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 15.

³⁵ Ob. cit. p. 17.

³⁶ Idem *ibidem*, p. 139.

consequente deve ser uma imaginação na mente do Lourival: *Esta é que é a realidade, pensou Lourival Divino Beijo e a janela se alargou e alteou até tomar toda a parede, e o que se via era tudo.* (Ubaldo Ribeiro, p. 13) Tendo definido o anterior, é preciso ponderar o fato que seja possível que na maioria do livro trata-se meramente dos pensamentos da personagem que reflete sobre o passado e os acontecimentos que levaram para o momento da morte do Deoquinha. Consequentemente, podemos caracterizar este fenômeno como fluxo de consciência. A Chiappini define este termo da maneira seguinte: *O fluxo de consciência, na acepção de Bowling, é expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a sequência lógica e onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente. Trata-se de um "desenrolar ininterrupto dos pensamentos" das personagens ou do narrador.* (Chiappini, 1985, p. 68).³⁷ Em concordância com o Humphrey, o fluxo de consciência utiliza técnicas de monólogo interior (ou seja, perguntas retóricas e avaliações), modalidade convencional (a relevância e a alusão à opinião geral), fluxo (o fluxo dos pensamentos, muitas vezes não suave, de uma associação a outra) e montagem de tempo e espaço (o narrador é onisciente e pode passar de um momento ou um lugar a um outro quando quiser).³⁸ Todos estes traços podemos observar ao longo da narrativa, e, por conseguinte, a narração pode ser considerada como subjetiva e portanto, nestes capítulos trata-se do ponto de vista do narrador não confiável, quer dizer, relata os acontecimentos como ele acha preciso. É também por causa do fluxo de consciência do Lourival, que notamos uma composição do tempo misturada e não cronológica - a mente dele move-se de um momento a um outro e assim também seguimos nós, os leitores. Este fenômeno pode ser definido como tempo psicológico que o Bartfeld caracteriza da maneira seguinte:

Nas narrativas psicológicas, o enredo é estruturado a partir da mente do narrador ou de uma personagem (não sendo incomum tratar-se, nestas narrativas, de um narrador-personagem). Os acontecimentos de um enredo psicológico nem sempre são evidentes, uma vez que não correspondem obrigatoriamente a ações concretas das personagens, mas também a movimentos interiores, da psicologia da mesma: emoções, lembranças, conhecimentos, sentimentos, sensações... A ordem destes acontecimentos não segue uma coerência cronológica, mas a vontade do narrador, [...]³⁹

O movimento dos pensamentos está frequentemente incluído até numa só frase - podemos observar a mudança do tempo em trecho abaixo:

³⁷ CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *O Foco Narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 68.

³⁸ HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência*. Rio de Janeiro: Editora McGraw-Hill do Brasil. 1976, p. 21-56.

³⁹ BARTHES, Roland. *A análise estrutural da narrativa. Seleção de ensaios da revista "Communications"*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda. 1976, p. 147.

Triste momento, cena cruel, desenlace fatal, traspasso inesquecível para Mocerota, que morreu se culpando pela morte de Adenilde. Mas como poderia ele esperar o que iria acontecer? Encontrou-a sentada na poltrona estofada, cercada de almofadas e com uma rodela de batata colada em cada têmpora.⁴⁰

A narração do ponto de vista do Lourival muda-se no nono capítulo. Aqui há uma mudança abrupta para o monólogo interior da Leocádia narrado pelo narrador onisciente, ou seja, não em primeira pessoa do singular - a Leocádia. A Chiappini debate que a diferença entre o monólogo interior e o fluxo de consciência é a ordem dos pensamentos:

Já o monólogo interior implica um aprofundamento maior nos processos mentais, típico da narrativa deste século. A radicalização dessa sondagem interna da mente acaba deslançando um verdadeiro fluxo ininterrupto de pensamentos que se exprimem numa linguagem cada vez mais frágil em nexos lógicos. É o deslizar do monólogo interior para o fluxo de consciência.⁴¹

A Berjaga ainda desenvolve a caracterização do monólogo interior como uma forma do discurso interior com si mesmo:

[...] el monólogo interior es un tipo de stream of consciousness en el cual se presentan los pensamientos de los personajes como una forma de discurso interno en silencio, como una corriente de pensamientos verbalizados. Sólo se reflejan la mitad de los pensamientos, impresiones y asociaciones, presentados de manera racional. Como esto supone algún tipo de restricción, no se puede decir que el monólogo interior represente completamente la corriente de conciencia del personaje.⁴²

Em comparação com os traços típicos do fluxo de consciência definidos pelo Humphrey anteriormente, há falta da modalidade convencional, faltam as expressões impessoais mesmo que a personagem fale de si na terceira pessoa apresentando frases com falta de pontuação - ao contrário, a personagem desobedece a disciplina geral, e a montagem do tempo e espaço também não está presente - a narração fica no mesmo momento e somente segue o fluxo dos pensamentos. Para demonstrarmos, podemos indicar um trecho do texto:

Quantas vezes se privara das alegrias de sua desperdiçada juventude, ficando trancada em casa como ele ordenava, só podendo passear com a mãe, a madrinha ou as tias, sem ir à praia, sem ver carnaval, sem se pintar, sem fazer permanente, sem usar decote nem bolero, sem falar com gente que ele desaprovava e, a fim de conservar a virgindade que ele mesmo exigia para a noite de núpcias, entregando-se a ele por onde não queria, entre dores e agonias que ele nem agradecia, limpando-se rudemente na anágua dela? Perdoar, não; não desejar mal a seu espírito agora atormentado, talvez sim. Mas, perdoar, como?⁴³

⁴⁰ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 127.

⁴¹ CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *O Foco Narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 68.

⁴² BERJAGA, Vanessa Palomo. *El Monólogo Interior en dos Fragmentos Modernistas: The Waves y Ulysses*. disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/39112928.pdf> (acesso em 1 de junho de 2022).

⁴³ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 71.

2.5. Análise das personagens principais

Neste capítulo pretendemos caracterizar os tipos de personagens mais importantes (o Lourival, O Deoquinha, a Benedita e a Leocádia) da *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* em conformidade com o Vasconcelos e também comparar o estilo literário da descrição delas e definir a problemática ligada a cada uma delas.

Em concordância com Vasconcelos, podemos definir a personagem principal segundo vários traços - relevo, composição e caracterização. Do ponto de vista do relevo, observamos a personagem principal, ou seja, *desempenha um papel central; a sua actuação é fundamental para o desenvolvimento da acção. São as personagens principais que modelam e fazem avançar a intriga*⁴⁴, a personagem secundária, quer dizer, que *assume um papel de menor relevo que o do protagonista, sendo ainda relevante para o desenrolar da acção. Pode participar na intriga, mas não a determina*⁴⁵ e, ultimamente, figurantes, que *têm um papel irrelevante no desenrolar da acção, cabendo-lhe, no entanto, o papel de ilustrar um ambiente ou um espaço social de que é representante*.⁴⁶ Neste ponto podemos discutir quais personagens são as principais no nosso romance. Visto que a parte maior seguimos os pensamentos sobre os acontecimentos passados do Lourival, porém, não tem importância notável relativamente ao enredo, podemos concluir que ele é a personagem secundária. É precisamente pelos olhos dele que conhecemos todas as características da maioria das outras personagens. Quanto ao Deoquinha e à Benedita, é possível constatar que são umas personagens principais, posto que são eles que fazem avançar o enredo e seguimo-los ao longo da história como o foco dela, embora não em todos os capítulos do livro. Relativamente à Leocádia, podemos constatar que se trata de uma personagem secundária que tem relevância à intriga, porém, não é o foco dela e aparece somente no total de cinco de dezoito capítulos, muitas vezes num só parágrafo. No que se refere ao marinheiro alemão, observamos uma influência resolutiva para o contexto do enredo, sem embargo, não podemos considerá-lo ser a personagem principal posto que nem conhecemos o nome dele e o autor propositadamente omite a parte da intriga onde foi morto pela gente da Itaparica, uma parte crucial da história dele e, portanto, concluímos que pertence às personagens secundárias mesmo como a Leocádia. No que se diz a respeito às personagens-figurantes, notamos inúmeras personagens no espaço de todo o livro, exemplificativamente o Vitório Honório, o Zenóbio Merdinha, Lourenço Bode Novo,

⁴⁴ VASCONCELOS, José Paulo. *Categorias da Narrativa*. disponível em: <https://docplayer.com.br/41499282-Categorias-da-narrativa.html> (acesso em 3 de junho).

⁴⁵ Idem, ibidem.

⁴⁶ Ob. cit.

Oswaldo Corno, Maria do Carmo, Adelnaide, René de Didas e assim por diante, todos sendo uma parte da descrição complexa e autêntica do povo da Ilha de Itaparica.

Do ponto de vista de composição, o Vasconcelos divide os personagens entre quatro termos, primeiro deles sendo a personagem modelada, ou seja, *personagem dinâmica, dotada de densidade psicológica, capaz de alterar o seu comportamento e, por conseguinte, de evoluir ao longo da narrativa. Pode ter comportamentos inesperados.*⁴⁷ Como já sugerimos no capítulo 2.3. *Localização no tempo*, a intriga desenvolve-se no espaço de, pelo menos, um ano e mesmo assim, não observamos nenhuma mudança verdadeira no comportamento das personagens, o que pode ser influenciado também pelo fato que uma parte vasta da história é narrada do ponto de vista do Lourival. O tipo oposto é a personagem plana, quer dizer, *personagem estática, sem evolução, sem grande vida interior; por outras palavras: a personagem plana comporta-se da mesma forma previsível ao longo de toda a narrativa*⁴⁸ e, à vista disso, podemos debater que as personagens da Benedita, do Deoquinha, da Leocádia e do Lourival não se desenvolvem e não mudam o comportamento deles, contudo, frequentemente observamos a vida interior deles e por isso, concluímos que se trata das personagens dinâmicas. Por outro lado, em caso do marinheiro alemão não observamos nem a evolução, nem a vida interior. O Vasconcelos ainda define dois outros tipos - personagem-tipo e a personagem coletiva. No romance observamos a personagem coletiva - o povo da Itaparica que abrange características psicológicas a faz uma parte importante ao fim do livro. A personagem-tipo é caracterizada como *um representante dum grupo profissional ou social, sendo-lhe atribuídas as qualidades e/ou defeitos dessa classe ou grupo.*⁴⁹ Neste caso podemos discutir se as personagens realmente apresentam um grupo social específico ou, se vemos uma apresentação da opinião do Lourival mistificada pelas expressões impessoais como “sabe-se” e a fala de si mesmo em terceira pessoa. No caso de admitirmos estas expressões serem características verdadeiras, esta definição pode ser aplicada tanto ao caso da Leocádia que é uma mulher solteira o que nessa época foi um estigma social que a tornou amarga e desagradável e, esta característica pode ser considerada típica para uma mulher desse tipo o que podemos deduzir do trecho seguinte:

O viver da mulher celibatária, mais honestamente falando solteirona, aqui também com maior rudeza denominada de vitalina, ainda mais quando cabalmente falto de vocação, é revoltado, sombrio, recalcado e eivado de padecimentos de que ninguém suspeita, bem

⁴⁷ VASCONCELOS, José Paulo. *Categorias da Narrativa*. disponível em: <https://docplayer.com.br/41499282-Categorias-da-narrativa.html> (acesso em 3 de junho).

⁴⁸ Idem, ibidem.

⁴⁹ Ob. cit.

menos observa e muito menos tem pena. Se essa infeliz, por sobre tudo isso, é desnoivada, então se agrega pecha adicional à desprezada e aviltosa condição.⁵⁰

Como a personagem-tipo podemos considerar também o Deoquinha e a Benedita, os dois representando um tipo específico de homem e mulher casados. Os dois infiéis um a outro, o Deoquinha publicamente, mas a Benedita secretamente por causa da reputação e do medo do desrespeito. Até o marinheiro alemão pode ser caracterizado como uma personagem-tipo que assume caráter típico dos marinheiros estrangeiros.

No que se refere à caracterização, o Vasconcelos estabelece duas categorias principais - o processo narrativo de descrição e o tipo da caracterização das personagens. A primeira, divide entre caracterização direta, *as características das personagens são apresentadas directa e explicitamente pela própria personagem ou por outras personagens ou narrador*, e indireta, *as personagens são caracterizadas a partir do que fazem e de como agem. Não há a indicação explícita das suas características. É pelas suas atitudes, comportamentos e acções que o leitor tem de deduzir a caracterização da personagem*. O segundo, tipo da caracterização, pode ser física, psicológica ou social.⁵¹ Começando pelo Lourival, recebemos exclusivamente a característica indireta e psicológica, as duas através do fluxo de consciência. O Lourival é um amigo bem próximo do Deoquinha e sendo assim, simpatiza com o mal e o bom que o Deoquinha faz e com as opiniões gerais do povo na ilha. Por um lado, parece “sexista” porque acha que o homem é superior à mulher, e, por outro lado, compadece-se com a Benedita avaliando a vida que ela tem. Contudo, é difícil determinar se os pensamentos são dele ou se são os pensamentos do narrador. Esta situação fica frequente ao longo da narrativa. Para demonstrarmos, escolhemos estes trechos do livro:

Não é fácil discutir atualmente esse ponto de vista, pois ver um propósito na vinda ao mundo de Deoquinha redundaria na conclusão inarredável de que o homem é superior à mulher em muitos e mais importantes campos do que é ela superior a ele. Costurar e lavar roupa, por exemplo, só quem faz bem é mulher ou baitola, isto é de reconhecimento universal. [...] A mulher só é grande quando sabe servir a seu homem acima de tudo e não lhe causa desgostos, esta é a mais grandiosa das grandezas da mulher.⁵²

Pelo contrário, livros e mais livros mereciam ser escritos sobre cada um deles e o infortúnio que eles rendem a Benedita, porque é desses dramas que são compostas as grandes poesias trágicas e se desprendem os grandes romances e novelas da miséria humana. E tudo Benedita enfrenta, só Deus e ela sabendo o que lhe vai no apertado coração, pois, independentemente do sustento financeiro, quem leva tudo nas costas é ela.⁵³

⁵⁰ UBALDO RIBEIRO, João. *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 67.

⁵¹ VASCONCELOS, José Paulo. *Categorias da Narrativa*. disponível em: <https://docplayer.com.br/41499282-Categorias-da-narrativa.html> (acesso em 3 de junho).

⁵² Ob. cit. p. 24-28.

⁵³ Idem, ibidem, p.54, 55.

Quanto ao Deoquinha, observamos a descrição direta física e indireta psicológica e social. O autor não usa a descrição direta frequentemente e a primeira aparece no sexto capítulo:

Terno de diagonal branco, chapéu de palhinha inglês, correntão de ouro trespassado por cima do colete cor de pérola, brilhante maior que um feijão-manteiga espetado na gravata, bigodinho delgado e lustroso, sapato marrom e branco de furinhos coberto por polainas alvas, suspensório africano de couro de crocodilo, anelão de topázio coruscando ao sol, bengala de ébano com cabo de marfim encaestado de platina, costeletas bastas descendo até o meio das bochechas, a cabeça erguida com altivez mas sem soberba, o riso pronto para os passantes, a voz sonora num bom-dia aqui, um como-passou acolá, largas passadas desapressadas, [...] ⁵⁴

Relativamente à descrição indireta, podemos vê-la ao longo de todo o fluxo de consciência do Lourival e há capítulos especialmente dedicados a esta função, porém, é preciso advertir outra vez, a que a descrição dele é subjetiva, feita do ponto de vista do Lourival. O Deoquinha foi uma pessoa respeitada por toda a ilha pois veio duma família significativa e poderosa. Foi comerciante vendendo carne e alimentos. Infelizmente, o seu passatempo mais importante foram mulheres e por isso tinha uma grande quantidade de filhos ilegítimos em toda a Itaparica e todos sabiam disso. Foi um marido horrível para a Benedita, contudo um pai excelente e não havia nada que ele não fizesse pelo bem dos filhos dele. Parece que o romance segue principalmente a vida dele. Como uma exemplificação da descrição indireta, escolhemos este trecho:

Morto, morto, morto, nunca mais se ouviria a risada sacudida de Deoquinha Jegue Ruço, nunca mais ele seria visto tirando um bolo de notas do bolso para socorrer necessitados como o próprio Lourival, nunca mais sua figura altaneira se postaria à porta do açougue para comandar a distribuição de carne entre os muitos lares que mantinha, nunca mais se faria silêncio para ouvir a narração despreziosa e jovial de suas façanhas por todas aquelas terras, nunca mais Deoquinha Jegue Ruço. ⁵⁵

No que diz respeito à Benedita, vemo-la menos frequentemente do que o Deoquinha e a maioria da história parece secundária, um instrumento para descrever melhor a vida do Deoquinha. Por toda a extensão do livro reparamos nas menções sobre ela e a santidade dela, mas não há indicações sobre a vida real dela ou o caráter dela, observamos só o que as pessoas da ilha sabem. Só no capítulo dezasseis a Benedita torna-se o centro do enredo quando entra na cena para salvar a vida do alemão. Como motivo da ausência da Benedita no foco principal da intriga, podemos considerar o ponto de vista do Lourival que não sabe muito dela e concorda com as opiniões e informações

⁵⁴ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 43.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 12, 13.

“públicas” sobre ela. Quanto aos detalhes da vida sexual entre ela e o Deoquinha, podemos pressupor que foi dito pelo Deoquinha porque há uma subjetividade óbvia, ou fala o próprio narrador onisciente, o que podemos observar no trecho seguinte:

pois para ele melhor mulher que ela no mundo não existia nem de perto, que ela lembrasse como a fazia gemer e até verter lágrimas de prazer, que lembrasse como, em todos esse anos, ele continuava a sentir o coração bater, a boca secar e o corpo se retesar, só de saber que ela ia abrir as pernas para ele, como quase morria ao derramar-se nela, laurel supremo, gozo dos deuses, viagem ao paraíso.⁵⁶

Surpreendentemente, há uma falta da descrição física e direta (que, outra vez, podemos atribuir à narração por meio de pensamentos do Lourival que talvez não queira avaliar a aparência física da mulher do amigo próximo dele) e notamos só a característica indireta psicológica e social. A Benedita é uma personagem cheia de contrastes - por um lado, todo o mundo pensa que é extremamente religiosa, por outro lado muito sexual, como podemos observar no trecho acima. É totalmente dedicada ao seu marido, porém, evita as relações sexuais com ele por anos. Aceita e resigna ao destino dela - ser uma mulher isolada e rodeada pelos filhos ilegítimos do marido dela. É a partir destes contrastes que o leitor reparar em que há algo suspeito e também a partir das alusões às raças diferentes dos filhos dela e do Deoquinha o que o narrador no princípio atribui aos privilégios genéticos da família do Deoquinha:

Sabe-se também que, entre os índios, esse Manuel Pimentel era endeusado onde estivesse e se amancebou com todas as filhas de cacique da ilha e de toda a orla do Recôncavo, razão para que alguns dos filhos de Deoquinha e Benedita terem nascido acabocladados e até com cara de japonês daquele jeito, porque o sangue, por mais entremeado com os demais, nunca vai embora e, quando menos se espera, pipoca na pele e no cabelo de um, no nariz ou nas orelhas de outro, sem ninguém estar mais esperando. Razão parecida também, por falar nisso, para outros desses irmãos serem um tanto claros e uns até possam ser descritos como louros e ruços, enquanto ainda outros saíram de cabelo ruim e gazos ou sararás. Estes últimos porque, desde que começaram a chegar os negros para os engenhos, os Pimentéis manifestaram o bom gosto de ver na mulher negra suas primorosas qualidades e, portanto, fizeram muitos filhos raceados [...]⁵⁷

Nos últimos capítulos do romance descobrimos (indiretamente através da confrontação e o testemunho do marinheiro alemão) que a Benedita e a amiga dela Adelnaiide, conhecidas em Salvador sob uns nomes inventados Manon e Dorrothy, foram na realidade prostitutas exclusivamente para clientes estrangeiros, o que ninguém sabia e ninguém quer aceitar como a verdade porque as duas fingiram serem umas mulheres “santas”:

Sabe-se que ele primeiro disse conhecer Adenilde de longa data. Conhecia-a tanto, aliás, que soubera logo tratar-se dela, mesmo nunca a tendo visto antes naquele traje quase monjal, logo ela, notável por usar as roupas mais berrantes e ousadas[...] Só que a conhecia pelo nome de Dorothy, numa certa casa de alto meretrício, especializada em marinheiros

⁵⁶ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p.57.

⁵⁷ Idem, *ibidem* , p. 33.

estrangeiros [...]. Com ela e com uma companheira íntima dela, que atendia pelo nome de Manon e que devia morar ali mesmo, [...] ao longo dos anos em que se encontraram, às vezes até três temporadas em um só ano, que não residiam no bordel e, sim, na mesma cidadezinha do interior, de onde sempre saíam juntas quando chegavam navios estrangeiros, porque a brasileiros elas não gostavam de atender e chegavam a esconder-se deles, nos raros casos em que alguns apareciam.

Infelizmente na ocasião, Mocorota encarou aquilo como um atentado à honra de Adenilde, aliás prima por parte de Maricota, sua dele mãe, e, mais do que isso, o insulto de um indivíduo desqualificado e imoral contra toda a honra da cidade, que sempre se orgulhara de não contar entre seus quadros femininos nem uma só prostituta, não há caso registrado de puta itaparicana, a itaparicana pode até, em alguns casos, não se pautar pela alta castidade, mas nunca na condição de putarreles.⁵⁸

Para concluir o capítulo da análise das personagens principais, vamos ver o caso da Leocádia - a irmã da Benedita. Como já explicamos acima, a Leocádia é uma mulher solteira e, por isso, fica à margem da sociedade, sendo considerada *horrenda, verrugenta, rabugenta, sebenta e banguela*. (Ubaldo Ribeiro, p. 60)⁵⁹. É a única personagem cujas características descobrimos pelo monólogo interior dela mesma na terceira pessoa - tanto a característica indireta e direta, física, psicológica e social. É uma mulher de grande beleza, porém solitária e faz tudo para obter proveito por si mesma, até manter uma relação sexual com o marido da irmã dela. Exemplificando a descrição direta física posta no monólogo interior:

Não está mal, a verdade é que nunca está mal, [...] , a cara dela era aquela mesma e não estava mal. Os cabelos, lustrosos de óleo de coco e muito bem espichados até um coque volumoso no cocuruto, estavam pintados e muito bem pintados até as raízes. Um pouco de pó-de-arroz para tirar o brilho, só um toque de ruge muito leve, não estava mal, não era nada má. Sim, naturalmente que os peitos, já muito grandes desde ela mocinha, lhe caíam desconfortavelmente, [...] Sim, estava muito bem e, apenas porque a felicidade não pode ser completa, havia os dentes. Ou, por outra, não havia os dentes, [...] ⁶⁰

A contribuição principal que a personagem da Leocádia faz é no último capítulo, onde o narrador onisciente novamente descreve os pensamentos dela e da interação dela assim finalmente confirma a verdade sobre a Benedita:

Ninguém iria saber, pensou Cadinha, contemplando invejosamente Benedita e, num impulso que não conseguiu conter mesmo passados tantos anos, fixou o rosto da irmã, assegurou-se de lhe ter capturado a atenção e então formou pausadamente com os lábios a palavra "Manon". Manon, repetiu Cadinha e poderia jurar pelo resto da vida que, antes de baixar de vez o rosto, Benedita mostrou a sombra de um sorriso, deu um sim de cabeça quase imperceptível e seus olhos brilharam de maneira insuportavelmente feliz.⁶¹

⁵⁸ UBALDO RIBEIRO, *João. Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 123-126.

⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 60.

⁶⁰ Ob. cit. p. 68, 69.

⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 146.

2.6. Enredo

Neste capítulo procuramos definir o termo “intriga”, ou seja, “enredo” e, descrever a estrutura dele. Seguidamente vamos definir os termos “prenúncio” e “clímax” e aplicar estes termos ao contexto do livro.

A Lopez e o Reiz definem que o enredo

[...] corresponde a um plano de organização macroestrutural do texto narrativo e caracteriza-se pela apresentação dos eventos segundo determinadas estratégias discursivas já especificamente literárias. Nesta acepção, pode-se dizer que a intriga comporta motivos (v.) livres, que traduzem digressões subsidiárias relativamente à progressão ordenada da história (v.), e derroga freqüentemente a ordem lógico-temporal, operando desvios intencionais que apelam para a cooperação interpretativa do leitor.⁶²

Adicionalmente, é preciso lembrar que o enredo é estreitamente relacionado com as características das personagens, cujo se aplica ao romance analisado onde o autor utiliza maioritariamente a descrição indireta como já indicámos no capítulo antecedente. Este fenómeno é caracterizado pelo Candido de maneira seguinte:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de factos, organizados em enredo e de personagens que vivem estes factos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino [...]. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.⁶³

Relativamente à estrutura do enredo, o Barthes divide um romance em três partes - a introdução, que introduz enredo e apresenta as personagens ao leitor até o momento onde a estória começa, o desenvolvimento, ou seja, a parte mais extensa onde o conflito (ou conflitos) desenvolve-se à direção à resolução, e a conclusão, onde se apresenta a conclusão do conflito, a essência da obra.⁶⁴ Para definir estes elementos da *Miséria e Grandeza do Amor da Benedita*, temos que voltar ainda ao capítulo 2.3. *Localização no tempo*, onde já mencionamos o termo do tempo psicológico que é a causa da divisão misturada entre as partes específicas do enredo. A introdução é formada pelo segundo até o quinto capítulo. Nestes capítulos o narrador descreve a ilha de Itaparica e as particularidades dele, introduz as personagens da Benedita e Adelnaiide, e a organização típica dos papéis de homens e mulheres, faz alusões à história da ilha e os ancestrais do Deoquinha e há falta do desenvolvimento do enredo. Seguidamente, o desenvolvimento da

⁶² LOPEZ, Ana Cristina M. e REIZ, Carlos. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Editora Ática. 1988, p. 211, 212.

⁶³ CANDIDO, António et alii. *A Personagem de Ficção, Coleção Debates*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1981, p. 53.

⁶⁴ BARTHES, Roland. *A análise estrutural da narrativa. Seleção de ensaios da revista "Communications"*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1976, p. 145-146.

intriga continua no primeiro capítulo e depois entre os capítulos seis e catorze (inclusive). O primeiro capítulo retrata a primeira cena - o Lourival vê o cadáver do Deoquinha pela primeira vez, e a continuação desta parte é visível graças à diferença da narrativa entre o capítulo cinco e seis - primeiro sendo exclusivamente descritivo e o segundo usando já o desenvolvimento do enredo através de discurso direto e indireto e da descrição da cena em questão, apesar de ser claramente colocada no passado, antes do Deoquinha ficar morto. Nesta parte de, o total de dez capítulos, o narrador desenrola as características das personagens e descreve a vida deles usando frequentemente o fluxo de consciência do Lourival (e, num capítulo, o monólogo interior da Leocádia) e finalmente, introduz a personagem do marinheiro alemão. Por último, podemos observar a conclusão desde o capítulo dezasseis até as últimas frases do livro. O Barthes indica que a parte da conclusão pode ser dividida ainda em duas partes - o clímax e o desfecho. *O clímax é o momento no qual o conflito chega ao seu auge, [...] No desfecho (ou desenlace), há a resolução do conflito e o destino das personagens se revela. No conto tradicional, é comum haver a reparação do mal causador do conflito.*⁶⁵ O anterior observamos em capítulos quinze e dezasseis onde há uma reviravolta do enredo quando o marinheiro alemão reconhece a Benedita e a Adelnáide como prostitutas e toda a ilha descobre a verdade sobre elas, mas recusa acreditar e por isso, o povo mata o marinheiro. Poderíamos discutir que o clímax verdadeiro é o assassinio do alemão, mas o autor intencionalmente evita a narração destes acontecimentos para que o clímax do livro fique a descoberta do caráter real das duas mulheres. Apesar da morte do alemão não ser bem clara e descrita no romance, o leitor apercebe-se dela por mérito de prenúncio (em inglês “foreshadowing”) que é definido pelo Cuddon como *uma técnica de organizar eventos e informações em uma narrativa de tal forma que eventos posteriores sejam preparados ou sombreados antecipadamente.*⁶⁶ Para demonstrarmos, escolhemos dois trechos do romance. Destes fica evidente que o marinheiro morre mesmo nós não sabendo de qual maneira ou em qual momento exato.

Mas o trabalho maldito de Belzebu não deixou de ser feito em parte, até com a visita da Morte, e por pouco não correndo um rio de sangue pelas ruas da ilha.

Os minutos do alemão estavam contados, logo seu sangue e vísceras tombados sobre aquele solo sagrado seriam a hecatombe com que a ilha faria pagar aos deuses da Justiça a afronta recebida.⁶⁷

⁶⁵ BARTHES, Roland. *A análise estrutural da narrativa. Seleção de ensaios da revista “Communications”*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1976, p. 146.

⁶⁶ CUDDON, J. A. *A Dictionary of Literary Terms and Literary theory*. 5ª edição. Oxford: A John Wiley and sons. 2013, p. 285. Traduzido de inglês: “The technique of arranging events and information in a narrative in such a way that later events are prepared for or shadowed forth beforehand.”

⁶⁷ UBALDO RIBEIRO, João. *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p.122 e 131.

Tendo definido o termo, o próprio clímax - a verdade sobre as duas mulheres, naturalmente, tem o seu próprio prenúncio. Por um lado, trata-se das alusões às raças dos filhos da Benedita e do Doquinha que mencionámos anteriormente, e por outro lado, podemos observar alusões elaboradas em detalhes ao longo do romance. No primeiro trecho o autor descreve a aparência da Benedita:

*Haveria algo diferente na cara dela, em que sempre se notava o esforço para afetar felicidade onde só podia se espelhar o sofrimento de uma esposa e mãe devotada quão desditosa?*⁶⁸

O segundo trecho está narrado já no final do livro, desta vez por parte da Leocádia e os pensamentos dela. Serve como uma das últimas confirmações do que tudo é verdadeiro, um pouco antes da Benedita confirmar à irmã dela.

Como alguém pudera chegar a passar nem perto de suspeitar dela? Aliás, ninguém havia suspeitado nada, Deus era testemunha, fora só o nervosismo do momento.⁶⁹

Voltando à conclusão do romance, podemos indicar o desfecho como os últimos dois capítulos do livro. Nestes, a narração do primeiro capítulo finalmente continua e o autor retrata a cena depois de toda a ilha saber que o Deoquinha é morto. Seguimos a cena do funeral e do comportamento da Benedita.

⁶⁸ UBALDO RIBEIRO, João. *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos. 2009, p. 99, 100.

⁶⁹ Idem, ibidem., p. 137.

3. Tradução dos capítulos escolhidos

3.1. Capítulo I

Byl to sám Deoquinha Jegue Ruço, neboli Deoclécio Pimentel, ten co byl i ve svých letech čiperný jako mladík, kdo teď ležel modrý a nahý pod zmačkaným prostěradlem, mrtvý na tmavém lůžku v domečku v Gameleirê? Bylo to snad právě kvůli tomu, že Tinoca vyrazila celá bledá a rozcuchaná z již zmíněného příbytku a zoufale hledala svého bratra Lourivala Divina Beiçu, který poté, co ji to slyšel třikrát zašeptat a uvěřil tomu až napotřetí, vyvalil oči, protočil je a zavřel a beze slova do sebe obrátil tři panáky cachaçy, jeden po druhém, neslýchaný čin pro tak disciplinovaného muže, který nikdy nepil před sedmou ráno? Je snad možné, že co by rozmarný vtip osudu, zemřel Deoquinha, tak, jak vždy říkal, že chce umřít, mezi pažemi a stehny nějaké divoké ženské? To vycházející slunce, které začínalo jiskřit ve vlnách zátoky, bylo ve skutečnosti přes díry ve střeše svědkem toho hrozného okamžiku, v němž odešla duše toho, kdo nikdy ostrovu nedělal ostudu, který/kdo vždy chránil ty nejslabší, šel příkladem mladším, byl zdrojem životních lekcí a inspiroval básníky z celého Recôncava? Umírají legendy, umírají nesmrtelní?

Pravda, což ani velcí mudrci nepopírají, je často nepřijatelná. A to až natolik, že Lourival, který se vyhýbal zvědavým pohledům kolemjdoucích a energeticky mával své sestře, aby ho beze slova doprovodila, vešel spolu s ní do domku, zamkl dveře na klíč, závoru a petlici a šel si ověřit na vlastní oči, zprávu, která se k němu právě donesla. Paže, která ještě nedávno Tinocu objímala, natažená, nohy v bojové poloze, ano, pane bože napůl na břicho, byl to Deoquinha Jegue Ruço, neoddiskutovatelně mrtvý, o tom nebylo pochyb. Lourival se přiblížil, vzal malé kulaté zrcátko, které leželo u čela postele, přiložil jej k nosu nebožtíka a provedl zkoušku. Poslední vzdech už ten tam, zrcátko se nezamlžilo. Mrtvý, mrtvý, mrtvý, už nikdy nikdo neuslyší jak se Deoquinha Jegue Ruço otřásal smíchem, už ho nikdy nikdo neuvidí, jak vytahuje z kapsy svazek bankovek, aby pomohl potřebným, jako byl sám Lourival, už nikdy jeho vysoká postava nebude stát u dveří řeznictví a rozkazovat, jak rozdělit maso mezi tu spoustu domovů, které zásoboval, už nikdy všichni neztichnou, aby si poslechli pohodové a zábavné vyprávění o jeho hrdinských činech všude naokolo, už nikdy více Deoquinha Jegue Ruço.

Už nikdy – tvrdá, bolestná slova. Lourival se posadil na okraj postele podíval se k oknu. Nenapadlo ho, že by ho otevřel, protože věděl, že tam venku jsou lidé, co chtějí

očumovat, a on potřeboval přemýšlet, co dělat. Nebyl ale nervózní, jak by se dalo očekávat, spíše byl velmi klidný a považoval za přirozené, že zatímco jeho hlava byla čím dál lehčí, pokoj se naopak zamlžoval, okno zprůhlednělo jako by bylo otevřené do celého zálivu a jeho kontury se zaoblily, a opatření, která měla být přijata, se prozatím stala vedlejšími. Ano, byla tu svatá vdova Benedita, která ještě ani nevěděla, že je vdova, musí najít způsob, jak jí to sdělit co nejšetrněji, vždycky se dá všechno nějak udělat. Deoquinha byl mrtvý, na smrt není léku, a na co není léku, je napraveno. Ale ne, ani Deoquinha nebyl tak úplně mrtvý, bude existovat tak dlouho, jako ostrov a jeho památka. Tak to opravdu je, pomyslel si Lourival Divino Beijo a okno se rozšiřovalo a zvětšovalo, až dokud nezabíralo celou zeď a nebylo vidět naprosto všechno.

3.2. Capítulo II

A co to na tomto ostrově je, že to na světě nemá obdoby? Ani jeden život, ani dva životy, ani čtyři životy, ani osmnáct životů by nestačilo, aby člověk poznal všechno, co se na ostrově poznat dá. Je známo, že lidé, kteří tady jsou, projdou více než čtyřiceti nebo padesáti reinkarnacemi a v každé reinkarnaci, ať už v těch předchozích žili sebelíp, si reinkarnovaný může dokonce myslet, že už hodně věcem rozumí, ale když zestárne, vidí, že skoro ničemu nerozumí, potřebuje se vrátit kdoví kolikrát - Bůh nikam nespěchá, pro něho je všechno včera, dnes a zítra a pouze my jsme ti, kdo se řídí časem. Pro příklad, kdo se má vyznat ve všech těch kořenovnicích, všech těch rostlinách, co na nich jsou, všech těch komárech, všech těch ovádech, všech těch skrýších, všech těch mušlích, krabech modrých, mangrovových a krabech ucides? Nikdo, ať už si je vzdělaný jak chce. A tak všechno ostatní, od kamenů v zemi po létající breberky, to, co se vypráví může vždycky být pravda, nebo lež, nic se nedá dokázat už dokázaným důkazem.

Na druhou stranu ale vždy něco tušíte, spíše díky tomu, co cítíte, než tomu, co vidíte. Vemte si například vzduch. Vzduch na ostrově buší do hrudi a naplní ji každému, kdo hrud' má pořádnou a před světem se neskrývá. V opačném případě takoví lidé odchází, ostrov je vyplivne. Jiní prostě odejdou, protože je život donutí, ale nikdy nepřestanou snít o svém návratu, a ti nejstarší ručí za to, že fronta duší na reinkarnaci na ostrově už jde z jednoho konce nebe až na druhý, veteráni dostávají spravedlivě přednost, ale také se naskýtá spousta sporů a je velká poptávka po těch nejslavnějších svatých. A po tom, co vám vzduch naplní hrudník, spojí se s pitnou vodou, jídlem, mořským vánkem, Měsícem, Sluncem a hlavně radioaktivitou a ta přináší změnu takovou, že ti, co se zde rodí jsou už změnění, ale lze pozorovat, že ti, kteří přijíždí, se postupně také mění a často během

pouhého mrknutí oka. Další a další denně jdou jeden za druhým jako černí mravenečci neustále se rojící v trhlinách zdí.

Radioaktivita má možná největší podíl na opodstatněné pověsti ostrova, a svádí k rozkošnictví, která je už při výrobě zabudovaná do většiny lidí, snad kromě nemocných a začíná hned při prvním nádechu, které on nebo ona na ostrově udělá. Pokud je skrytá, uvězněná, svázaná nebo umlčená, vyskočí z nory a jde si za svobodou, a dokonce jí neuniknou ani kněží a většina nejzamknutějších jeptišek, jak si všichni tady pamatují, od otce Amadea, čtyři děvčata přes cestu sestru Cecílii z mládežnického fotbalového týmu São Lourenço, ať jim Bůh požehná – lidé velmi šlechtní, otec Amadeu, hlava rodiny, vzorný a milující, sestra Cecílie, zodpovědná za dobrou výchovu jenom dnešních chlapců, až po vysoké funkcionáře prefektury. Pokud je, na druhou stranu, tento sklon redukován nebo slabý, pokud je v obrovském deficitu, probere ještě dravěji než otec Vieira po face, za dva tři dny už toho člověka nepoznáváte. Pokud je někdo silný a troufalý už od přírody, tak se právě takto právě stane tím nejlepším samcem a nebo samicí na zeměkouli, stejně jako to potvrzuje každý návštěvník, dodnes bez jediné výjimky.

Další faktory ale samozřejmě nemůžeme opomíjet, patří mezi ně například výživa specializovaná na produkci tělních tekutin, hormonů, feromonů a dalších látek, zodpovědných za duševní a tělesná centra pro správné provlhčení. Po pravdě řečeno, je velmi ojedinělé, aby penilní astenie nebo chlad dámských mělčín, odolávaly týden vývaru z mušlí třikrát denně nebo, ještě lépe vývaru ze škeblí, nebo ještě úplně nejlépe, vývaru z ústřic, který je tak silný, že jeho požití oslabenému organismu způsobuje závratě, zvonění v uších, dezorientaci nebo zhloupnutí od mírného po těžké. A nezapomeňte také uznat zásluhu vodě z pramenu Bica slavné už od nepaměti pro její léčivou moc nad všemi neduhy, které sužují lidská stvoření, ale vyžaduje houževnatost, vytrvalost v léčbě, vzhledem k tomu, že smrt občas přichází před tím, než se vám udělá líp, aspekt, který, jak je třeba uznat, má podle některých lidí své nevýhody. Někteří také zmiňují rudodřevy, někteří cekropie, někteří čaje ze semen chlebovníku a ty dokonce i kopřivy, ale tam už se přesouváme na území medicíny, která přesahuje, co se děje v přírodě.

I s tím vším na paměti se je třeba poklonit se radioaktivitě, protože dobrá voda je všude možně, stejně jako hambaté vývary z mořských plodů a přitom se tato další místa s ostrovem nedají vůbec srovnávat. Radioaktivita, která je zde přítomná už od doby, kdy Bůh ostrov nechal vynořit se z moře, spojuje vše potřebné v otázce sexuální touhy. Nepochází pouze z jednoho zdroje, jako například pramen Bica, ale je na celém ostrově, od severu až po jih a východ na západ, od okraje hladiny odlivu až po ty nejdůležitější

pahorky, stejně tak, jak se říká, že jestli tady někde Američané shodí atomovku, tak se nikomu na ostrově vůbec nic nestane, protože už od narození žijí v dokonalé radioaktivitě, neublíží jim, stejně tak jako se ryby neutopí ve vodě, ale naopak v ní budou ještě prosperovat a bujit, a to až do té míry, že jsou známy biografie jako je ta Deoquinha Jegui Ruçy, který by si, kdyby byla nějaká spravedlnost, zasloužil mezinárodní pozornost, Brazilců si vlastně nikdo neváží a na lidi ze severovýchodu se dívá skrz prsty, i když oni sotva ví, že ti, co se na ně dívají skrz prsty, jsme tajně my, skoro všichni tady je mají za slečinky nebo paroháče nebo otroky práce, s tou jejich nekřesťanskou pracovní dobou a dalšími příkázáními proti přírodě, kterými se řídí.

Jsou tady i vzdělanci, kteří se vyjadřují výhradně víceslabičně a neznají proparoxyton, musí si ho pořádně vychutnat, ti, kteří mají raději ta nejkomplicovanější řešení, protože jednoduchost nesnáší, přináší jim utrpení, takže píší knihy a články do novin, aby ukázali, že všechno je způsobeno historickým utvářením itaparičana. Jsou to záležitosti kulturní, tvrdí, ale to, co od těch mudrců chceme vědět, je, proč právě tyto kulturní záležitosti jsou takové jaké jsou pouze tady na ostrově a proč nejsou jiné, než jaké jsou a z jaké díry tyto kulturní záležitosti vylezly. ‚Bla bla bla.‘, odpoví v klidu, a pokud je někdo nechá, a to jako že nechá, budou blábolit až do konce věků, aniž by cokoliv objasnili.

Mimo to všechno, i kdybychom si připustili, že jistá zvířata, jako je osel, pes, kočka, papoušek, opice a pár dalších, mají své kulturní záležitosti a existuje dokonce i takzvaný krabí karneval, kdy všichni vylezou z kořenovníků a slaví spolu v mělčinách korun, nelze říci, že by zvíře přikládalo těmto kulturním záležitostem velký význam. Pravdou je, že ostrovní živočišnost se chová jak u muže, tak u ženy stejně a kam se na ostrově podíváte, tam přistihnete in flagranti nějakého tvora, malého nebo velkého, okřídleného nebo bezkřídleho, jak se páří se samicí stejného druhu, nebo dokonce jiného druhu, což je například případ osla, co se ochomýtá okolo klisny, nebo - buď už ticho - bezpočtu těch, kteří udržují styky s oslicemi, klisnami, telaty, kozami a ovcemi a ani nemluvě o slepicích — buď už ticho; ticho, hlavo.

A abychom uhodili na hlavičku těchto mužů kultury, zeptáme se jich, zda mají i rostliny svoje kulturní záležitosti. Normálního člověka by ani ve snu nenapadlo, že by dokonce i ten nejpitomější nebo nejnestydatější z těch ‚kulturníků‘ mohl přijít s debátou tom, že i rostliny mají kulturu. Nikdo jiný než šilenci a světci se s rostlinami nebaví, a proto, pokud mají svoje kulturní záležitosti, jsou jenom mezi rostlinami samými, v

neposlední řadě i proto, že není kdo by věřil svědectví blázna, a ani svatému pokud ještě umřel. Avšak rostliny se na ostrově chovají stejně láskyplně jako lidé, a zvířata a některé dokonce zahanbují své majitele až do té míry, že jsou lidi, kteří takové stromky na svoje dvorky a zahrádky ani nevysazují, aby tak nedávali špatný příklad dětem nebo aby nemusel Ježíš na kříži, co visí v předsíni sledovat nestoudnosti, které některé rostliny dělají, zástupy včel, vos, čmeláků, kolibříků, netopýrů a ostatních breberek dohazovaček, všichni se podílí na rostlinných orgiích všude možně. Některé rostliny, které rostou v kdejaké půdě doufají, že z nich budou stromy, jenom aby potom mohly vykvést a hledat něžnost u jiných, jsou vysoké sotva čtyři dlaně na výšku a předvádějí se víc než turisté z francouzského klubu a posílají každou včelu všem dokola, což děsí i ty nejzkušenější messaliny. A to ani nemluvě o mangovnících, a o tom, že tady nikdo neumí vypěstovat čistokrevný mangový sad, protože každý ten stromek smilní s každým a podporuje tak nadměrné míšení se, což má za následek, že z toho potom jsou jenom manga-vořechové, nemluvě o samčích papájovnicích, které budí pohoršení tím, že plodí takhle velké papáje, a nemluvě ani o neukázněných kešuoovnících a tak dále, takže je vidět, že jediné radioaktivita poskytuje uspokojivé vysvětlení a žádná další báchorka nedává smysl.

3.3. Capítulo III

Už velký Tulcidius, všeobecně respektovaný řecký historik, říkával, že abychom dešifrovali, co se dnes děje, musíme pochopit to, co se stalo včera a předečím. Pokud to tvrdil velký Tulcidius, nebude to žádný dnešní nýmand popírat. A tak jako ve skutečnosti i fenomén Deoquinhi Jegue Ruçy, který je dokonce i v rámci ostrova speciální, ho lze pochopit jediné pokud si uvědomíte, že síla radioaktivity našla u tohoto jedince půdu úžasně připravenou, která, stejně jako Řím, nebyla hotová za jeden den, ale vznikala, když to tak vezmeme, ještě dřív Římem, kdo ví. U tohoto muže, nemůžeme nepopřít sluchu těm, kdo v určitých událostech vidí prsty něčeho, co přesahuje pouhou náhodu, a tyto prsty sahají až k záměrům a rozhodnutím samotné Prozřetelnosti, která má tím vším na zřeteli osvícení lidstva, které dosud Nejsvětější Trojici přinášelo jen a jen nelibost. Je nutno připustit, že jediné tak je možné uvěřit tomuto nastavené, jako u součástí skvělých hodin, tolik náhod, tolik štěstí v neštěstí, tolik setkání a míjení se, tolik synchronizovaných maličkostí, které nakonec vedly k narození, životu a dílu Deoclécia Gregória de Souzy a Guimarãese Pimentela na tomto ostrově.

V současné době není snadné diskutovat o tomto úhlu pohledu, jelikož vidět účel v Deoquinhově příchodu na svět vede k nevyhnutelnému závěru, že muž je nadřazený ženě v mnohých a důležitějších oblastech než v kterých, je nadřazena ona jemu. Šití a praní oblečení, například, umí dobře jediné ženy, nebo teplouši, to je všeobecně známo. A ještě pár úkolů, o kterých nikdo nemůže popřít, že jsou jasně ženské záležitosti. Ale jinak je muž hlavou, sloupem, základem, pákou a velením. Ačkoli kvůli americkým hysterkám, se o tom už nemůže mluvit, aniž by jich pár nepřišlo se čtyřmi kameny v ruce, s křikem, drápáním, kousáním a nechtělo silou odporovat přirozenému řádu věcí, i když Prozřetelnost vždy dává najevo každému, kdo to chce vidět, že je muž nadřazený. Tady na ostrově se z nějakého důvodu čas od času taková objeví, s tou rádoby rovností, ale to platí stejně tak jako praní prádla, jenom na ty muže, kteří jsou jenom předstírají, že jsou muži, kteří neznají svou roli a ani si sami sebe neváží a těm by se správně ‚muži‘ ani říkat nemělo. Pro pravého itaparičana je něco takového nepřijatelné a itaparičká žena s ním souhlasí, na ostrově totiž není žádný opravdový paroháč, jenom takoví paroháči, co už se tím narodili, a proto je většina z nich pryč.

Není to tak, že by žena z ostrova neměla svobodu, protože svoboda je pro itaparičana to nejdražší a historie Brazílie to může potvrdit, protože pokud někdo bojoval za svobodu, tak ten někdo, to jsme byli my a pár dalších přímo odtud z Recôncava, což ostrov staví do ještě význačnější pozice. Žena z ostrova si dělá, co chce a nikdo jí nemusí vysvětlovat, že to, co ona chce, nemůže přesáhnout hranici toho, co chce manžel, aby ona chtěla, pokud si on plní povinnost muže. Povinností muže je žít, podávat dobré výkony coby manžel a být respektován v kolektivu. Pokud splní tuto obtížnou povinnost, nikdo mu nemůže odeprít právo rozkazovat ženě, každý svým vlastním způsobem, jeden něco dovolí, druhý ne, jednomu se líbí tohle, druhému zase něco jiného, ale nikdy nepřestane být mužem. A ona tak šťastně zůstane na svém místě a bude Nebeskému Otci vzdávat díky za to, že jí seslal tak dobrého manžela. Opravdovou ženu z ostrova, abychom jmenovali alespoň jednu vlastnost za všechny, které všichni outsideři obdivují a hrozně nám je závidí - by nikdy ani nenapadlo svého manžela konfrontovat, pokud je informovaná o tom, že zrovna sází maniok jinde. Takové chování by považovala za ostudné. Nikdy mu nezpůsobí zármutek a starosti, a nebude tak riskovat narušení míru, který pracovník potřebuje, a nezvýší tím jeho tepenný tlak. To, co dělá, je to nejlepší, co může udělat, to je totiž právě role ženy, která zná svou hodnotu: najde tu špindíru, na což má právo, a dá jí co pro to, aby se naučila, že si nemá zahrávat s muži jiných žen. On ne, on byl v roli muže,

když ta nestoudnice překonala všechnu jeho obranu, co je svět světem, muž, který odmítne ženu bez závažného důvodu – a těch je velmi málo – si nezaslouží být mužem.

Skutečná žena z ostrova, a to je další důkaz toho, že Prozřetelnost nedělá nic ukvapeně, byla také utvářena během staletí a staletí k tomu, aby se stala tím, čím má být, Beditou, dokonalou svatou manželkou pro takového muže jako je Deoclécio Jegue Ruço. Domácí práce? Není nic, co by neuměla, slané nebo sladké pokrmy, vyšívat ručně nebo na stroji, perfektní střih a šití, pletení více než dokonalé, háčkování hodno závidění pavouka a dokonce maluje i obrazy, krajiny krásných lesů a pasáže ze života svatých. Větší zbožnosti není, mše v pět hodin každý den, mše v sedm hodin v neděli, přijímání každý den, modlitby ke Svaté Monice, která utěšuje vdané ženy, trpící výmysly svých manželů. A tiše trpěla, přestože moc dobře věděla o tom všem, co Deoquinha dělal v ulicích, o milenkách kvůli kterým kašlal na domácnost, dokonce i o dětech, které za sebou zanechává, někdo odhaduje více, někdo méně, zhruba osmdesát — jen s tamtou jich má sedmnáct, a ani nemluvě o otci, otec, to je jiná záležitost, hodná samostatné analýzy. Dokonce ani nevychází z domu a ani to nemá ráda, objeví se prakticky jen na pouti, v procesích a na svátek sedmého ledna, protože jediná itaparičanka, která je větší vlastenka než ona, je snad jen Maria Felipa, bojovnice za nezávislost, a přesto se na ni podívejte. A nepřestává jezdit jednou nebo někdy dvakrát týdně do Bahie, stará se o potřebné v nenapadnutelné společnosti nyní již zesnulé Adenilde, která byla taková fanatička, že nosila jediné halenky s dlouhým rukávem zapnuté až ke krku, vždycky růženec a portrét papeže v kapse, o mužích nikdy nechtěla ani slyšet a už jí chybělo jenom bydlet v kostele. Pořád jenom pracovala pro charitu a nosila květin k oltářům Svaté Moniky, Svaté Isabely a Svaté Kateřiny, protože, ty dvě poslední svaté také utěšují podváděné manželky a propůjčují jim všechnu příhodnou odevzdanost, i když možná o něco méně než Svatá Monika. Příkladná žena, příkladná mezi všemi těmi příklady a která, přestože je v lepší kondici než mnozí boxeři, je zdrženlivá dokonce i v obraně cti, natolik, že víme snad jen o třech nebo čtyřech, které si podala, jako například jistou Joventinu da Misericórdia, která měla dokonce tu drzost objevit se u dveří domu a chtít po Deoquinhovi peníze. Co se týče těch ostatních, nemluvila o nich ani s těmi nejdůvěrnějšími kamarádkami, a už vůbec je neoslovila, ani se na ně neobtěžovala podívat. Žena je skvělá jen tehdy, když přes to přese všechno slouží svému muži a nezpůsobuje mu nelibost, to je nejgrandióznější z ženských grandiózností.

A aby si to žena vždy pamatovala, čas od času, po značné přípravě, příroda přichází a vyvrhne to, co je jasně dáno. Přichází znovu ukázat, skrz takové jako je Deoquinha Jegue Ruço, kteří se objeví jenom snad dva co století, jak se život má žít a jaký vzor se má následovat. A tak nakonec vytvořila, v břiše nebožky Iaiá Naninha, oplodněném nebožtíkem Plukovníkem Vitóriem Honóriem Veiga Guimarães Pimentelem, všechny harmonické části těla a povahy Deoquinhy, nejmladšího ze čtrnácti dalších sourozenců, který, když se narodil, zvěřil počáteční závan slavného osudu, který se bude slavit až do dne, kdy, jak ho vyplavil, tak Bůh naši misi taky ukončí a vtáhne ostrov zpět do moře, odkud ho vzal.

3.4. Capítulo XI

Život neprovdané ženy, ale popravdě spíš zůstala na ocet, v tomto případě také lidově nazývané stará škeble, tím spíš, když zcela postrádá talent, je plný ponížení, závisti a neduhů, o kterých nikdo nemá ani zdání, a už vůbec je nevidí a proto jí ani nikdo nelituje. Pokud tato ubožačka ještě ke všemu není ani zasnoubená, pak se k opovrhovanému a ponižovanému stavu přidává další vada. Její muka duše i těla jsou tak velká, že by se jí mělo vše odpouštět, i ty nejhanebnější činy. Ale ne. Její chování je sledováno, její kroky jsou měřeny, její slova jsou analyzována, její gesta jsou komentována, její vlastní myšlenky jsou sledovány, vše je považováno za zlou vůli a váží se nelítostnými váhami. A přitom žádná nedělá nic, co by se od ní neočekávalo a co by nebylo schváleno, a už jenom proto si zaslouží bez dalších omezení místo v nebi, prominutí očiště. Pokud dělá něco mimo normu, dělá to tam, kde se to nikdo nedozví, v tomhle je dovednější než kdejaký intrikářský záletník. A prakticky bez výjimky je to, co dělá, zcela pochopitelné, ospravedlnitelné a lidské – nic, co by jiní za mnohem méně stresujících okolností tam venku nedělali a co by nebylo ještě mnohem horší. Navíc, když to tak vezmeme, konají dobro, které ostatní nevnímají, protože netrpí tím, čím trpí ony, a proto také neočistili svět a ani nezískali moudrost, kterou poskytuje pouze trvalé soužení, k rozlišení toho, co je v životě opravdu důležité — a důležité není nic z toho, co si myslí obyčejní lidé, kteří přikládají příliš velký význam maličkostem a zbytečným těžkostem a neobyčejně tak ztrácí čas.

Cadinha se tak na sebe může s čistým svědomím podívat do zrcadla, tak jako právě teď, se skrývanou marnivostí, kterou v určitých chvílích ráda nechává vyjít na povrch. Není to špatné, popravdě to nikdy není špatné, jenom tak mezi námi, dokonce ani

na toho, jako je ona sama, kdo si nikdy nemazal na obličej Antisardinu proti pihám nebo další podobné svinstvo. Vlasy, lesklé díky kokosovému oleji a nahoře krásně vytažené do objemného drdolu, byly obarvené a krásně obarvené až ke kořínkům. Trocha pudru na odstranění lesku, jen nádech hodně světlé rtěnky, nebylo to špatné, nebylo to vůbec špatné. Ano, přirozeně, její ňadra, již od mládí hodně velká, nepříjemně poklesla, ale někde četla, že mnoho mužů oceňuje velká ňadra a myslí si, že jsou nepostradatelnou součástí velké a přívětivé ženy. Ano, slušelo jí to, a jen proto, že štěstí nemůže být nikdy úplné, byly tu zuby. Nebo tu spíš nebyly, téměř všechny zdecimované kazy a samovolně vypadané. Nikdy se nesmála, a když se smála, snažila se držet rty sevřené, ale věděla, že nemůže skrýt, že je bezzubá, opravdu se bude muset jednou zbavit toho hloupého strachu a jít k zubaři, nechat si vytrhat zbytek a nechat si dát moderní sadu zubů. A tím by bylo vše kompletní a slušelo by jí to.

Ironie, drásavá ironie, ona nebyla jediná, kdo to říkával. Byl to sám Danilo, pohledný a galantní Danilo Pinto Borba tak podobný Rodolfovi Valentinovi, který ji po dvaadvaceti letech zasnoubení opustil kvůli ženě, kterou potkal na výletě do Jequié, a oženil se s ní během pár měsíců a postavil Cadinhu před hotovou věc. Pamatovala si to mučivé bodnutí v hrudi, které jí vždy bralo dech po celé desítky let, dokonce i poté, co necelé čtyři roky po tom, co ji opustil, zemřel na infarkt. Teď se ale vrátil, a jí přeběhl mráz po zádech, když v centru Irmão Florindo, útočišti lásky, míru, solidarity a vědění, které v Bahii tajně navštěvovala, sestoupil do samotné Matky Dilzete, do nikoho menšího než je ona, a všichni, kdo Danila znali a viděli, jak se do ní vtělil, jednomyslně tvrdili, že se úplně přesně přenesl v gestech i řeči do velké kněžky. Bylo to celý on, podělaný a uplivaný Danilo, od toho gesta, kterým si prohrábl rukou vlasy po zátylek, až po jeho mánii opakovat "chápeš?" na konci každé věty. Ano, byl to Danilo, plačtivý a lítostivý, žadonící o odpuštění pokaždé, když ji viděl. Už mu odpustila, protože tak kázala pravidla centra milosti pro duchy bez těla, ale kéžby v hloubi duše věděla, co je to odpuštění, Bůh by ji měl chápat, vypadlo z ní.

Jak by mu mohla skutečně odpustit, po tom všem, čím si prošla, během jejich nešťastného zasnoubení i po něm? Kolikrát ho šla hledat na tancovačku a dokonce i do kabaretů, aby ho vyrvala z drzých náruče žen, někdy prostitutek, které se na něho lepily jako vosy na bonbon? Kolik týdnů nespala, když nevěděla, kde je, a pak se dozvěděla o ostudných historkách mezi šlapkami z Nazaré das Farinhas, levnými běhny z Cachoeiry a břišními tanečnicemi z Rumba Dancing? Kolikrát zařizovala svatbu, upravila své staré

šaty, ušila nové šaty a odmítala drby, které předpovídaly věčné a bezvýsledné zasnoubení? Kolikrát se připravila o radosti z promarněného mládí, zůstávala zavřená v domě, jak nařídil, mohla chodit jen na procházky s matkou, kmotrou nebo tetami, ani nechodila na pláž, ani neviděla karneval, ani se nemalovala, ani si neudělala trvalou, ani nenosila výstřih ani bolerko, ani nemluvila s lidmi, kteří se mu nelíbili, aby si zachovala panenství, které on pro svatební noc opravdu vyžadoval, oddávala se mu i tam, kde nechtěla, samá bolest a agonie, on ani nepoděkoval a neurvale se utíral do její spodničky? Odpustit, ne, nepřát zlé jeho nyní mučenému duchu, to možná. Ale odpustit, jak?

A Gumercindo, jehož duch se jí také zjevoval a na rozdíl od toho, co se šíří o duších sebevrahů, byl vždy klidný a vyrovnaný, s úsměvem, který se nedal tak úplně označit za šťastný, ale ke smutku měl daleko? Gumercindo, Gumercindo, proč nejde vrátit čas, proč nemáme soudnost, když to potřebujeme, a když ji máme, tak ji nepotřebujeme? Chudák Gumercindo, který k ní teď na sezeních, když se ukázal, mluvil s téměř formální pozorností, s dobrými mravy, se kterými se vždy ke každému choval. Chudák Gumercindo, ne, ubohá ona, ubohá ona, která mu nešla ani na pohřeb. Dokonce chtěla jít, spravedlnosti učiněno za dost, ale bála se, že se do ní jeho příbuzní pustí, protože koneckonců kvůli ní vypil jed na krysy a zanechal milostný dopis, ze kterého to bylo zcela jasné. Nevěděla, co se s dopisem stalo, ale pamatovala si z něho celé pasáže. Tato zhoubná láska, tato zoufalá láska, tato láska, která žebra o drobek pohledu a skrývá v sobě pouze lhostejnost a opovržení, tato láska, která se svíjí v příšerném žaláři, zatímco v ona je v náručí někoho jiného, kdo ji nechce a ani neví o tom drahocenném klenotu, který mu štěstěna nadělila, a myslí si, že je šťastná... Tato láska mě nutí opustit svět, protože co je svět bez této lásky? Sbohem, neměj si to za vinu, netoužím po slzách z lítosti, nic proti síle svého srdce nezmůžeš a musíš ho poslechnout, mě zůstává vzdát se a vydat se do ledového objetí smrti...

Teď pochopila Gumercindovu lásku, teď, až když bylo příliš pozdě, a jestli Danilo truchlil mezi mrtvými, ona truchlila mezi živými. Lítost, lítost, lítost! Mezi všemi sestrami ta, která zůstala na ocet, ta, kterou rodiče nejvíc bili, a ta, která teď vedla tento život. Tento život temný jako bouřlivý soumrak, který už tolikrát viděla, když vycházela na dvorek a přála si, aby se obloha zhroutila a nic jiného nezbylo. Život, kuřata, prasata, Dainha, Marildete a Vicente, co je to za život. Pomáhalo rádio, pomáhalo hodně. Pes Toddy pomáhal. Ale byla to jen malá útěcha, protože nic z toho nestačilo k tomu, aby zaplnilo obrovskou, pulzující díru v jejím těle a mysli, o které psala do sešitů, které

skrývala, někdy dlouhé básně, které po sobě četla jen zřídka a uvažovala, že je má spálit, ale ke kterým se vracela po dlouhých odmlkách, a tak trávila dny v tichu, seděla s vážným obličejem v houpacím křesle v obývacím pokoji. Vynahradiť si to mohla jen málo, velmi málo – a všechno si musela oddřít, nic jí nespadlo do klína. Tak to bylo i s Deoquinhou, kterému se podařilo ji svést, využil její nervové slabosti po skončení zasnoubení, opustil ji, když chřadla – a co je nejhorší, kousek po kousku, aniž by kdy cokoli vysvětlil a vyhýbal se jí jako čert kříži. Spravedlnost pro něj, spravedlnost pro ni, a i to bylo stále málo, protože na světě nebylo čím vynahradiť její utrpení. Pokud od ní chtěl laskavost, ať jí také udělá laskavost. Už propásla příliš mnoho příležitostí, už dávno se rozhodla být a dělat jen to, co jí zajímá a prospívá jí. Další žena pro Deoquinhu nic neznamenała, s ní to nebylo žádné poprvé. A že to byla sestra, tak co? O důvod víc, protože Benedita jí nikdy nic nedala a vždycky měla všechno, měla všechno a dál si s plným žaludkem stěžovala. Cadinha se zahleděla do zrcadla a rozhodně zvedla bradu. Když se nad tím zamyslela, prokázala svojí sestře velkou službu, když jí přesvědčila, aby vydávala Césara Augusta za svého syna. Není tak propojenější s církví a kněžími, není snad ona ta zbožná římsko-apoštolská katolička? Byla to opravdu služba, za kterou by dokonce jí měla zaplatit, tak jako zaplatil Deoquinha.

A bude platit dál, pomyslela si Cadinha. Protože asi před hodinou od něj přišla zpráva. Ať na něj počká přesně ve tři hodiny, protože musí projednat něco moc důležitého. No, určitě to byla ještě nějaká jiná laskavost nebo laskavost ještě k té první. Každopádně nic zadarmo. Nic zadarmo pro ni, nic zadarmo pro nikoho. Pro začátek se jí líbilo být znovu v posteli s Deoquinhou, protože to nebyla jen postel, to bylo to nejmenší, ale hlavně požitek a ukázka vlastní síly, a chtěla tím být znovu, být tím, čím se jí zachce. A oprav na domě moc potřeba nebylo. Co tak jeden z těch velkých pozemků v Ponta do Trilho? Co tak určitou částku každý měsíc? Nic nebylo už příliš, vše záleželo na tom, o co požádá. A dostat to, o co žádala, bylo na ní a to, co bylo na ní, muselo být v její prospěch. Hodiny v obýváku odbily třetí, Deoquinha co nevidět dorazí, Cadinha se naposledy podívala do zrcadla a vymyslela verš, který začínal zhruba tím, že neštěstí je štěstím nešťastných.

3.5. Capítulo XIV

Zatklí německého námořníka, protože se zastavil opilý na náměstí v Quitandě, v neděli ráno, když tam je nejvíc rušno, při vylodění se z výletní lodi, vyndal z rozparku bílého ptáka ohniváka, který vypadal jako rakvička se šlehačkou a vyprázdnil si nádrž na

oitiovník, aniž by se otočil zády k většině přítomných. Je docela dobře možné, že se v Německu toto individuum těší právu močit před dámami a slečnami a dokonce protože, jak je známo, pořádně bílý gringo má obecně ve zvyku se pokaždé, když může, mezi ostatními, včetně žen a dětí, ať už vlastních nebo cizích, obnažovat. Ale to je tam v té jejich zemi, kde je, podle těch, kteří tam už byli, slunečno jednu neděli do roka a zbytek je jen o odlamování ledu z uší, a protože tady máme slunce dostatek, možná i příliš, a nejsme adaptovaní na to, aby si někdo šel a jenom tak na veřejném prostranství, s prominutím, vytáhl pind'oura. Ať už je to kdo chce, dokonce, i kdyby to byl nějaký z těch nejvýznamnějších Američanů, nemohlo se to nechat jen tak, což se, mimochodem, ani nenechalo.

Když vyšel Lourenço Potó z Juvenalova zelinářství, Vypadal jako zatoulaný dělobuch, pochopte jednu věc, Lourenço Potó, neměl všech pět pohromadě, přišel přímo k Němci a ani nečekal než si ten parchant strčí to svoje udělátko zpátky do kalhot a dal mu takový pohlavek za uši, že Němec přeletěl Almeriův stánek s pomeranči a tak dále, Vivinhin stánek s mangy a tak dále a příjezdovou cestu, až se nakonec natáhnul u dveří, jelikož Lourenço, kromě toho, že byl od přírody ignorant, byl odchován na krabech a kozím mléce už od malička a dlaň má zhruba velikou jako takový průměrný chlebovník. A kdyby nebylo autority, kterou nad ním má Juvenal, jeho kmotr, Němec se mohl chystat na milost, protože Lourenço s první fackou nebyl spokojený a jal se vyždímat Němce, jako když někdo vyždímá mokrý ručník, ale pak dorazil Juvenal, bla bla bla, proč to a proč tamto, poslechni svého kmotra, a Lourenço to hned vzdal, zrovna když už držel obě paže a jednu Němcovu nohu, aby začal ždímat.

A hned z toho byla záležitost, která svedla lidi dohromady, Němec se probral ještě opilejší než předtím, a s vytřeštěnýma očima říkal: „Já dobrý osoba, já dobrý osoba!“, ale zkrátka a dobře toho neřáda hned zatkli. Mocarota, alias Jeho Excellence, delegát Dr. Marcos Massaranduba, se dostavil osobně a řekl, že Němce hnedle zaskočili inflagranti, když si ulevoval na veřejném prostranství, nestyda jeden nestydatý, a že si klidně může být Němec, ale je to pořádný šmejd a půjde do báně tak jistě, jako že prase chrochtá a slepice kvoká. Voják Rominivaldo a desátník Lincoln muže zajistili, každý ho držel za jednu paži a táhli ten živel do vazby přesně ve chvíli, kdy - když se to má stát, stane se to; podívejte se, ona tudy v tuhle hodinu nikdy nechodí, ale čert tomu chtěl, že zrovna ten den měla zpoždění kvůli kamarádce, která sem přijela na dovolenou z města, když znepokojená a nic netušící Adenilde zahrula a za rohem se s ním málem srazila a on vykulil oči ještě víc.

“Dorothy! Dorothy!” vykřikl s několika a tak dále, kterým nikdo nerozuměl, protože byly v jeho jazyce. “To je já, Hans Peter! Být já, Hans Peter! Eristdu, ichbinich, dasisti, šajze, enšuldige, achtunk”, a tohle a tamto, různé výkřiky, téměř i unikl ruce spravedlnosti — a jenom pořád "Dorothy, Dorothy!" Adenilde, chudinka, neobvykle bledá a udýchaná, jak před ní ten šílený gringo vyřvával jméno "Dorothy". Takové neštěstí, bylo to naposledy, co ji viděli živou na veřejnosti, protože se zmohla pouze na „Já se nejmenuju Dorothy, nejmenuju se Dorothy.“, začaly se jí podlamovat nohy, protočily se jí panenky a praštila sebou na zem. A gringo jen "Dorothy, Dorothy!", až dokud Mocarota, budiž učiněno spravedlností za dost, vězně tloukl, jen když to bylo opravdu potřeba, nebo si to zasloužil, určitě mu dal tak čtyři rány holí, aby s tím virválem přestal.

Při tom, co vedl blouznícího Teutona do vězení, poslal Mocarota pro koncipienta Zenobia Prdelku - kterému tak říkali pouze potajmu, tváří v tvář ho ale respektovali jako Zenobia Čistého, což si sám myslel, že je, protože byl považován za čestného člověka, ale bylo to jenom aby nikdo nezapomněl jeho opravdové příjmení - aby zapsal výpověď obviněného. Tenhle ale nerozuměl ničemu, co mu říkali, ani nikdo nerozuměl tomu, co říkal on, mimo onu Dorothy, kterou si spletl s chudinkou Adelnaiide, která v té době trpěla doma a určitě si myslela, že viděla d'ábla. Zenobio Prdelka tedy navrhl, aby zavolali Reného de Dida, Švýcara supermiliardáře, který jednou přijel strávit den na ostrově a dnes odtud nevystřelí paty, který mluví všemi jazyky a v každém z nich je chytrý a v každém z nich je čím dál bohatší. René, jako vždy velmi pohotový, sedl na jednu ze svých nejnovějších motorek a jel překládat toho umocněného Němce, který teď už konečně přestal vyřvávat „Dorothy, Dorothy!“, protože Mocarota byl trochu netrpělivý a strčil mu asi čtyři chomáče pytlůviny do pusy, Mocarota je člověk jedna radost, ale nikdo si z něho nebude dělat dobrý den.

A tam, jak dnes mnozí tvrdí, po značném přemítání a přemílání onoho ožehavého tématu, všechno začalo. A ona věc se prostě nebude házet na Reného, protože, přestože je Švýcar, nikdy nikoho nebral o peníze a nikdy se tady nad nikoho nepovyšoval, pouze jednou způsobil určité rozhořčení, když si vzal Didu, tu nejlepší nejobdivovanější, nejsvůdnější, nejelegantnější, nejvíc šik, nejinteligentnější, nejkrásnější a nejžádanější ženu z celého Recôncava, a pokud by se o ní vědělo, tak z celé Brazílie, přenádherná černoška, Královna ze Sáby z masa a kostí. A je pravda, že tady na ostrově, je smutné si to přiznat, na Didu nikdo neměl, jedině snad nějaký švýcarský supermiliardář samá šarmantnost jako René, v určitých ohledech to musíme vzdát, nikdo není dokonalý. Prostě, nikdo tady

nebude tohle říkat o René, ale mýlit se je lidské a Švýcar je také člověk. A nebude se nikde prohlašovat, že se spletl schválně, bylo to podmíněno psychologicky a ne vždy je psychologie brána v potaz, ale výrazně ovlivňuje jednání každého jednotlivce.

Za první, René, přestože dobře vycházel se všemi, platil za celé stoly a pořádal krásné večírky, dělal, co měl, ale neměl všechny ty dobré vztahy s Deoquinhou, ani on s ním, přestože se chovali více méně stejně. Obchod vzdaluje lidi a hřích závisti zasahuje do srdce zaměstnanců téhož zaměstnání. Pokud jste zpěvák a říkáte, že se přátelíte s nějakým zpěvákem, je to lež. Pokud jste malíř, to samé, truhlář idem, rybář jakbysmet, bohatý rovněž. Takže jeden koupí něco nového, druhý to hned chce levněji. Jeden otevře obchod, druhý otevře sklad. Jeden pronajímá hotel, druhý kupuje penzion. Takže, ať se René snažil sebevíc, chtěl nechtěl neviděl Deoquinhu očima ani nezaujatýma, ani přejícíma ani chápajícíma. Je to lidská přirozenost, nedá se nic dělat.

Za druhé, René mluví portugalsky opravdu dobře, ale pořád je to Švýcar, takže mu některá slova dělají potíže, jako tenkrát, když po něm chtěli, aby rozuměl, co říká doktor, nebo právník, se kterými se místní hádají do krve, a téměř vždy prohrají, a co teprve takový Švýcar. A taky se nebude házet špína na delegáta Mocarotu, velmi obdivovanou osobu a z výborné rodiny, neschopného aktu nečestnosti, ale nesmíme opomenout události s Marivaldou, která přede všemi v karnevalovém průvodu od Mocaroty odešel kvůli Deoquinhovi. Nemyslí se to zle, jde o to znát slabiny člověka a možná tak dát za pravdu těm, kdo ve svých výpovědích, po kterých se dnes už slehla zem, ale jsou dva nebo tři, co to viděli a tvrdí, že Mocarota překládal do delegátštiny a právníčiny, to co René říkal, a René nerozuměl, ale věřil mu a nakonec tak všechno bez výhrad potvrdil.

Za třetí, a v některých ohledech to je neméně důležité, byl René protestant. Nikdo na ostrově nikdy neměl nic proti protestantům, kteří jsou sice kacíři, ale také to jsou děti Boží, žádné házení kamenů v protestantském kostele, jako za starých časů. Ba naopak, ti, kteří jsou v rozporu s katolíky, jsou oni samotní, protože si myslí, že neustále klábosíme s ďáblem a hřešíme každým tělesným otvorem. René není ten typ věřícího, on je dokonce typ věřícího, kterého si při takové inspekci nikdo ani nevšimne. Ale pravda je taková, že je věřící, narodil se jako věřící, byl vychován jako věřící a špinit oddanost někoho tak pobožného jako Adenailde a svatost Benedity pro něj není nestoudnost, ale potvrzení toho, co považoval za správné. Tomu je také třeba rozumět, pro objasnění toho, co je dnes už více než prokázaného za nepravdivé a zfalšované hanebné svědectví toho německého

darebáka a jeho neúmyslné nevinné užitečnosti. Ale prokletého dílo Belzebuba bylo neustále v chodu, dokonce i s návštěvou smrti, a nechybělo moc, aby ulicemi ostrova tekla krev.

3.6. Capítulo XV

Nikdo, ani Zenobio Prdelka, který o tom mimochodem nemluví, jako vlastně nikdo, s jistotou nezná obsah Němcova svědectví. Je známo, že nejprve tvrdil, že zná Adenailde už dlouho. Zná ji vlastně natolik, že hned věděl, že je to ona, i když ji v tom téměř jeptiškovském oděvu nikdy předtím neviděl, ona, kterou každý pozná podle toho, že nosí ty nejkřiklavější a nejodvážnější šaty a mimo to se maluje a voní od nehtů na nohou až po kořínky vlasů, které také nikdy neviděl svázané, pokaždé, když ji viděl, tak jí vlasy hedvábně a svůdně splývaly přes ramena. Ale seznámil se s ní pod jménem Dorrothy, v jistém nóbl vykřičeném domě, specializující se na zahraniční námořníky a proslulém ve všech koutech Země, kde ho opěvují jeho návštěvníci. Dotyčný dům, kde je klientem a kde se spřátelil s Dorrothy, které tady říkají takovou nevyslovitelnou přezdívkou. S ní a její blízkou kolegyní, která se jmenuje Manon a která tady určitě taky bydlí a mohli by ji dokonce povolat, aby svědčila v jeho prospěch, vzhledem k tomu, že se Dorrothy chovala tak podivně. Nikdy mu neřekly, že žijí na ostrově, ale během let, kdy se setkávali, někdy i třikrát do roka, mu řekly, že nežijí v nevěstinci, ale v jednom a tom samém malém venkovském městečku, odkud spolu vždycky přicházely, když připlouvaly lodě ze zahraničí, protože Brazilcům se nevěnovaly rády a i v těch vzácných případech, kdy se nějaký objevili, se před nimi dokonce i schovávaly. Takže pokud tam bydlela Dorrothy, musela tam bydlet i Manon, nikdo nezná Manon?

Přirozená lidská zlomyslnost se v tomto okamžiku probudila v přítomných nikoli proto, že by byli špatní nebo ze špatnosti, ale jako přirozená reakce. René de Dida nejprve zčervenal a pak si začal odkašlávat, Mocarota začal přecházet z jedné strany na druhou a vypadal jako cívka na šicím stroji, zavládla velká nervozita. Je možné... Mohla by... Absurdní! Hanba, jen dát tomu Němci pár dalších výprasků, aby přestal pomlouvat tu nejvýsošnější z žen. No, gringo byl snad opravdu blázen, a o to víc po cachaçe, ale tím rozhovorem nepřímou poukázal na jméno Benedity. Samozřejmě to byl jeho výmysl, darebák jeden prolhaná. Od Morocoty dostal dalších pár facek a v ten moment začalo policejní vyšetřování nést ovoce, protože se brzy ve svědectví exotického námořníka začaly objevovat nejasnosti.

Na otázku, kde se zmíněný dům tolerance nachází a jak se jmenuje, nebyl schopen odpovědět. Řekl, že dům změnil adresu, a jemu o tom neřekli, a právě z toho důvodu se minul se svými kamarády a sedl na parník na ostrov, aniž by věděl, kam jede. Hrozně odvyprávěná, ta historka, hrozně odvyprávěná. Kdo kdy viděl námořníka, který nezná jméno proslulého bordelu, který se zatoulá od ostatních, hampejz mění adresu, protože oficiálně neexistuje – všechno výmysl toho bílého darebáka, ještě horší, protože René tak úplně nerozuměl tomu, co Mocarota chtěl, aby mu potvrdil, než to nadiktoval Zenobiovi Prdelkovi.

„Říkal, že to dělal s oběma, ale blíž měl k Manon.“

“Vyslýcháný uvedl, že měl styk s oběma údajnými nestoudnicemi, častěji s tou přezdívanou Manon, je to tak?”

„Hm, přesně tak,“ odpověděl René, který se nechtěl příliš rozčilovat a zrovna v dobu, kdy obvykle popíjel pivo.

O důvod víc se ujistit, že zmizelý dokument byl nepodloženou falešnou verzí nepravdivých událostí, nebo ještě líp, úplným výmyslem mysli choré a poblázněné alkoholismem, navíc, a i kdyby se objevil, neměl žádnou právní hodnotu, protože, jak později poznamenal soudce Martiniano Conceição, Deoquinhův přítel z dětství a muž, který měl svůj názor na všechno a nikdy žádný nezměnil, šlo o zatčení za močení na veřejnosti, a nikoli o pomluvu jedné světice a jedné velmi zbožné dámy. Bohužel to ale tehdy Mocarota viděl jako útok na čest Adenailde, sestřenice ze strany Maricoty, jeho paní matky, a co víc, jako urážku nemorálního individua vyloučeného ze společnosti proti veškeré cti města, které se vždy pyšnilo tím, že mezi své ženské osazenstvo nečítalo ani jednu prostitutku, není registrován jediný případ itaparické šlapky, Itaparičanka se sice v některých případech nemusí řídit přílišnou cudností, ale nikdy jako prostitutka.

A celé toto spiknutí se ještě jasněji ukázalo být dílem d'ábla, který se snažil poskvnit světici a vnutit jí cesty hříchu, vzhledem k událostem toho dne. Jakmile dal Mocarota Němci dvacet nebo třicet pohlavků za pokus očernit jeho sestřenici a zároveň nejzbožnější ženu na ostrově, oznámil Mocarota Renému, který se pořád díval na hodinky, protože Švýcar je muž hodinek a všechno v jeho životě řídí hodinky, včetně piva, že jde pro Adenailde, aby to celé objasnila. Potom bude ten nestydatý gringo muset přiznat, že byl opilý a šílený, a tím celý ten incident skončí. Ano, sestřenice omdlela a udělalo se jí špatně, ale teď už si odpočinula, je to silná žena, která nikdy nechytla ani chřipku.

Mocorota si oblékl kabát, nasadil si klobouk, přikázal, aby z Němce nespouštěli oči, požádal Reného, který už v ten moment nařídil přinést pivo přímo na policejní stanici, aby počkal, a šel pro sestřenicí.

Smutný moment, krutá scéna, osudné rozuzlení, nezapomenutelný okamžik pro Mocorotu, který se ze smrti Adenailde obviňoval i na smrtelné posteli. Ale jak mohl vědět, co se stane? Našel ji sedět v čalouněném křesle, obklopenou polštáři a plátek brambory na každém spánku. Měla nesnesitelnou bolest hlavy, naštěstí na to trochu pomáhala guaraná a ty plátkům brambor. Co to bylo za šílence, co ji tak vyděsil, byl už zavřený za mřížemi? Ano, byl, už pro ni nepředstavoval žádné nebezpečí, dostal ještě pár facek, možná taky něco rákoskou, aby se odnaučil být nestyda a čůrat na dveře kostela jiné víry než je tam v té jeho rodné zemi a zemi jeho matky a pomlouvat ženy své rasy, co jsou naprosto spravedlivě považovány za dychtivé po mužském nádobíčku, a které jak před sebou vidí sehnutého černocho, hned se na něho vrhnou. A teď to všechno vyvrátí a jeho přísně odsoudí, pokud se drahá sestřenice zvedne, doprovodí ho krátkou cestou na policejní stanici a podívá se tomu hanebníkovi do očí a přinutí ho tak v přítomnosti svědků přiznat pravdu. Nenechá si snad ujít příležitost potrestat toho mizeru, který ji obvinil z tak strašlivé hanebnosti, že ne?

Jediný, kdo to skutečně viděl, byl Mocorota, ale říká se, že Adenailde zřítověla a pak dočista zběhala, vyšel z ní jakýsi pokroucený smích, vstala, položila si ruku na krk a řekla: „Ale přirozeně, co mi to říkáš, ptáček už zazpíval, mangovník vykvetl, dva a dva jsou vždycky čtyři, věřte-v-otce-vš-mohoucího, za kolik je kilo mouky“ a další sled výroků, které vůbec nedávaly smysl, takže bylo jasné, že se dočista zbláznila. S jistotou se to ale nikdy nedozvíme, protože pak sevřela dlaně, roztáhla paže do stran, prý vyplázla celý jazyk a oči jí málem vylezly z důlků a pak sebou praštila na dlažbu, navždycky a kompletně mrtvá.

Mocorota, muž takové velikosti, ale se srdcem z másla, začal křičet, plakat a rvát si vlasy a brzy celý dům křičel, plakal a rval si vlasy a během dvou minut už byl celý ostrov u dveří domu Maricoty, Adenaildiny zhrzené matky, kde k tragickému okamžiku došlo. Itaparičan je hlasem celého vesmíru, dokonce i hlasem holandského vetřelce nebo portugalského utlačovatele, ke všem se chová dobře, netrápí se žádnými nesmysly, je vždy ochoten odpustit, nebo to nechat být, nemá rád rvačky a miluje své bližní, ale běda tomu, kdo zraňuje pýchu Itaparičana, běda tomu, kdo zasáhne čest dcery nebo syna země! A navzdory žádostem o klid ze strany Mocoroty, který plnil svou povinnost autority, se

vzbouřený dav vydal směrem k policejní stanici. Ten hanebný gringo, který předčasně poslal do nebe tak ctnostnou pannu, skutečný vrah, ten vybledlý prokletý chlap skončí umlácený, oběšený na veřejném prostranství, rozčtvrcený černými koňmi a hozený krabům za odlivu jako krmení, otevřete všechny brány, zbourejte hradby Jericha, ostrov je zase a znovu mstitelem!

3.7. Capítulo XVI

Jako bouřlivá vlna, která na širém moři spláchne i ty nejbytelnější válečné lodě a smete celé ostrovy, pokračuje rozhněvaný a čím dál hustší dav směrem k policejní stanici. Němcovy minuty jsou sečteny, brzy se jeho krev a vnitřnosti ležící na této posvátné půdě stanou obětinou, kterou ostrované zaplatí bohům spravedlnosti za urážku, kterou utrpěli. Historie se však ne vždy odehrává podle očekávání a v tomto případě je možné, že je radioaktivita opět relevantním faktorem. Je všeobecně známo, že itaparická radioaktivita v kombinaci s neustálým zdokonalováním naší rasy má značný vliv na dar slova a výřečnosti, který každý Itaparičan vlastní, pěstuje a oceňuje. Nelze popřít, že celý stát Bahia je kolébkou vynikajících básníků, prozaiků a řečníků, ale v Itaparice je to, co v jiných oblastech tvoří fenomén, jen banalitou. Kdo bude mít to štěstí a navštíví Itaparicu u příležitosti oslav opravdu velkolepého dne státnosti, sedmého ledna, uslyší kázání srovnatelné, v mnoha případech příznivě, s kázáními otce Vieiry v katedrále, a pokud bude štěstí na jeho straně, snad dokonce uslyší bezkonkurenční projev Ary de Maninha na pódiu v Campo Formoso.

To znamená, že by nebylo v souladu s nejlepšími tradicemi ostrova dát se do lynčování Němce dříve, než zazní nějaké nezpochybnitelně důležité projevy. Balduino Jacaré, ještě v nejvyšším patře domu zesulé Milocy, dlouho předtím, než dorazil na policejní stanici, pokynul davu a dal na vědomí, že chystá projev, začal nyní již uznávaným chraplavým odkašláváním, po kterém následovalo vysmrkání se do obrovského kapesníku, který byl teď napůl rozevlátý napůl zmačkaný, nepostradatelná součást jeho mistrovské gestikulace. Začal také stylem, kterým se již vyznačoval v plejádě velkých řečníků ostrova – s pomlkami, vážný, téměř meditativní, a pak v svrchované gradaci rytmu a melodie dospěl k vulkanickému rozhořčení, jímž vyslal mysl publika do nepřekonatelných a uchvacujících výšin. Mnozí v slzách a jiní zpívající válečnické chvalozpěvy, pochod pomalu pokračoval a objevil se další tribun, možná ještě vznešenější než Balduino Jacaré, major ve výslužbě Nabucodonozor Ozório, který se díky připravenosti udělené vojenskými

povinnostmi objevil již v uniformě, s mečem a vyznamenáními. Ve velmi krátkém proslovu se zmínil o vojenském poslání ostrova, který byl zjevně velmi mírumilovný. Mírumilovný ano, ale vždy připravený tyčit se nad bojištěm jako David mezi desítkami Goliášů. Pro mír, s mírem, o míru, v míru, k míru, o míru to bylo vždy, ale nikdo jiný nevěděl, že základem míru je často válka. *Si vis pacem, para bellum!* Ať se všichni připraví na válku, ať si přijdou všechny Německa, ať si přijde celá Evropa! Prach porážky, který tak surově vdechovali na polích dávných dob, bude znovu trestem jejich drzosti!

Odpovídajícím měřítkem zuřivosti davu je fakt, že dále vystoupili pouze dva další řečníci, z nichž první s uctívou neochotou, vzhledem k tomu, že to byl postarší plukovník Vicente Mendes Patracanho z Národní gardy a muž, jemuž mnoho majetku dávalo přirozenou důstojnost, ale jehož mysl, zrazovaná mnohem víc než přes devadesátiletý věk, už postrádala soudržnost, takže, rovný a tuhý jako palmový strom, s hlasem, který by ještě pořád mohl velet praporům, vyprávěl příběhy bez začátku, bez středu nebo konce, i když k radosti všech nikdy nenamítal, pokud ho někdo zastavil, načež sám sobě tleskal rukama, s rozverností objímal kolemjdoucí a děkoval jim za komplimenty, které mu nikdo nedělal. A ten druhý, vlastně ta druhá, si také zasloužila pozornost, protože itaparická kulturní žena vždy vynikala ve všech oblastech vědomostí a praxe přizpůsobených ženské povaze, mezi něž patřilo občanské a poetické řečnictví, stejně tak jako recitace, jelikož divadlo je spíš záliba volnomyšlenkářek s prostopášným chováním, které tady ani nemáme, ani nechceme mít, a když chceme, pošleme pro ně někde jinde. Následně na to, po několika slokách Castra Alveze, Fagundese Varely, Gonçalvesa Diase, Basílie da Gamy, Casimira de Abreu a moderního Olegária Mariana, mluvila o hrdinkách úžasné historie ostrova a jejich impozantních výkonech. Reagovala, z úhlu pohledu ženské křehkosti, která se při správném užití promění v neodolatelnou sílu, na názory majora Nabuchodonozora a ještě se připravovala na o něco víc než půlhodinový projev, tentokrát na památku nešťastně zmizelé Adenilde, když se v zamřížovaném okně policejní stanice objevil rozčuchaný a slintající Mocerota, aniž by kdokoli viděl, jak se tam dostal, a držel německého zločince před sebou za týl. Hordu ovládl rozruch jako když se brázda velkého plavidla rozprostře do vln na písku.

“To je on!”

“Šibenici!”

“První bič, první bič!”

“Poprava potom!”

A krvavý konec Němce tak byl zpečetěn, když v tom vypukla další vzpoura, tentokrát na okraji davu, v dáli od policejní stanice. Otáčela se hlava za hlavou, štěbetání, nastražené uši, vyvalené oči, pak jméno paralyzovalo dav, jako by se to všechno přeměnilo ve skalní sochu.

“Benedita!”

Ano, nebylo o tom pochyb, sebemenších pochyb. S šátkem na hlavě, šeríkovými šaty zapnutými až ke krku, obklopená některými ze svých černochoů a hospodyň, s hlavou vztyčenou a s přísným a odhodlaným výrazem na tváři, prošla Benedita davem jako Mojžíš rozdělující Rudé moře. Jaká to žena, jaká odvaha, tváři v tvář pachatelí! Co asi chce? Dokonce i ona, která všechno odpouštěla a všechno chápala, měla nyní v úmyslu osobně pomstít smrt své nejlepší, možná své jediné skutečné přítelkyně? Jen málokdo kdy viděl podobný moment plný bezprostřední blízkosti a už ho ani znovu nikdy nespattí. Dokonce i moře a vítr ztichli, když Benedita zastavila asi deset kroků od okna policejní stanice, kde se Němcův obličej rozzářil.

“Manon!” vykřikl.

“Fy Manon! Manon! Rilfe!”

A zase ta jeho písnička – proč Manon rilfe, proč Manon rozšílená, proč Manon unterralte viruns, proč der, proč dý, proč das, proč alzo a několik dalších a tak dále v německém jazyce, kterému nikdo nerozuměl, ale Mocarota ustoupil, dvakrát mu dal pohlavěk a už se jal ho vzít ven na veřejnou popravu, když v tom Benedita zvedla ruku ve skutečném gestu světice, kterou vždy byla a bude až navěky, promluvila tak, aby ji všichni slyšeli a všichni taky poslouchali. Nepřišla jsem kvůli pomstě, ale kvůli odpuštění. Nic, co uděláte, nám nevrátí naši milovanou Adenailde. Bůh si ji k sobě takto chtěl vzít a bylo nutné respektovat jeho vůli, protože milovat Boha nade vše je první z přikázání. Tady ten ubohý blázen trpí přeludy a halucinacemi, což je více než dostačující trest za hříchy, kterých se v nepřítčnosti dopustil. Propusťte ho a nechte ho na pokoji, aby se vrátil do své země a alespoň, když už musí být nešťastný, byl nešťastný mezi svými. Co záleželo na tom, co ten nebohý blázen řekl? Věří tady vůbec někdo jedinému slovu, které řekl přes Reného a které už slyšel celý ostrov, možná dokonce zkomolené ústním podáním? Jaký je důvod věnovat pozornost blouznění šilence, chudáka, který si pro svou již téměř zatracenou duši zaslouží

jen shovívavost a modlitby? Ne, ne, běžte všichni domů, zapalte svíčku za své svaté, modlete se a usínejte s pánem Bohem, zla už bylo dost.

Tak promluvila Benedita, svatá žena, a jako by se z nebe snesl plášť míru na celý ostrov. Jak by mohlo někoho vůbec napadnout ji podezírat? Ve skutečnosti nikdo nic netušil, Bůh byl svědkem, mimo tu nervozitu okamžiku. Na policejní stanici přišla z vlastní vůle, dokonce ji nazývali dámou, ale stála nad tím vším a ukázala hodnotu pravého křesťanství a božského příkladu, které by všechny ženy měly snažit napodobit. Benedita, Benedita, jaký je Deoquinha šťastný muž, jakou hvězdu máš na čele, jaký máš krásný osud, jaký osvícený osud!

3.8. Capítulo XVII

Na tohle všechno teď myslel Lourival Divino Beirão, který byl součástí davu v ten nezapomenutelný den, dokonce si nabral do rukou pár kamenů, aby je hodil po Němci, ale pak je nevědomky upustil na zem, po tom, co si vyslechl Beneditu. Najednou se vytrhl ze vzpomínek a vrátil se do místnosti, kde před ním byla Deoquinhova mrtvola. Ano, přešlapoval tam a sem a blouznil, už ani nevěděl, jak dlouho, tolik vzpomínek, tolik prožitého života, všechno se zdálo kratší než minuta, všechno tak přirozené jako když se ponoří jestřáb do vody. Už nad tím ale nemohl přemýšlet, bylo třeba konat, smrt přicházela, ale život se nezastavoval. Rozhlédl se kolem sebe, jeho sestra Tinoca už tam nebyla, určitě s ním zkoušela mluvit, a on si toho ani nevšiml a protože je potrefená a uštěbetaná, už všem určitě vykládá, co se stalo.

Avšak když se zamyslel, to, co si pamatoval z těch vzpomínek, tak vzdálených a zároveň tak blízkých, bylo bušení na dveře. Bušili na dveře, ano, to bylo to, co ho vzbudilo. Bušili čím dál silněji, určitě by nakonec dveře vyrazili, ale Lourival šel otevřít aniž by se ptal, kdo to je. A ani nemusel, protože to byla celá Gameleira, muži, ženy a chlapci, křičeli a chtěli se dostat dovnitř všichni naráz, až se nakonec Lourival, který na tohle vůbec nebyl, ale jsou určité chvíle, kdy nutnost vítězí, podrbal, vytasil policejní revolver, který měl vždycky u sebe, vystřelil do vzduchu a udělal díru v taškách, místnost se naplnila prachem a většina utíkala a ostatní zmlkli.

Nebylo to jednoduché - manévry, rozhodnutí, projevy, komentáře a dokonce i otázky pořádku, všechny v hojně míře podané Libóriem Duas Cobrasem, který byl nyní radním a myslel si, že všechno, co chtěl říct a ostatní neslyšeli, byla otázka pořádku. Mezi

tím, co začaly debaty, které se konaly přímo v místnosti, a tím než proběhlo jejich ukončení v penzionu Augusta Bode za protestů těch, kteří se ještě chtěli dostat ke slovu, obvinění z totality a pár zažehlých nepřátelství, uplynuly více než čtyři hodiny. Hlavním problémem přirozeně bylo, jak předat vdově Beneditě zprávu, která nese jedno neštěstí zabalené v druhém. Nejen, že jí zemřel manžel, ale zemřel mezi nohama nějaké ženské. Jak jí dát další těžkou ránu, dámě tak bohobojné a tak ztrestané životem? Kdo by měl tu odvahu? Padla všechna možná řešení, dokonce i převézt tělo do Salvadoru a odtud ho nechat přivést zpátky, a říct, že zesnul během obchodní schůzky. Ale nakonec bylo rozhodnuto ve prospěch pravdy, vždy ta nejlepší cesta, ať už vypadá drsně jak chce. Koneckonců Benedita stejně dávno věděla, že Deoquinha má ženskou na každém rohu. Prostě řeknou, že náhle zemřel během návštěvy v Gameleirě a ona ať si to domyslí, ona si to určitě domyslí. A tak vznikl výbor truchlících přátel, který se jal oslovit vdovu a splnit tak bolestnou a neodložitelnou povinnost.

Během cesty, pět členů komise, z níž se Lourival, ač drahý rodinný přítel, pochopitelně omluvil, vzhledem k jeho citlivému bratrskému vztahu k dotyčné milence, sdílelo temné pochybnosti o tom, jak bude Benedita reagovat. Možná dokonce i kněz by měl za to, že by měla plné právo se ani nedostavit na pohřeb, natož bdít nad zesnulým a nechat za něj sloužit bohoslužbu. To byla nevyhnutelná realita, jelikož ani Deoquinha nemohl překročit určité hranice. Ženská, to ano, ale zemřít při aktu, zvláště v zemi a v rodině, které se vždy pyšnily krásou úmrtí, to se nedělá. Deoquinha měl smůlu poprvé v životě a i tak měl štěstí, protože se svého neštěstí nedožil, to teď padlo na záda ostatních, nebo alespoň na ně mělo dopad. Zvolí si oficiálního mluvčího, nebo bude mluvit ten, na koho zrovna přijde múza? Vezmou s sebou zrovna Dr. Marinha, v případě, že by omdlela?

A ještě pořád se dohadovali, aniž by se na něčem shodli, když dorazili k Deoquinhovu domu a hned viděli, že přišli s křížkem po funusu. V sále pozůstali, všechna okna dokořán, už čekali na rakev, vyvýšené lůžko z pterodonu obložené květinami, stůl s kávou, dorty a vermutem, svíčky zapálené v každém rohu a na komodách, vše připraveno na bdění nad Deoquinhou. Jediná Benedita tam nebyla, byla ještě ve svém příbytku spolu se svými dcerami, ale ještě předtím, s očima červenýma a třesoucím se hlasem, avšak odhodlaná, učinila všechna rozhodnutí, od zařízení slavné regaty João das Botas, aby vyzvedla tělo v Gameleirě, až po poslání různých zpráv, na kterých bylo, že kdokoli chce, může, ať už je to jakékoliv Deoquinhovo dítě, s jakoukoliv ženou, má právo a povinnost zúčastnit se truchlení nad otcem, který byl vždy dobrým otcem všem, stejně jako i ony

ženy a jejich děti a nevlastní sourozenci dětí Deoquinhi. Velmi dobře věděla o životě Deoquinhi a ona jim nebude upírat toto křesťanské a římsko-apoštolské katolické právo, ať to je kdokoli, krev je krev a musí se respektovat.

I když všichni znali velikost a svatost Benedity a obou měl už ostrov plné zuby, spadla čelist skoro každému. Takže poprvé v historii ostrova, možná poprvé v historii lidstva, byli lidé svědky té nepopsatelné podívané, desítky rodin se žehnaly, plakaly a modlily se okolo stejného otce, nemluvě o dvanácti nebo třinácti vnoučatech. A Benedita se samozřejmě neusmívala, ani se nemračila, měla spíše rezignovaný výraz, který se už stal její součástí a nyní se zdál ještě posílenější. Za ní několik příbuzných, skupina těch nejbližších. Vedle ní děti. Před ní, v ruce držela růženec a pronikavý pohled pod černým závojem, její sestra Leocádie.

3.9. Capítulo XVIII

Co před sebou Leocádie viděla? Viděla, se skrývaným vztekem a záští, ale zároveň ji těšily, sestru, šťastnou i v den manželovy smrti, šťastnou stejně tak jako celý její život, mnohem šťastnější než kdokoli jiný, kdo je schopen počít, šťastná, šťastná, astronomicky šťastná, nesmírně šťastná, tak šťastná, jak to jenom na tomto světě jde. A nikdo z těch hloupých lidí se nikdy nedozví a ani by nechtěl vědět pravdu a ani by to ničemu nepomohlo, i kdyby ji věděli. Byla nucena uznat, jak velká žena je Benedita, jak je chytrá, jak si ta ženská umí žít! Leocádie si totiž byla jistá, že ten Němcův příběh je pravda, nemohla to sice dokázat, ale byla si jistá. A to až natolik, že když se rozhlédla, potvrdila si, že v jednom z blondatých dětí manželského páru, byly jasné rysy kněze Nicola, Beditina duchovního v Bahii. A pak všechny ty ostatní, každé úplně jiné, jen jedno nebo druhé se na sebe podobají, a přesto ne na Deoquinhu, ale na matku ano. Pokud se nad tím zamyslíte, bylo by snad dokonce jednodušší najít Deoquinhovy děti na ulici než doma, protože bylo docela možné, že žádné z Beditiných dětí, snad s výjimkou těch nejstarších, nebylo jeho, kdo by to kdy zjistil?

Nikdo by to nezjistil, pomyslela si Cadinha, závistivě přemítající nad Beditou a v náhlém popudu, který nedokázala ovládnout ani po tolika letech, upřela zrak na tvář své sestry, ujistila se, že upoutala její pozornost a pak svými rty pomaličku vyslovila slovo "Manon". "Manon", opakovala Cadinha, a mohla přísahat na zbytek svého

života, že než Benedita náhle sklopila tvář, ukázala náznak úsměvu a téměř neznatelně kývla hlavou, že ano, a oči se jí leskly nesnesitelně šťastně.

4. Conclusão

O objetivo desta dissertação de mestrado foi analisar o romance *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* do autor baiano João Ubaldo Ribeiro. Elaborámos duas partes, ou seja, a parte teórica e a parte prática. A parte teórica consistiu em análise literária do romance e, a parte prática abrange a tradução de nove capítulos escolhidos do livro de português brasileiro para checo.

Relativamente à parte teórica, brevemente definimos o objeto da análise literária no contexto da obra do João Ubaldo Ribeiro, concluindo que se trata da obra regionalista nordestina. Continuámos por definir a localização no espaço, ou seja, a Ilha de Itaparica, situada no estado da Bahia e enumerámos alguns lugares mencionados no romance situados na Ilha. Incluímos também dois mapas que servem para o leitor obter melhor orientação geográfica relativamente à localização da ilha. Adicionámos informações básicas da ilha abrangendo a área, a riqueza da flora e fauna, algumas informações demográficas úteis para o entendimento melhor das características do local. Apesar disso, incluímos exemplos específicos do romance para provarmos a importância destas informações. A seguir, intentámos definir a localização temporal do romance baseado nas alusões na narrativa posto que há falta da especificação exata pelo autor. Neste capítulo definimos também duas linhas narrativas baseado esta declaração nos exemplos específicos do livro. Posteriormente, focalizámo-nos na definição do narrador baseado a característica em terminologia da teoria da literatura e observações relativas ao narrador ao longo da narração do romance. Prossequimos à análise das personagens baseada nas definições da personagem principal, secundária e figurante e o modo da descrição, quer dizer, caracterização direta ou indireta. Aplicámos estes termos às personagens da Benedita, Deoquinha, Lourival, Leocádia e o marinheiro alemão apoiando-nos nos trechos autênticos do romance. Na última seção da parte teórica focalizámos na análise do enredo e a definição das partes principais dele, ou seja, a introdução, a parte principal e a conclusão. Em adição ao anterior, observámos os prenúncios, o clímax e o desfecho do livro.

Em relação à parte prática, intentámos traduzir os capítulos com exatidão apesar de encontrarmo-nos com vários desafios causados tanto pelas diferenças entre a flora e fauna checa e brasileira e as expressões próprias da região, como pela estruturação específica da escrita. Acreditamos que conseguimos manter o estilo humoroso e irónico do João Ubaldo Ribeiro e esperamos que a dissertação seja útil para investigação literária no futuro.

Resumo em checo

Tato magisterská diplomová práce se zaměřuje na literární analýzu románu brazilského autora Joãa Ubalda Ribeiry *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* (2000) a překlad vybraných kapitol z brazilské portugalštiny do češtiny. Práce se dělí na část teoretickou - literární analýzu, kde se zaměřujeme na umístění v místě a čase, definování vypravěče, analýzu postav a zápletky, a část praktickou - překlad devíti kapitol z románu.

Resumo em inglês

This thesis focuses on the literary analysis of the novel by a Brazilian author João Ubaldo Ribeiro *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* (2000) and the translation of selected chapters from Brazilian Portuguese into Czech. The thesis is divided into a theoretical part - literary analysis, where we focus on location in place and time, defining the narrator, analysis of characters and the plot, and a practical part - translation of nine chapters from the novel.

Bibliografia

Objeto da análise

UBALDO RIBEIRO, João. *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. Lisboa: Edições: Nelson de Matos, 2009.

Bibliografia impressa

BARTHES, Roland. *A análise estrutural da narrativa. Seleção de ensaios da revista "Communications"*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 1976.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 2015.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Que traçados faz o léxico do Nordeste? (Considerações a partir do Atlas linguístico do Brasil)*. in CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS DO NORDESTE: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2017.

CANDIDO, António et alii. *A Personagem de Ficção, Coleção Debates*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *O Foco Narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Editora ática, 1985.

CUDDON, J. A. *A Dictionary of Literary Terms and Literary theory*. Oxford: A John Wiley and sons, 2013.

FRIEDMAN, Norman. *Point of View in Fiction, the development of a critical concept*. In: HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência*. Rio de Janeiro: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1976,.

LOPEZ, Ana Cristina M. e REIZ, Carlos. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

STEVICK, Philip, ed. *The Theory of the Novel*. New York, The Free Press, 1967.

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

Páginas web e bibliografia eletrônica

BARBARÁ, Luiz. *Bahia é a porta de entrada das principais religiões do Brasil* disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/bahia-e-a-porta-de-entrada-das-principais-religoes-do-brasil/> (acesso em 29 de maio de 2022).

BERJAGA, Vanessa Palomo. *El Monólogo Interior en dos Fragmentos Modernistas: The Waves y Ulysses*. disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/39112928.pdf> (acesso em 1 de junho de 2022).

BEZERRA, Juliana. *Candomblé* disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/candomble/> (acesso em 29 de maio de 2022).

CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *DO BECO AO BELO: dez teses sobre o regionalismo na literatura*, disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1989/1128/0> (acesso em 30 de maio de 2022).

COSTA SOUZA, Chelly. *Turismo de Sol e Praia e Segunda Residência: transformações territoriais na Ilha de Itaparica (BA)* disponível em:

<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/112.pdf> (acesso em 29 de maio de 2022).

DALCASTAGNE, Regina. *Quatro notas sobre a literatura na internet*, disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9179/1/ARTIGO_QuatroNotasLiteratura.PDF (acesso em 25 de maio 2022).

MOREIRA, Cristina F. *A Ilha de Itaparica* disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8784/5/Cristiane%20F.%20Moreira%20-%203%20-%20A%20ILHA%20DE%20ITAPARICA.pdf> (acesso em 29 de maio de 2022).

VASCONCELOS, José Paulo. *Categorias da Narrativa*. disponível em:

<https://docplayer.com.br/41499282-Categorias-da-narrativa.html> (acesso em 3 de junho).

Figuras

Figura 1:

<http://albumdefotosdefabiomotta.blogspot.com/2009/11/mapa-da-ilha-itaparica-na-baia-de-todos.html> (acesso em 29 de maio de 2022).

Figura 2:

<https://i.pinimg.com/474x/3a/63/8c/3a638c604dbe410b765f8744e7798d31.jpg> (acesso em 29 de maio de 2022).

Dicionários:

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, et al. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HAMPLOVÁ, Sylva e JINDROVÁ, Jaroslava. Česko-portugalský slovník. Voznice: Leda, 1997.

JINDROVÁ, Jaroslava e PASIENKA, Antonín. Portugalsko-český slovník. Voznice: Leda, 2005.

Nový akademický slovník cizích slov. Praha: Academia, 2005.

Pravidla českého pravopisu. Praha: Academia, 2017.

Dicionário baianês, disponível em:

<https://acarajeedeliciasdabahia.com.br/dicionario-baianes/> (acesso em 31 de maio de 2022).

Dicionário Informal, disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/azuretado/> (acesso em 31 de maio de 2022).

Anexo

Capítulo I

Já entrado em anos mas ainda com vigor de mocidade, seria mesmo Deoquinha Jegue Ruço, de pia Deoclécio Pimentel, que, arroxeadado e nu por baixo de um lençol amarfanhado, agora jazia defunto, no obscuro leito de uma casinha de porta e janela, na Gameleira? Era por causa disso que Tinoca irrompera pálida e descabelada da dita casinha, na busca escaireirada de seu irmão Lourival Divino Beijo, o qual, depois de ouvi-la cochichar três vezes e só acreditar na terceira, arregalara, revirara e apertara os olhos e, sem falar nada, engolira três copinhos de cachaça um atrás do outro, cometimento inaudito para homem tão disciplinado, que nunca bebia antes das sete da manhã? Seria possível que, em caprichosa pilhéria do Destino, Deoquinha tivesse morrido como sempre dizia que queria morrer, entre os braços e coxas de uma mulher arrebatada? Aquele sol nascente, que começava a cintilar nas marolas da enseada, de fato testemunhara pelas frestas do telhado o momento terrível em que partira para o além a alma de um que nunca envergonhara a ilha, que sempre protegera os mais fracos, dera exemplo aos mais jovens, era fonte de lições de vida e inspirara poetas de todas as partes do Recôncavo? Morrem as lendas, morrem os imortais?

A verdade, como não ignoram os grandes sábios, é muitas vezes inaceitável. Tanto assim que Lourival, evitando o olhar bisbilhoteiro dos circunstantes e fazendo um sinal enérgico para que a irmã o acompanhasse sem dizer palavra, entrou na casinha com ela, trancou a porta a chave, ferrolho e tramela e foi apurar com os próprios olhos a notícia que tinha acabado de escutar. Meio de bruços, o braço que havia pouco abraçava Tinoca ainda estendido, as pernas em posição de combate, sim, Deus nosso, era Deoquinha Jegue Ruço inquestionavelmente falecido, não havia dúvida possível. Lourival se aproximou, pegou o espelhinho redondo junto à cabeceira da cama, encostou-o no nariz do finado e fez a prova dos nove. O último suspiro já se evolará, nada embaçou o espelho. Morto, morto, morto, nunca mais se ouviria a risada sacudida de Deoquinha Jegue Ruço, nunca mais ele seria visto tirando um bolo de notas do bolso para socorrer necessitados como o próprio Lourival, nunca mais sua figura altaneira se postaria à porta do açougue para comandar a distribuição de carne entre os muitos lares que mantinha, nunca mais se faria silêncio para ouvir a narração despretensiosa e jovial de suas façanhas por todas aquelas terras, nunca mais Deoquinha Jegue Ruço.

Nunca mais — duras e dolorosas palavras. Lourival sentou-se na beira da cama e dirigiu os olhos para a janela. Não pensou em abri-la porque sabia que lá fora estava gente querendo espiar e ele

precisava pensar no que fazer. Mas não ficou nervoso como seria de esperar-se, antes ficou muito calmo e achou natural que, enquanto a cabeça se fazia cada vez mais leve e o quarto em torno se enevoava, a janela se tornasse transparente como aberta para toda a baía e seus contornos arredondados, e as providências a tomar passassem a ser por enquanto secundárias. Sim, havia a santa viúva Benedita, que ainda nem sabia ser viúva, mas se daria um jeito para que soubesse com tão pouca mágoa quanto possível, sempre há um jeito para tudo. Deoquinha estava morto, para a morte não há remédio, e o que não tem remédio remediado está. Mas não, também Deoquinha não estava propriamente morto, viveria tanto quanto a ilha e sua memória. Esta é que é a realidade, pensou Lourival Divino Beijo e a janela se alargou e alteou até tomar toda a parede, e o que se via era tudo.

Capítulo II

E que é que se vê nesta ilha, que no mundo não tem comparação? Nem uma vida, nem duas vidas, nem quatro vidas, nem dezoito vidas bastariam para se aprender tudo o que há na ilha. Sabe-se de gente que está nela faz mais de quarenta ou cinquenta encarnações e, a cada reencarnação, por mais bem vividas que tenham sido as anteriores, o encarnado pode até pensar que já compreende muita coisa, mas, quando fica velho, vê que não compreende quase nada, precisa voltar sabe-se lá quantas vezes — Deus não tem pressa nenhuma, para Ele tudo é ontem, hoje e amanhã, só quem vive dentro do tempo somos nós. Para ficar apenas num exemplo, quem compreende os mangues, todas as suas plantas, todos os seus mosquitos, todas as suas mutucas, todas as suas locas, todos os seus siris, sururus, caranguejos e aratus? Ninguém, por mais escolado. E assim tudo mais, das pedras enterradas aos bichos voadores, o que se conta sempre podendo ser verdade ou mentira, nada se logrando provar com prova provada mesmo.

Mas alguma coisa sempre se sabe, tirado mais daquilo que se sente do que daquilo que se vê. Por exemplo, sinta o ar. O ar da ilha bate e farta o peito, só não faz isso com aqueles que não têm um

verdadeiro peito e se fechara para o mundo. Esses vão embora, a ilha cospe. Os outros só saem porque a vida obriga, mas nunca deixam de sonhar que retornaram, e garantem os mais antigos que a fila de almas para reencarnar na ilha já vai de uma ponta do céu à outra, os veteranos por justiça recebendo preferência, mas muita disputa ocorrendo e também muita procura de pistolão de santos. E, depois de faltar o peito, o ar se combina com a água de beber, o de comer, a maresia, a Lua, o Sol e mormente a radioatividade, para fazer a alteração, alteração que todos aqui já nascem por ela alterados, mas os que chegam a gente observa se alterando aos poucos e não raro num piscar de olhos. Casos e mais casos todo dia, se sucedendo um ao outro como formiguinhas pretas enxameando as frinchas das paredes sem jamais cessar.

A radioatividade possa ser talvez a maior responsável pela justificada fama da ilha de altamente favorecer a propensão para a libidinagem, já de fábrica embutida na maioria das pessoas que não as doentes e incitada logo na primeira respirada que ele ou ela dá na ilha. Se está escondida, presa, amarrada ou amordaçada, pula da toca e escolhe a liberdade, disso não escapando nem mesmo padres e freiras dos mais aferrolhados, como todos aqui lembram, desde padre Amadeu das quatro raparigas à irmã Cecília do juvenil de futebol do São Lourenço, que Deus os tenha em Sua santa paz — gente elevadíssima, padre Amadeu chefe de famílias

exemplar e amantíssimo, irmã Cecília responsável pela boa educação de rapazes hoje até altos funcionários da Prefeitura. Se, por outro lado, a propensão é fraca ou acanhada, se avitamina gigantescamente e se desasna mais do que o padre Vieira depois do estalo, em dois ou três dias não mais se reconhecendo a pessoa. Se já é forte e ousada pela própria natureza, aí então se formam os melhores machos e fêmeas do globo terrestre, assim confirmando todo visitante, sem até hoje nenhuma exceção.

Bem certo que outros fatores não podem ser desprezados, entre os quais a alimentação especializada na produção dos fluidos, hormônios, feromônios e demais humores responsáveis pelos centros mentais e corporais da boa cenosidade. Verdade seja dita, rara é a astenia peniana ou frialdade dos baixios femininos que resistam a uma semana de caldo de sururu três vezes ao dia ou, melhor ainda, caldo de lambreta ou, melhoríssimo ainda, caldo de chumbinho, este último tão pleni-potente que seu uso em organismos depauperados ocasiona tonteiras, zumbideiras nos ouvidos, desorientação ou apatetamento, de brando a severíssimo. E não se deixe de dar o seu lugar também à água da fonte da Bica, renomada desde que se tem notícia, por sua força curativa sobre todos os males que afligem a criatura humana, requerendo porém tenaz perseverança no tratamento, razão para que por vezes sobrevenha o desenlace antes de debelar-se o

mal, aspecto em que há de reconhecer-se existirem desvantagens do ponto de vista de alguns. Há quem cite também umas catuabas, uns paus-de-resposta, uns chás de caroço de jaca e até de cansanção, mas aí já se passa para o território da Medicina, que extrapola os acontecimentos naturais.

Tudo isso levado em conta, forçoso é se curvar perante a radioatividade, pois boas águas existem em outras partes, assim como caldos de marisco libertinos, e essas outras partes não se rivalizam com a ilha. A radioatividade, aqui presente desde que Deus fez a ilha brotar do mar, conjumina num só lugar tudo o de relevante para as questões luxuriosas. Não vem ela de uma origem só, como a fonte da Bica, mas se encontra por toda a ilha, de norte a sul e leste a oeste, da beira da maré aos outeirões mais importantes, tanto assim que se diz que, se os americanos largarem a bomba atômica por aqui perto, ninguém na ilha nada sofrerá, por já viver de nascença na mais completa radioatividade, não se consumindo nela da mesma forma que o peixe não se afoga n'água, mas, antes pelo contrário, nela medrando e viçando, a ponto de haver biografias como a de Deoquinha Jegue Ruço, que, se a justiça se fizesse, devia ter merecido a atenção internacional, é que o brasileiro não se dá valor e o nordestino é visto com desdém, embora mal sabendo eles que nós é que desdenhamos deles e, à boca pequena, aqui são tidos quase todos eles ou por pirobos ou por cornos mansos ou por escravos

bestas do trabalho, com seus horários até para prevaricar e demais preceitos desnaturais por que se guiam.

Há os letrados que só se expressam em polissílabos e não podem ver uma proparoxítona que não queiram logo desfrutar, os quais preferem explicações mais rebuscadas, pois a simplicidade lhes traz grande desventura, de maneira que escrevem livros e artigos de jornais para mostrar como tudo se deve à formação histórica do itaparicano. São coisas culturais, dizem eles, mas o que se pergunta a esses sabidórios é por que essas coisas culturais só são assim aqui na ilha e por que não são outras em vez das que são e de que buraco saíram essas coisas culturais. Patati-patatá, retrucam eles com ares de porreta e, se deixarem, como aliás deixam, ficam falando besteira até o fim da existência, sem neres elucidar.

Além de tudo, embora admitindo que certos animais, como o jegue, o cachorro, o gato, o papagaio, o macaco e alguns outros tenham lá suas coisas culturais e exista até o falado carnaval dos caranguejos, quando eles todos saem do mangue e vão farrear em bando pelo raso das coroas, não se pode afirmar que o animal dê muita importância a essas coisas culturais. E a verdade é que a animalidade da ilha se comporta igual aos homens e mulheres e não se pode olhar para lugar nenhum da ilha, sem que não se dê o flagrante em algum bicho, miúdo ou grande, de asa ou sem asa, passando a

vara numa fêmea da mesma espécie, ou mesmo de outra espécie, sendo este, por exemplo, o caso do jegue se imiscuindo na égua, ou — cala-te, boca — dos sem conta que mantêm freguesia com jegas, éguas, bezerras, cabras e ovelhas, para não falar em galinhas — cala-te, boca; emudece, memória.

E, dando uma trava derradeira nesses homens da cultura, indaga-se a eles se a planta tem coisas culturais. Não consegue a pessoa de bem imaginar que mesmo o mais tanso ou caradura desses culturais venha com a conversa de que a planta tem cultura. Ninguém senão os malucos e os santos homens conversa com as plantas e, portanto, se elas têm coisas culturais, são lá muito fechadinhas entre elas mesmas, até porque não há quem bote fé em depoimento de maluco, nem acredite em santo antes de ele morrer. Porém as plantas da ilha se comportam com o mesmo vigor amoroso do homem e do animal e algumas até envergonham seus donos, a ponto de ter gente que não permite certos pés de pau em seus quintais ou jardins, para não dar mau exemplo às crianças ou não deixar o Coração de Jesus da sala assistir à sem-vergonhice que algumas plantas vivem praticando, recamadas de abelhas, marimbondos, mamangavas, beija-flores, morcegos e outros bichinhos alcoviteiros, todos fazendo a descarção vegetal para lá e para cá. Umas plantas que em terras diferentes esperam ser árvores, para só então darem flores e procurarem chamego com as outras, aqui mal passam dos quatro palmos de altura

e já estão se exibindo mais do que as turistas do clube francês e dando cada abelhada nas vizinhas que espanta a mais traquejada das messalinas. Para não falar nas mangueiras, que ninguém aqui pode fazer pomar de manga de raça pura, porque todos os pés fornicam com todos e promovem uma mistura descomedida, resultando em que depois só dá manga vira-latas, para não falar nos mamoeiros machos que provocam escândalo ao botar cada mamão deste tamanho, para não falar nos cajueiros desregrados e por aí vai, assim se demonstrando que somente a radioatividade constitui explicação satisfatória, o resto de lérias não passando.

Capítulo III

Já dizia o grande Tucídido, historiador da Grécia respeitado em toda parte, que, para decifrar o que se passa hoje, tem que se saber do que se passou ontem e anteontem. Se isso asseverava o grande Tucídido, não será nenhum borra-botas de hoje em dia que vai desmentir. E, como de fato, o fenômeno de Deoquinha Jegue Ruço, que até na ilha é especial, só pode ser compreendido se observado que o poder da radioatividade encontrou nesse indivíduo um terreno assombrosamente bem-preparado, que, como Roma, não foi feito num só dia, foi feito, se se bem pensar, desde até antes de Roma, sabe-se lá. Não se pode deixar, diante daquele homem, de emprestar ouvidos aos que vêem em certos acontecimentos as mãos de algo mais do que o mero acaso, mãos estas se endereçando a fitos adrede traçados pela Providência, que em tudo visa ao esclarecimento da Humanidade, a qual, até os dias que correm, só tem dado desgosto à Santíssima Trindade. Forçoso se faz admitir que somente isso torna acreditável o acerto, como peças de um relógio fino, de tantas coincidências, tantos azares afortunados, tantos encontros e desencontros, tantas minúcias sincronizadas, que viriam a dar no nascimento, vida e obra, nesta ilha, de Deoclécio Gregório de Souza e Guimarães Pimentel.

Não é fácil discutir atualmente esse ponto de vista, pois ver um propósito na vinda ao mundo de Deoquinha redonda na conclusão inarredável de que o homem é superior à mulher em muitos e mais importantes campos do que é ela superior a ele. Costurar e lavar roupa, por exemplo, só quem faz bem é mulher ou baitola, isto é de reconhecimento universal. E mais umas tarefas de que ninguém vai negar a relevância, só que são coisas de mulher. Mas de resto é o homem a cabeça, a coluna, o alicerce, a alavanca e o comando. Contudo, mais por culpa de americanas desajustadas, não se pode mais falar nisso sem que umas e outras venham de lá com quatro pedras na mão, gritando, unhando, mordendo e querendo por força contrariar a ordem natural das coisas, quando a Providência está mostrando sempre, para quem quiser enxergar, que o homem é superior. Aqui na ilha, por influências, de vez em quando aparece uma com umas tinturas de igualdade, mas isso, da mesma forma que lavar roupa, só vinga com homens falsos ao corpo, que não se respeitam nem conhecem seu papel, não devendo nem de homens propriamente se chamar. O verdadeiro itaparicano não aceita isso e a mulher itaparicana corresponde, não havendo na ilha nenhum corno homem de verdade, só os cornos mesmo que nasceram para isso, e assim mesmo a maior parte deles é de fora.

Não é que a mulher da ilha não tenha liberdade, porque a liberdade é o que há de mais caro para o

itaparicano e a História do Brasil está aí para confirmar, porque, se alguém lutou pela liberdade, esse alguém fomos nós e mais alguns daqui mesmo do Recôncavo, cabendo porém à ilha a posição de maior destaque. A mulher da ilha faz tudo o que ela quer e ninguém precisa explicar a ela que o que ela quer não pode passar do limite do que o marido quer que ela queira, contanto que ele cumpra a obrigação do homem. A obrigação do homem é sustentar, dar bom serviço de marido e ser respeitado pela coletividade. Cumprindo ele essa dificultosa obrigação, ninguém pode lhe negar o direito de mandar na mulher, cada um no seu estilo, um permitindo isso, outro não, um gostando disso, outro não, mas nunca deixando de ser homem. E então, ela fica em seu lugar com toda a felicidade, rendendo graças ao Pai Celeste pelo bom marido que Ele lhe deu. A verdadeira mulher da ilha, para citar um aspecto que todos os forasteiros admiram e invejam, é incapaz, e considera tal comportamento uma vergonha, de tirar pergunta ao marido, se é informada de que ele está plantando uns aipins fora de casa. Nunca que vai dar a ele esse desgosto e preocupação, se arriscando a prejudicar o sossego necessitado pelo trabalhador e elevar sua pressão arterial. O que ela faz é o certíssimo, é o papel da mulher que se dá valor: procura a deslavada e, tendo condição, desce a porrada nela, para que aprenda a não se enxerir com o homem das outras. Ele não, ele estava no papel do homem quando passou a sem vergonha pelas armas, pois, desde que o mundo é

mundo, homem que enjeita mulher sem muito boa razão — e bem poucas delas há — não merece fé de homem.

A verdadeira mulher da ilha, em mais uma prova de que a Providência nada faz de afogadilho, foi igualmente bem preparada por séculos e mais séculos para vir dar no que deu, em Benedita, a perfeita santa esposa para um homem como Deoclécio Jegue Ruço. Prendas domésticas? Não há uma que lhe falte, cozinha salgada ou doce, bordado a mão ou a máquina, corte e costura perfeito, tricô mais do que perfeito, croché de invejar aranha e até quadros ela pinta, paisagens de lindos bosques e passagens da vida dos santos. Devoção maior não há, missa das cinco todo dia, missa das sete domingo, comunhão todos os dias, apego chegado com Santa Mônica, que consola as casadas sofredoras com as manobras dos maridos. E calada ela padeceu, sabendo muito bem de tudo o que Deoquinha fazia na rua, das raparigas para quem botava casa, até os filhos, dos quais ele está deixando, contam uns mais e outros menos, aí pelos oitenta — só com ela dezessete, sem contar o padre, mas o padre é outra questão, merecedora de análise à parte. Nem sair de casa ela gosta de sair, praticamente só aparecendo na feira, nas procissões e na festa de Sete de Janeiro, pois itaparicana mais patriota do que ela somente Maria Felipa, a combatente da Independência, e mesmo assim olhe lá. E uma vez por semana, ou algumas vezes duas,

não deixa de ir à Bahia, sempre para cuidar da caridade e na companhia inatacável da hoje finada Adenilde, esta tão carola que só usava blusa de manga comprida abotoada até o pescoço, carregava um rosário no bolso e um retrato do Papa, nunca quis saber de homem e só faltava morar na igreja. Caridade e visitas com flores a altares de Santa Mônica, Santa Isabel e Santa Catarina, pois, apesar de talvez um pouco menos do que Santa Mônica, essas duas outras santas também amparam as esposas enganadas e lhes conferem toda a resignação apropriada. Mulher exemplar, exemplar entre todas as incontáveis exemplares da ilha, que, embora em melhores condições do que muitos pugilistas, era comedida até para defender a honra, tanto assim que só se tem notícia de haver destroçado fisicamente umas três ou quatro, como uma certa Joventina da Misericórdia, que também foi ter a insolência de aparecer na porta da casa para pedir dinheiro a Deoquinha. Quanto às outras, ela não falava nelas nem com as mais íntimas comadres, quanto mais apostrofá-las, sequer dignar-se a olhá-las. A mulher só é grande quando sabe servir a seu homem acima de tudo e não lhe causa desgostos, esta é a mais grandiosa das grandezas da mulher.

E para garantir que a mulher se lembre sempre disso que, de tempos em tempos, depois de muita preparação, a Natureza chega e obra o que está determinado. Vem mais uma vez mostrar, por meio de um Deoquinha Jegue Ruço, dos quais só aparecem

mais ou menos dois em cada século, como é que a vida deve ser vivida e o modelo para se acompanhar. E foi assim que ela finalmente construiu, na barriga da finada Iaiá Naninha, enxertada pelo finado coronel Vitório Honório Veiga Guimarães e Pimentel, todas as partes harmoniosas do corpo e da natureza de Deoquinha, filho caçula entre mais quatorze irmãos, que, na hora do nascimento, recebeu no ouvido o sopro inicial de um destino de glória, a ser celebrado até o dia em que, do jeito com que a fez brotar, Deus der nossa missão por encerrada e levar a ilha de volta para o mar de onde a tirou.

Capítulo IX

Oviver da mulher celibatária, mais honestamente falando solteirona, aqui também com maior rudeza denominada de vitalina, ainda mais quando cabalmente falto de vocação, é revoltado, sombrio, recalçado e eivado de padecimentos de que ninguém suspeita, bem menos observa e muito menos tem pena. Se essa infeliz, por sobre tudo isso, é desnoivada, então se agrega pecha adicional à desprezada e aviltosa condição. Tamanhamente avultam seus tormentos de alma e corpo, que tudo a elas se havia de perdoar, mesmo os atos mais ignóbeis. Mas, não. Sua conduta é vigiada, seus passos são medidos, suas palavras esquadrihadas, seus gestos comentados, seu próprio pensamento é policiado, tudo nelas se presume pela via da má vontade e se pesa com a balança da impiedade. E quase nenhuma delas faz coisa alguma que não se espere dela e não se aprove, sendo somente por isso cada uma merecedora, sem maiores restrições, de um lugar no Céu, dispensada a estada no Purgatório. Se faz algo fora das normas, faz por onde ninguém descubra, nisto tendo mais arte que um tecelão levantino. E, praticamente sem exceção, o que fazem é inteiramente compreensível, justificável e humano — nada do que outros e outras por aí, em situação muito menos aflitiva, não façam, e bastante pior. Aliás, se bem pensado, fazem o bem,

o que os demais não percebem porque não sofrem o que elas sofrem e, por conseguinte, não depuraram o mundo nem adquiriram sapiência, que só a tribulação permanente confere, para discernir com precisão o que de fato é importante na vida — e o importante não é nada disso que o comum das pessoas pensa, elas atribuem excessiva importância a ninharias e fardos inúteis, desperdiçando seu tempo extraordinariamente.

Por conseguinte, Cadinha pode olhar-se no espelho de consciência limpa, como agora faz, com a faceirice secreta que gosta de deixar aflorar em certos momentos. Não está mal, a verdade é que nunca está mal, com toda a isenção, ainda mais para quem nunca esfrega Antisardina ou qualquer outra dessas porcarias na cara, a cara dela era aquela mesma e não estava mal. Os cabelos, lustrosos de óleo de coco e muito bem espichados até um coque volumoso no cocuruto, estavam pintados e muito bem pintados até as raízes. Um pouco de pó-de-arroz para tirar o brilho, só um toque de ruge muito leve, não estava mal, não era nada má. Sim, naturalmente que os peitos, já muito grandes desde ela mocinha, lhe caíam desconfortavelmente, mas ela já havido lido em algum lugar que muitos homens apreciavam peitos grandes, achavam que faziam parte indispensável de uma ampla e acolhedora mulher. Sim, estava muito bem e, apenas porque a felicidade não pode ser completa, havia os dentes. Ou, por outra, não havia os dentes, quase todos dizimados

pelas cáries e quedas espontâneas. Jamais gargalhava e, quando ria, procurava manter os lábios cerrados, mas sabia que não podia ocultar ser desdentada, teria mesmo que um dia perder aquele terror bobo e ir ao dentista, extrair o resto dos cacos e pôr uma dentadura moderna. E com isso ficaria tudo completo, ela estava bem.

Por ironia, cruciante ironia, não era somente ela quem dizia. Era o próprio Danilo, o belo e galante Danilo Pinto Borba, com seu perfil de Rodolfo Valentino, que, após vinte e dois anos de noivado, a abandonara por uma mulher que conhecera numa viagem a Jequié, casando-se com ela em questão de meses e aparecendo já com o fato consumado. Lembrava a punhalada insuportável no peito que lhe tirara o fôlego décadas a fio, mesmo depois de ele morto de colapso cardíaco, menos de quatro anos após o abandono. Agora ele baixava — e ela estremeceu com um arrepio — no centro Irmão Florindo, refúgio de amor, paz, solidariedade e conhecimento, por ela furtivamente frequentado na Bahia. Baixava na própria Mãe Dilzete, em ninguém menos, e todos os que conheceram Danilo e o viram incorporado nela eram unânimes em asseverar que tudo dele se reproduzia nos gestos e na conversa da grande mãe-de-santo de caboclo. Era Danilo escrito, cagado e cuspidado, do jeito de passar a mão pelo cabelo até a nuca até a mania de repetir "tá me compreendendo?" ao fim de cada frase. Sim, era Danilo, choroso e arrependido, implorando perdão

cada vez que a via. Já o tinha concedido, porque assim mandava a caridade do centro para com os espíritos desencarnados, mas quiçá no fundo soubesse que o perdão era, Deus haveria de compreendê-la, da boca para fora.

Como poderia de fato perdoá-lo, depois de tudo o que passara, durante e depois do malogrado noivado? Quantas vezes não o fora buscar em bailes e até em cabarés, para arrancá-lo aos tapas dos braços impudentes das mulheres, da vida ou não, que adejavam sobre ele como moscas sobre camarões frescos? Quantas vezes não passara semanas sem dormir, desconhecendo o paradeiro dele, para saber depois de histórias vergonhosas, entre rameiras de Nazaré das Farinhas, baixas meretrizes de Cachoeira e bailarinas barregãs do Rumba Dancing? Quantas vezes não marcara o casamento, reformara o vestido já idoso, fizera vestido novo e rebatera as maledicentes que prediziam um noivado eterno e sem desfecho? Quantas vezes se privara das alegrias de sua desperdiçada juventude, ficando trancada em casa como ele ordenava, só podendo passear com a mãe, a madrinha ou as tias, sem ir à praia, sem ver carnaval, sem se pintar, sem fazer permanente, sem usar decote nem bolero, sem falar com gente que ele desaprovava e, a fim de conservar a virgindade que ele mesmo exigia para a noite de núpcias, entregando-se a ele por onde não queria, entre dores e agonias que ele nem agradecia, limpando-se

rudemente na anágua dela? Perdoar, não; não desejar mal a seu espírito agora atormentado, talvez sim. Mas, perdoar, como?

E Gumercindo, cujo espírito também se manifestava e, ao contrário do que se propala sobre as almas dos suicidas, se apresentava sempre calmo e equilibrado, com um sorriso que não podia ser descrito como alegre, mas estava longe de ser triste? Gumercindo, Gumercindo, por que o tempo não volta, por que não temos juízo quando precisamos dele e, quando temos, já não precisamos? Pobre Gumercindo, que agora, nas sessões em que baixava, falava com ela com uma atenção quase formal, as boas maneiras com que sempre tratara todos. Pobre Gumercindo, não, pobre ela, pobre ela, que nem ao enterro dele foi. Até quis ir, justiça seja feita, mas temeu que seus parentes a agredissem, pois, afinal, ele tinha bebido veneno de rato por causa dela, deixando uma carta de amor em que isso ficava muito claro. Não sabia mais da carta, mas se lembrava de trechos inteiros. Esse amor de perdição, esse amor desesperado, esse amor que mendiga a migalha de um olhar e só alberga indiferença e desprezo, esse amor que se contorce em medonha masmorra, enquanto, nos braços de outro alguém que não a quer e nem sabe da jóia preciosa que a fortuna lhe dadivou, ela pensa que é feliz... Esse amor me faz deixar o mundo, pois que é o mundo sem esse amor? Adeus, não te culpes por mim, não anelo por lágrimas de esmola, nada podes contra a

força do teu coração e a ele deves obedecer, cabendo a mira render-me e entregar-me ao abraço gélido da Morte...

Agora compreendia o amor de Gumercindo, agora que era tarde e, se penava Danilo entre os mortos, penava ela entre os vivos. Penava, penava, penava! Entre todas as irmãs, a que ficara no barricão, a que mais apanhara dos pais e a que agora levava essa vida. Essa vida tão escura quanto um entardecer de temporal, como tantas vezes contemplara na saída para o quintal, desejando que o céu desabasse e nada mais restasse. A vida, as galinhas, os porcos, Dainha, Marildete e Vicente, que vida. O rádio ajudava, ajudava muito. O cachorro Toddy ajudava. Mas poucos consolos, porque nada disso era suficiente para encher o oco enorme e latejante que tinha no corpo e na mente e sobre o qual escrevia, em seus cadernos secretos, às vezes longos poemas que raramente lia e pensava em incinerar, mas aos quais voltava a intervalos prolongados, passando então os dias em silêncio, sentada na cadeira de balanço da sala com o rosto enrijecido.

Poucas, muito poucas, as compensações que conseguia — e todas elas conquistadas, nada caído do Céu. Como acabara de acontecer com Deoquinha, que, depois de assediá-la com êxito, aproveitando-se da fraqueza nervosa posterior ao fim do noivado, a abandonara à medida que ela murchava — e da pior forma, aos bocadinhos, sem nunca explicar

nada e a evitando como tainha evita xaréu. Justiça para com ele, justiça para com ela, e ainda era pouca, pois não havia no mundo o que lhe pagasse o sofrimento. Se queria favores dela, que também lhe fizesse favores. Já deixara passar oportunidades em demasia, havia muito que decidira ser e fazer exclusivamente o que lhe interessava e beneficiava. Mais uma mulher para Deoquinha não queria dizer nada, com ela não tinha querido dizer nada da primeira vez. E que fosse irmã, e daí? Mais razão ainda, porque Benedita nunca lhe dera nada e sempre tivera tudo, continuava a ter tudo e se queixava de barriga cheia. Cadinha se olhou mais fundo no espelho, ergueu o queixo com decisão. Pensando bem, estava era prestando um grande serviço à irmã, convencendo-a a deixar César Augusto tirar documentos como seu filho. Ela não era tão agarrada à igreja e aos padres, não era tão católica apostólica romana? Então era um serviço mesmo, que devia até ser pago por ela, como pagou Deoquinha.

E pagará mais, pensou Cadinha. Porque, fazia cerca de uma hora, chegara recado dele. Que ela o esperasse às três em ponto, porque tinha um assunto importantíssimo a tratar. Ora, com certeza era mais outro favor, ou um favor em cima do primeiro. De qualquer forma, nada de graça. Nada de graça para ela, nada de graça para ninguém. Para começar, tinha gostado de voltar a estar na cama com Deoquinha, pois não só era cama, que até era o

de menos, mas principalmente demonstração e desfrute de seu poder, e ia querer estar de novo e estar sempre que quisesse. E as reformas na casa eram pouco. Por que não um dos terrenos grandes da Ponta do Trilho? Por que não uma certa quantia todo mês? Nada estava fora de consideração, tudo dependia do que ele pedisse. E conseguir o que ele pedisse dependia dela e o que dependia dela havia que ser em proveito dela. O relógio da sala bateu as três, Deoquinha ia chegar, Cadinha deu uma última olhada no espelho e pensou num verso que começaria mais ou menos dizendo que a infelicidade é a felicidade dos infelizes.

Capítulo XIV

O marinheiro alemão foi preso porque parou bêbedo no largo da Quitanda, bem na hora do maior movimento do domingo de manhã, no desembarque do navio de passeio, tirou da barguilha aquela rola branca parecendo uma torebinha de queijo de coalho e deu uma mijadona no oitizeiro maior, sem nem se virar de costas para a maior parte dos presentes. Pode ser até que, na Alemanha, o indivíduo usufrua do direito de urinar na frente das senhoras e senhoritas, até porque se sabe que o gringo muito branco, de modo geral, tem por costume, toda vez que pode, ficar nu no meio dos outros, inclusive mulheres e crianças, deles ou dos outros. Mas isso é lá na terra deles, onde quem já foi diz que só faz sol um domingo por ano e o resto é gelo de quebrar as orelhas, porque aqui temos abastança de sol até demais e não somos adeptos desse negócio de ir sacando a estrovenga em logradouro público de respeito. Podia ser o que fosse, podia ser até americano dos mais importantíssimos, que não ia ficar por isso mesmo, como, aliás, não ficou.

Parecendo um busca-pé azuretado, sai de lá da quitanda de Juvenal, me compreenda uma coisa, Lourenço Potó, já com umas oito no juízo, chega

junto do alemão, não espera nem que o desgraçado bote a piroqueta lá dele para dentro das calças e lhe dá um sopapo no pé do ouvido que o alemão atravessou a banca de Almério com laranja e tudo, a banca de Vivinha com manga e tudo e o caminho até o sobrado, até se estatelar junto de uma porta, visto Lourenço, além de ignorante pela própria natureza, ter sido criado no sururu e leite de cabra desde pequenininho e ter a mão mais ou menos do tamanho de uma jaca das médias. E, se não é a autoridade que Juvenal, padrinho dele, tem sobre ele, esse alemão podia ter encomendado a alma a Deus, porque Lourenço não ficou satisfeito com o primeiro tabefe e partiu para torcer o alemão como quem espreme uma toalha molhada, mas aí Juvenal chegou lá, patati-patatá, porque tal porque vira, ouça a voz de seu padrinho, e Lourenço desistiu na horinha em que já estava pegando os dois braços e uma perna do alemão para começar a torcer.

Aí foi aquele negócio, juntou gente, o alemão acordou ainda mais bêbedo do que já estava antes, ficou de olho arregalado, dizendo "eu bom pessoa, eu bom pessoa!", mas, em suma, prenderam logo o bicho. Mocorota, aliás Sua Excelência, o delegado Dr. Marcos Massaranduba, apareceu em pessoa, disse que o alemão acabara de ser surpreendido vertendo água em praça pública, em flagrante ultraje ao pudor, e que podia ser alemão, mas era um bom filho-da-puta e ia cair na chave tão certo como o porco ronca e a galinha cisca. O soldado

Rominivaldo e o cabo Lincoln seguraram o homem, segurou um cada braço e foram levando o elemento para a cadeia bem justamente no exato instante em que — quando tem de acontecer, acontece; olhem que ela nunca passava por ali naquela hora, mas quis o Inimigo que, nesse dia, tivesse se atrasado por causa de uma amiga veranista que chegara da cidade —, desencalmada e desinformada, Adenilde dobra a esquina e quase se bate com ele, que arregalou ainda mais os olhos.

— Dorrothy! Dorrothy! — gritou ele, com vários etcéteras que ninguém entendeu, porque eram na língua dele. — É eu, Hans Peter! Ser eu, Hans Peter!

Erinstidu, ichibiníchi, dassísti, chaisse, entichuldingungue, achitungue, isso e aquilo, vários gritos, quase que ele se soltando da mão da autoridade — e só "Dorrothy, Dorrothy!" — e Adenilde, coitada, sobremaneira pálida e perdendo o fôlego, com aquele gringo maluco berrando esse nome "Dorothy" na frente dela. Que infelicidade, foi a última vez em que foi vista viva em público, porque só conseguiu falar "eu não me chamo Dorothy, eu não me chamo Dorothy", começar a amolecer as pernas, revirar os olhos e se desmanchar no chão. E o gringo só "Dorrothy, Dorrothy!", a ponto de Mocerota, que, justiça seja feita, só batia em preso em caso de verdadeira necessidade ou merecimento, ter tido que lhe dar umas quatro bordoadas, com a finalidade de que ele parasse a matraca.

Conduzido o alucinado teutão para a cadeia pública, Mocarota fez vir o escrivão Zenobio Merdinha — assim chamado somente à boca pequena, pela frente sendo respeitado como Zenobio Puro, que ele pensava que era porque ele era considerado uma pessoa pura, mas era só para ninguém esquecer o apelido verdadeiro —, a fim de tomar o depoimento do indigitado. Mas este não entendia nada do que lhe falavam, nem ninguém entendia nada do que ele falava, a não ser essa tal de Dorothy que ele confundira com a pobre da Adenilde, a essa altura passando mal em casa e com certeza achando que tinha visto o Cão. Sugeriu então Zenobio Merdinha que se convocasse René de Dida, suíço arquiviliardário que veio passar um dia na ilha e hoje tem pavor de botar os pés fora daqui, o qual fala todas as línguas e é esperto em todas elas e está cada vez mais rico em todas elas. Sempre muito prestativo, René pegou uma de suas motocicletas último tipo e foi lá, fazer a tradução do alemão mijão, que agora parara de uma vez por todas de berrar "Dorrothy, Dorrothy!", porque Mocarota ficou um pouco impaciente e lhe enfiou uns quatro chumaços de estopa na boca, Mocarota é uma flor de pessoa, mas ninguém lhe pise nos calos.

Aí é que muitos hoje acham, depois de bastante matutar e remoer o espinhoso tema, que tudo começou. E a tal coisa, não se vai acusar René de nada, porque, apesar de suíço, nunca quis tomar o dinheiro de ninguém e nunca se achou mais porreta

do que ninguém aqui, só causando um certo ressentimento quando casou com Dida, a melhor, mais admirada, mais gostosona, mais elegante, mais chique, mais inteligente, mais bela e mais cobiçada mulher de todo o Recôncavo e, se fosse divulgada, de todo o Brasil, negra lindíssima, a rainha de Sabá encarnada. Mas também aqui na ilha, doloroso é reconhecer, não tinha talher para Dida, só mesmo um suíço arquibiliardário e cheio de charmosidades como René, em certos pontos temos que ceder, ninguém pode ser perfeito. Enfim, ninguém vai dizer isso aqui de René, mas errar é humano e o suíço também humano é. E não se vai declarar que ele errou de propósito, foi um problema da psicologia dele, a psicologia nem sempre é levada em consideração, mas influencia muito no desempenho do indivíduo.

Em primeiro lugar, René, apesar de se dar bem com todo mundo, pagar mesas e receber em belas festas, fazia que tinha, mas não tinha, essas boas relações todas com Deoquinha, nem este com ele, apesar de se comportar mais ou menos da mesma forma. Os negócios afastam os homens e o pecado da inveja atinge os corações dos oficiais do mesmo ofício. Se é cantor e diz que é amigo do cantor, é mentira. Se é pintor, a mesma coisa, carpina idem, pescador tal e qual, rico igualmente. Então era um comprando coisa nova, era outro rebatendo no seu terreno. Era um abrindo loja, outro abrindo armazém. Era um arrendando hotel, era outro

comprando pensão. De maneira que, por mais que René não quisesse, os olhos com que via Deoquinha não eram desinteressados, nem benquerentes, nem compreensivos. É da natureza humana, não se pode fazer nada.

Em segundo lugar, René fala português muito bem, mas não deixa de ser suíço, de forma que certas palavras lhe trazem dificuldade, como quando quiseram que ele entendesse língua de médico ou de advogado, com as quais quem nasce aqui enfrenta renhidas porfias que quase sempre perde, quanto mais um suíço. Também não se vai falar mal do delegado Mocerota, pessoa muito benquista e de ótima família, incapaz de um ato de baixeza, mas não se pode esquecer do episódio de Marivalda, que abandonou Mocerota por Deoquinha num curso de Carnaval, na frente de todo mundo. Não se trata de pensar mal, trata-se de conhecer as fraquezas do homem e talvez assista razão a quem diz que, no depoimento, que hoje está desaparecido, mas há dois ou três que o viram, Mocerota traduzia para delegadês e advogadês o que René falava, e René não entendia, mas confiava e acabou assinando tudo sem nada maldar.

Em terceiro lugar e, sob certos aspectos, não menos importantemente, vinha René a ser protestante. Ninguém na ilha nunca teve nada contra os protestantes, que são hereges, mas também são filhos de Deus, nada desse negócio de dar pedrada em igreja de protestante, como antigamente. Pelo

contrário, quem tem birra com os católicos são os crentes, achando sempre que estamos palestrando com o Demônio e pecando por todos os buracos do corpo. René não é desse tipo de crente, é até um tipo de crente que, olhando assim, ninguém repara. Mas a verdade é que é crente, nasceu crente, foi criado como crente e, para ele, desmoralizar a devoção de uma beata como Adenilde e a santidade de Benedita não ia ser ordinárice, mas afirmação do que ele achava certo. Isso também tem de ser compreendido, para o esclarecimento do hoje mais que provado como falso e falsificado depoimento vergonhoso do alemão safado e seu desintencional inocente útil. Mas o trabalho maldito de Belzebu não deixou de ser feito em parte, até com a visita da Morte, e por pouco não correndo um rio de sangue pelas ruas da ilha.

Capítulo XV

Ninguém, nem mesmo Zenobio Merdinha, que, aliás, não toca no assunto, como na verdade ninguém toca, sabe ao certo o teor do depoimento do alemão. Sabe-se que ele primeiro disse conhecer Adenilde de longa data. Conhecia-a tanto, aliás, que soubera logo tratar-se dela, mesmo nunca a tendo visto antes naquele traje quase monjal, logo ela, notável por usar as roupas mais berrantes e ousadas, além de pintar-se e perfumar-se das unhas dos pés à raiz dos cabelos, que tampouco ele jamais vira presos, só os vira sedosos e fluído sedutoramente sobre os ombros. Só que a conhecia pelo nome de Dorothy, numa certa casa de alto meretrício, especializada em marinheiros estrangeiros e renomada nos quatro cantos da Terra, com a fama levada pelos seus frequentadores. Casa de respeito, onde ele fizera freguesia e amizade com Dorothy, ali estranhamente chamada por aquele apelido impronunciável. Com ela e com uma companheira íntima dela, que atendia pelo nome de Manon e que devia morar ali mesmo, podendo até ser chamada para testemunhar em seu favor, já que Dorothy estava agindo de forma tão estranha. Elas nunca lhe tinham contado que moravam na ilha, mas tinham dito, ao longo dos anos em que se encontraram, às vezes até três temporadas em um só ano, que não residiam no

bordel e, sim, na mesma cidadezinha do interior, de onde sempre saíam juntas quando chegavam navios estrangeiros, porque a brasileiros elas não gostavam de atender e chegavam a esconder-se deles, nos raros casos em que alguns apareciam. Então, se Dorothy morava ali, também devia morar Manon, ninguém conhecia Manon?

O espírito maldoso natural do homem a essa altura despertou nos presentes, não por ruindade, mas por uma questão de naturalidade mesmo. René de Dida primeiro ficou vermelho e depois começou a pigarrear, Mocerota deu para andar de um lado para o outro parecendo uma lançadeira de máquina de costura, instalou-se grande nervosismo. Seria... Poderia... Absurdo! Infâmia, só dando mais umas porradas nesse alemão para ele deixar de caluniar as mais incaluniáveis das mulheres. Pois, pois o gringo podia ser maluco mesmo, piorado pela cachaça, mas, com aquela conversa, levantava indiretamente o nome de Benedita. Claro que era mentira dele, mentiroso safado. Levou mais uns dois cachações de Mocerota e foi aí que a investigação policial começou a dar resultados, pois apareceram logo as falhas no depoimento do marujo exótico.

Perguntado onde se localizava a citada casa de tolerância e qual o seu nome, não soube responder. Disse que a casa havia mudado de endereço sem que o avisassem e, por isso mesmo, havia se desencontrado dos amigos e tomara o vapor para a ilha, sem nem saber direito aonde estava indo. Muito

mal contada, essa história, muito mal contada. Onde já se viu marinheiro não saber o nome do puteiro obrigatório, se perder assim dos outros, o bordel mudando de endereço porque não devia existir — tudo invenção daquele branco safado, piorada porque René não entendia direito o que Mocerota lhe pedia para confirmar, antes de ditar a Zenobio Merdinha.

— Ele disse que comia as duas, mas era mais chegado a Manon.

— O depoente declarou que mantinha concúbite com ambas as supostas indigitadas, mais amiudemente com aquela apodada de Manon, não é isso mesmo?

— Hum, isso mesmo — respondia René, que não queria se aborrecer muito e já estava na hora das cervejas dele.

Mais razão, por conseguinte, para levantar a certeza de que o desaparecido documento era uma infundada versão falsa de desacontecimentos inverídicos, ou melhor, a completa invenção de uma mente doentia e lunatificada pelo etilismo, além de, mesmo que aparecesse, não ter valor legal nenhum, pois, como observou depois o juiz Martiniano Conceição, amigo de infância de Deoquinha e homem que sustentava opinião sobre tudo e nunca mudava nenhuma, se tratava de uma prisão por mijada em público e não para lançar a infâmia sobre a virtude conhecida de uma santa e uma beata. Infelizmente,

na ocasião, Mocarota encarou aquilo como um atentado à honra de Adenilde, aliás prima por parte de Maricota, sua dele mãe, e, mais do que isso, o insulto de um indivíduo desqualificado e imoral contra toda a honra da cidade, que sempre se orgulhara de não contar entre seus quadros femininos nem uma só prostituta, não há caso registrado de puta itaparicana, a itaparicana pode até, em alguns casos, não se pautar pela alta castidade, mas nunca na condição de putarreles.

E toda essa conspiração se comprovou ainda mais ser obra do Demônio, para tentar manchar a santa e impor os caminhos do Pecado, em vista do acontecido nesse mesmo dia. Depois de ter ainda dado umas vinte ou trinta bolachadas no alemão por tentar difamar sua prima e a mulher mais devota da ilha ao mesmo tempo, Mocarota anunciou a René, que só ficava olhando para o relógio, porque o suíço é o homem do relógio e tudo na vida dele é pelo relógio, inclusive a cerveja, que iria buscar Adenilde para uma acareação. Aí mesmo é que o gringo descarado ia ter de reconhecer que estava bêbedo e era maluco e aquela história toda ia acabar. Sim, a prima tinha desmaiado e passado mal, mas agora já havia descansado, era uma mulher forte, que nem gripe pegava. Mocarota vestiu o paletó, botou o chapéu, ordenou que não tirassem o olho do alemão, pediu a René, que a essa altura já tinha mandado trazerem a cerveja para a delegacia mesmo, que esperasse, e foi buscar a prima.

Triste momento, cena cruel, desenlace fatal, traspasso inesquecível para Mocarota, que morreu se culpando pela morte de Adenilde. Mas como poderia ele esperar o que iria acontecer? Encontrou-a sentada na poltrona estofada, cercada de almofadas e com uma rodela de batata colada em cada têmpora. Estava com uma dor de cabeça lancinante, felizmente agora melhorando aos poucos, com a Guaraína e as rodelas de batata. Que homem louco era aquele que tanto a assustara, já estava mesmo preso e enjaulado? Sim, estava, não ofereceria mais perigo, tomaria mais umas traulitadas, talvez umas palmatoriadas, para aprender a deixar de ser descarado, ir mijar na porta da igreja de herege lá da terra dele da mãe dele e difamar as mulheres da raça dele, todas, por sinal, tidas e havidas com inteira justiça como doidas por um fumo de corda, não podendo ver um negrão dobrado na frente de que não queiram logo dele fazer uso. E agora seria plena e esmagadoramente desmoralizado e desmentido, quando a queridíssima prima se levantasse dali, o acompanhasse no curto percurso à delegacia e fosse lá olhar bem nos olhos do vilipendiador e forçá-lo, na presença de testemunhas, a confessar a verdade. Ela não ia perder a oportunidade de arrasar o canalha que lhe atribuíra pecha tão medonha, ia?

Só quem assistiu mesmo foi Mocarota, mas o que se diz é que Adenilde ficou roxa e depois alvaiade puro, deu uma espécie de gaitada troncha, se levantou, botou a mão no pescoço, disse "mas

naturalmente, o que é que você está me dizendo, o galo cantou agora, a mangueira já florou, dois e dois sempre dá quatro, crem-dôs-padre-tod-poderoso, quanto é que está o quilo da farinha" e mais uma sucessão de ditos sem colar coisa com coisa, que se via que tinha fulminantemente endoidado. Mas nunca de fato se saberá ao certo, porque, em seguida, ela fechou as mãos, abriu os braços para os lados, dizem que botou mais de palmo de língua de fora e quase que os olhos se lhe pulam das cavidades oftálmicas e então caiu dura no ladrilho, totalmente morta para sempre.

Imediatamente Mocerota, um homem daquele tamanho mas com um coração de manteiga, começou a gritar, a chorar e arrancar os cabelos e logo veio a casa toda gritar, chorar e arrancar os cabelos e, em coisa de dois minutos, toda a ilha já estava na porta da casa de Maricota, mãe enlutada de Adenilde, onde se dera o trágico trespassse. O itaparicano, é voz de todo o universo, mesmo a do invasor holandês ou do opressor português, trata bem todo mundo, não se aborrece com qualquer besteira, está disposto sempre a perdoar ou deixar para lá, não gosta de briga e ama o semelhante, mas aí de quem fira o orgulho do itaparicano, aí de quem atinja a honra de uma filha ou filho da terra! E, mesmo diante dos pedidos de calma de Mocerota, que cumpria seu dever de autoridade, a coletividade revoltada tomou a direção da delegacia. Aquele gringo nefando, que mandara prematuramente para

o céu donzela tão recatada, verdadeiro assassino, aquele desbotado amaldiçoado morreria debaixo de porrada, seria enforcado em praça pública, esquartejado por corcéis negros, jogado ao pasto dos siris na vazante — que se abrissem todos os caminhos, que desmorassem as muralhas de Jericó, a ilha era mais uma vez a Vingadora!

Capítulo XVI

Qual vagalhão proceloso que em alto-mar avassala os mais invulneráveis vasos de guerra e leva de roldão ilhas inteiras, segue a turba colérica e cada vez mais adensada, rumo à delegacia. Os minutos do alemão estavam contados, logo seu sangue e vísceras tombados sobre aquele solo sagrado seriam a hecatombe com que a ilha faria pagar aos deuses da Justiça a afronta recebida. A História, contudo, nem sempre se passa da forma esperada e, nesta matéria, é possível que novamente a radioatividade constitua fator de relevância. Sabe-se que a radioatividade itaparicana, aliada ao constante apuramento das nossas estirpes, tem influência marcante no dom do verbo e da oratória, que todo itaparicano possui, cultiva e aprecia. Não se vai negar que o Estado da Bahia é todo ele celeiro de excelentíssimos poetas, prosadores e oradores, mas, em Itaparica, o que em outras partes configura fenômeno faz parte do trivial. Quem a fortuna tiver de comparecer a Itaparica por ocasião dos festejos da verdadeira data magna da nacionalidade, o Sete de Janeiro, ouvirá discursos só comparáveis, em muitos casos favoravelmente, aos que fazia o padre Vieira na Sé e, se a sorte o agraciar, poderá até mesmo escutar a palavra sem rival de Ary de Maninha, no palanque do Campo Formoso.

Isto posto, não se coadunaria com as melhores tradições da ilha proceder-se ao linchamento do alemão antes que fossem ouvidos alguns pronunciamentos de capital importância. Ainda no batente mais alto do sobrado da finada Miloca, bem antes de se chegar à delegacia, Balduino Jacaré fez um gesto para a multidão e deu sinal de discurso mediante o já consagrado pigarro rouco seguido de uma assoada de nariz, com o vasto lenço que agora permaneceria alternadamente desfraldado e amarrotado, como componente essencial de sua magistral quironomia. Começou também no estilo que já o individualizara na plêiade dos grandes oradores da ilha — pausado, grave, quase meditabundo, para, em seguida, numa gradação de suserano do ritmo e da melodia, chegar à indignação vulcânica com que lançava a platéia a transportes de ânimo inexcedivelmente arrebatadores. E, com muitos em lágrimas e outros entoando hinos guerreiros, prosseguiu um tanto a marcha e se manifestou outro tribuno, quiçá ainda mais alcandorado que Balduino Jacaré, o major reformado Nabucodonozor Ozório, que, com a presteza conferida pelas lides militares, já aparecera de farda, espada e condecorações. Em brevíssima alocução, aludiria à vocação militar de ilha aparentemente tão amante da paz. Amante da paz, sim, mas sempre pronta a agigantar-se no campo de batalha, qual David entre dúzias de Golias. Pela paz, com a paz, da paz, em paz, à paz, de paz sempre fora, mas ninguém mais do que ela sabia que a guerra era

muitas vezes o alicerce da paz. *Si vis pacem, para bellum!* Para a guerra se aprestassem todos, que viessem todas as Alemanhas, que viesse a Europa em peso! O pó da derrota que inalara tão esmagadamente nos campos de antanho seria outra vez o escarmento de sua insolência!

E medida justa da fúria da turba que apenas dois outros oradores ainda se tenham feito ouvir, o primeiro dos quais com respeitosa relutância, dado tratar-se do idoso coronel Vicente Mendes Patracanho, da Guarda Nacional e homem cujos muitos haveres lhe conferiam natural dignidade, mas cuja mente, sob o perverso assédio de seus bem mais de noventa verões, já às vezes lhe faltava ao corpo, de maneira que, desempenado e rijo como um dendezeiro novo, a voz ainda capaz de comandar batalhões, costumava narrar histórias sem começo, meio ou fim, embora, para contentamento de todos, nunca objetasse a ser sustado, quando então batia palmas para si mesmo e abraçava os circunstantes com efusão, agradecendo a elogios que ninguém lhe tinha feito. E o segundo, aliás segunda, também mereceu atenção, porque a mulher itaparicana de cultura sempre se sobressaiu em todos os ramos do saber e do fazer adequados à natureza feminina, encontrando-se entre estes a oratória cívica e poética, bem como a declamação, já o teatro sendo coisa mais de livres-pensadoras de comportamento licencioso, que aqui não temos nem queremos ter e, quando queremos, mandamos buscar fora. E

discorreu então, depois de algumas estrofes de Castro Alves, Fagundes Varella, Gonçalves Dias, Basílio da Gama, Casimiro de Abreu e o moderno Olegário Mariano, sobre as heroínas da portentosa história da ilha e seus feitos formidolosos. Secundou, sob o ponto de vista da fragilidade feminina, que, se bem usada, se transfigurava em força irresistível, os pontos de vista do major Nabucodonozor e ainda se preparava para pouco mais de meia hora de discurso, esta parte em memória da infaustamente desaparecida Adenilde, quando um desgrenhado e salivante Mocerota, sem que ninguém tivesse visto como ele lá chegara, apareceu na janela gradeada da delegacia, segurando à sua frente, pela nuca, o criminoso germânico. A comoção se espraçou pela horda como o sulco de uma grande embarcação se espraia em ondinhas sobre a areia.

— É ele!

— Forca!

— Primeiro chibata, primeiro chibata!

— Degola logo!

E já se selaria o sanguinoso fim do alemão, quando novo tumulto se declara, desta vez pela orla da multidão, à distância da delegacia. Cabeça atrás de cabeça se virando, bocas se falando, ouvidos se espichando, olhos se apurando, logo um nome paralisava a multidão como se houvera toda ela se convertido numa escultura de rocha.

— Benedita!

Sim, não havia dúvida, a mínima dúvida. De xale na cabeça, vestido lilás abotoado até o pescoço, cercada por alguns de seus negros e amas, ar severo e decidido no rosto empinado, Benedita abria caminho em meio à aglomeração como Moisés fendendo o Mar Vermelho. Que mulher, que coragem, era ela vindo para encarar o ofensor! Que desejaria ela? Até mesmo ela, que tudo perdoava e compreendia, agora tencionava vingar pessoalmente a morte de sua melhor, talvez sua única amiga verdadeira? Momento assim tão grávido de iminência pouca gente ali havia testemunhado, nem jamais testemunharia. Até o mar e o vento fizeram silêncio, enquanto Benedita chegava a uns dez passos da janela da delegacia, onde o rosto do alemão se iluminou.

— Manon! — gritou ele. — Focê Manon! Manon! Rilfe!

E desatou no palavreado dele — porque Manon rilfe, porque Manon zaguidu, porque Manon unterralte viruns, porque der, porque di, porque das, porque alzô e diversos novos etcéteras em língua tedesca, que ninguém entendeu, mas Mocarota se retou, deu dois taponas na cabeça dele e já se preparava para levá-lo para a execução pública do lado de fora, quando Benedita levantou a mão, num verdadeiro gesto da santa que sempre foi e será por toda a Eternidade, falou para que todos ouvissem e todos a ouviram. Não estava vindo ali para a

vingança, mas para o perdão. Nada do que fizessem restauraria a vida de sua amadíssima Adenilde. Deus a quisera assim levar e cumpria respeitar Sua vontade, pois amar a Deus sobre todas as coisas é o primeiro dos Mandamentos. Ali estava um pobre louco, a padecer entre delírios e alucinações, punição mais do que suficiente para os pecados que insanamente cometera. Que o soltassem e o deixassem em paz para voltar para sua terra e, pelo menos, já que tinha que ser infeliz, ser infeliz entre os seus. Que importava o que tinha dito o pobre louco? Acaso alguém ali acreditava em uma só palavra do que dissera por meio de René e que toda a ilha já ouvira, quiçá de forma até deturpada pelo passar de boca em boca? Que razão havia para prestar atenção aos desvarios de um demente, um pobre coitado que só merecia indulgência e preces por sua alma já quase danada? Não, não, fossem para suas casas, acendessem uma vela a seus santos, fizessem orações e dormissem com Deus, já lhes tinha sobrevivido mal em demasia.

Assim falou Benedita, santa mulher, e um manto de paz pareceu descer dos céus sobre toda a ilha. Como alguém pudera chegar a passar nem perto de suspeitar dela? Aliás, ninguém havia suspeitado nada, Deus era testemunha, fora só o nervosismo do momento. Ela viera até a delegacia por livre e espontânea vontade, fora até chamada por nome de mulher- dama, mas pairara acima de tudo e mostrara o valor da verdadeira cristandade e o exemplo

divinal que a mulher deve imitar em toda parte. Benedita, Benedita, que homem feliz era Deoquinha, que estrela tinha na testa, que bela sina lhe coubera, que destino iluminado!

Capítulo XVII

Em tudo isso acabava de pensar agora Lourival Divino Beijo, que fizera parte da multidão naquele dia inolvidável, até carregando umas pedras nas mãos para jogar no alemão, pedras estas que deixara escorregar para o chão sem sentir, após ouvir Benedita. De repente saiu da memória e retornou ao quarto em que estava diante do cadáver de Deoquinha. Sim, andara não sabia quanto tempo ali devaneando, tantas lembranças, tanta vida vivida, tudo parecendo não ter levado mais que um minutinho, tudo tão ligeiro quanto um mergulho de gavião. Mas não podia pensar mais nisso, havia o que fazer, a morte chegava, mas a vida não parava. Olhou em redor, sua irmã Tinoca não estava mais ali, devia ter tentado falar com ele sem conseguir chamar sua atenção e certamente, desmiolada e falastrona como era, já estava contando o sucedido a todo mundo.

Aliás, pensando bem, o que o tinha tirado daquelas lembranças, tão longínquas e tão próximas, haviam sido as batidas na porta. Estavam batendo na porta, sim, isso era o que o tinha despertado. Batiam cada vez mais forte, certamente acabariam por arrebentar a porta, e Lourival foi abri-la sem perguntar quem era. E nem precisava, porque era a Gameleira completa, homens, mulheres e meninos,

todos gritando e querendo entrar ao mesmo tempo, a ponto de Lourival, que não era homem dessas coisas mas há certas horas em que a necessidade impera, se coçar, sacar o revólver de investigador que nunca largava e dar um tiro para cima que abriu um rombo nas telhas, encheu de poeira o quarto e fez a maioria correr e os outros se aquietarem.

Não foram fáceis as manobras, deliberações, discursos, apartes e até questões de ordem, estas apresentadas proliferamente por Libório Duas Cobras, que agora era vereador e achava que tudo o que ele queria dizer e os outros não escutavam era questão de ordem. Mais de quatro horas decorreram entre o início dos debates, ocorrido no próprio quarto, e o encerramento, realizado na pensão de Augusto Bode, sob os protestos de alguns que ainda queriam falar, acusações de totalitarismo e algumas inimizades incipientes. O problema principal era, naturalmente, como fazer chegar à viúva Benedita uma notícia que trazia uma desgraça embrulhada em outra. Não só lhe morrera o marido, como morrera empernado com uma rapariga. Como desferir mais esse rude golpe em dama tão castigada pela vida e tão temente a Deus? Quem tinha coragem? Todas as soluções imagináveis foram propostas, até mesmo transportar o corpo a Salvador e de lá trazê-lo de volta, contando que o passamento se dera durante um encontro de negócios. Mas acabou-se por decidir em favor da verdade, sempre o melhor dos caminhos, por mais áspero que se afigure ser. Afinal,

Benedita já sabia mesmo que Deoquinha tinha uma rapariga em cada esquina. Diriam apenas que ele morrera de repente em visita à Gameleira, ela que adivinhasse, como sem dúvida adivinharia, o resto. E assim formou-se uma comissão de amigos do pranteado, que se incumbiu de dirigir-se à viúva, para cumprir o doloroso e impostergável dever.

Durante a jornada, os cinco membros da comissão, da qual Lourival, embora grande amigo da família, muito compreensivelmente se escusara, dada sua melindrosa condição de irmão da comborça em pauta, partilhavam dúvidas sombrias sobre como reagiria Benedita. Possivelmente até o padre a considerasse no pleno direito de sequer ir ao enterro, quanto mais velar o defunto e mandar rezar missa. Essa era a realidade inescapável, pois nem Deoquinha estava acima de certos limites. Rapariga, sim, mas morrer no ato, principalmente numa terra e numa família que sempre se orgulhou de belas mortes, não era coisa que se fizesse. Deoquinha dera azar pela primeira vez em sua vida e ainda assim dera sorte, porque não viveu para ver o seu azar, que agora caía nas costas dos outros, pelo menos respingando. Escolheriam um orador oficial, ou falaria aquele que na hora se inspirasse? Levariam logo o Dr. Marinho, para o caso de ela sofrer uma síncope?

E ainda discutiam sem em nada concordar, quando chegaram à casa de Deoquinha e viram logo que não tinham mais o que fazer. No salão do

sobrado, com as janelas todas abertas, já estava, esperando o caixão, um estrado de sucupira rodeado de flores, uma mesa com café, bolos e vermute, velas acesas em cada cantoneira e sobre as cômodas, tudo preparado para a sentinela de Deoquinha. Só não estava lá Benedita, ainda recolhida em seus aposentos na companhia das filhas, mas, antes, com os olhos vermelhos e a voz trêmula porém decidida, tinha tomado todas as decisões, desde despachar o saveiro João das Botas para buscar o corpo na Gameleira até mandar diversos positivos dizer a quem interessar pudesse que todo e qualquer filho de Deoquinha, com toda e qualquer mulher, tinha direito e obrigação de ir ao velório do pai, que sempre fora bom pai para todos, como também essas mulheres e seus filhos meios-irmãos do filho de Deoquinha. Que sabia perfeitamente da vida de Deoquinha e não seria ela quem iria querer negar esse direito cristão e católico apostólico romano a quem quer que fosse, sangue era sangue e tinha de ser respeitado.

Mesmo se conhecendo a grandeza e a santidade de Benedita, como a ilha já estava cansada de conhecer, caíram os queixos de quase todos. Então, pela primeira vez na História da ilha, talvez pela primeira vez na História da Humanidade, se viu aquele indizível espetáculo, dezenas de famílias se benzendo, chorando e rezando em torno do mesmo pai, para não falar nos doze ou treze netinhos. E Benedita, se é claro que não sorria, também não

exibia carranca, antes o semblante resignado que já se tornara parte dela e que agora parecia mais fortalecido. Atrás dela, algumas parentas próximas, as agregadas mais chegadas. Ao lado dela, os filhos. Em frente a ela, segurando um terço e levantando os olhos agudos em sua direção, por baixo do véu negro, sua irmã Leocádia.

Capítulo XVIII

Que via Leocádia em frente a ela? Via, com raiva e despeito que dissimulava mas a agradavam, a irmã, feliz até no dia da morte do marido, feliz como tinha sido a vida toda, muito mais feliz do que qualquer um pudesse conceber, feliz, feliz, astronomicamente feliz, imensuravelmente feliz, tão feliz quanto o máximo que se pode ser neste mundo. E ninguém daquele povo besta jamais saberia, nem queria saber da verdade, nem adiantava nada que soubesse a verdade. Era forçada a reconhecer, que grande mulher era Benedita, que mulher esperta, que mulher que sabia viver! Porque Leocadia tinha certeza de que a história do alemão era verdadeira; não podia provar, mas tinha certeza. Tanto tinha que seu olhar se moveu e ela confirmou, num dos filhos lourinhos do casal, as feições exatas de padre Nicola, o conselheiro de Benedita na Bahia. E todos os outros, tão diferentinhos entre si, só um ou outro se parecendo e assim mesmo não com Deoquinha, mas com a mãe. Pensando bem, podia até ser mais fácil achar filhos verdadeiros de Deoquinha na rua do que em casa, pois era até bem possível que nenhum dos filhos de Benedita, talvez com a exceção dos mais velhos, fosse dele, quem iria saber?

Ninguém iria saber, pensou Cadinha, contemplando invejosamente Benedita e, num impulso que não conseguiu conter mesmo passados tantos anos, fixou o rosto da irmã, assegurou-se de lhe ter capturado a atenção e então formou pausadamente com os lábios a palavra "Manon". Manon, repetiu Cadinha e poderia jurar pelo resto da vida que, antes de baixar de vez o rosto, Benedita mostrou a sombra de um sorriso, deu um sim de cabeça quase imperceptível e seus olhos brilharam de maneira insuportavelmente feliz.

Anotação em português

Autor: Bc. Barbora Lebánková

Título da tese: Tradução dos capítulos escolhidos e análise do livro de João Ubaldo Ribeiro *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*

Orientador da tese: Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.

Número de caracteres: 126 708

Número de anexos: 1

Número de referências bibliográficas: 28

Palavras-chave: literatura brasileira, Brasil, português, João Ubaldo Ribeiro, escritor brasileiro, tradução, literatura, português brasileiro, Nordeste, regionalismo, romance regionalista, análise literária, literatura modernista

Caracterização breve da tese: Este trabalho enfoca a análise literária e estilística do romance regionalista *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* do autor João Ubaldo Ribeiro juntamente com a tradução de vários capítulos de português brasileiro para o checo.

Anotação em inglês

Autor: Bc. Barbora Lebánková

Título da tese: Translation of chapters and analysis of a book by João Ubaldo Ribeiro *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*

Orientador da tese: Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.

Número de caracteres: 126 708

Número de anexos: 1

Número de referências bibliográficas: 28

Keywords: Brazilian literature, Brazil, Portuguese, João Ubaldo Ribeiro, Brazilian writer, translation, literature, Brazilian Portuguese, Northeast, regionalism, regionalist novel, literary analysis, modernist literature

Brief characterization of the thesis: This work focuses on the literary analysis of the regionalist novel *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* by João Ubaldo Ribeiro along with the translation of several chapters from Brazilian Portuguese into Czech.